



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Fernanda de Oliveira Felix de Almeida

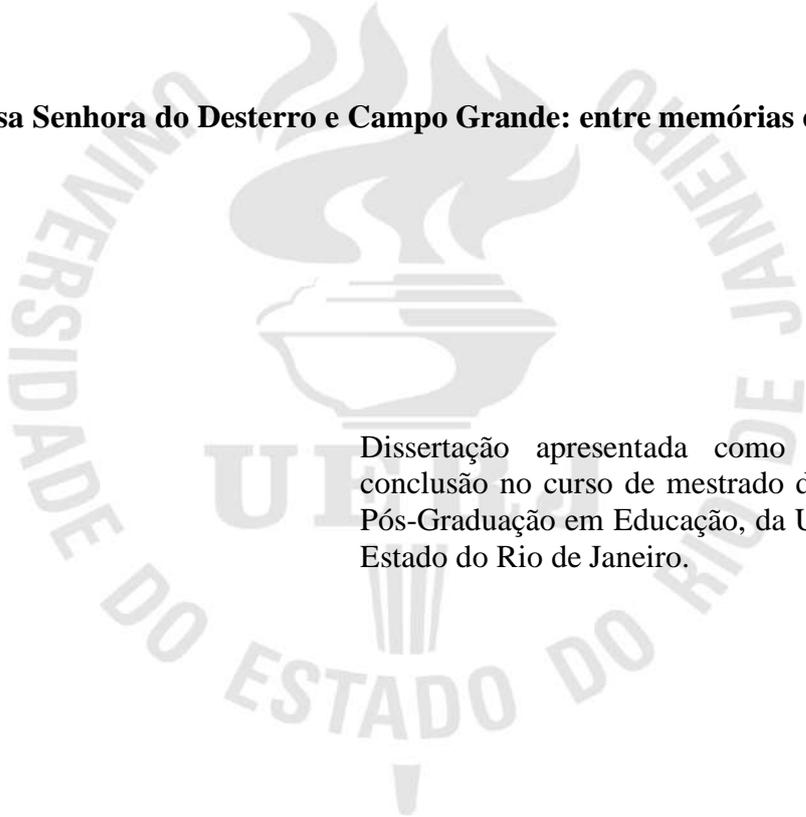
**Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande
entre memórias e histórias**

Rio de Janeiro

2021

Fernanda de Oliveira Felix de Almeida

Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias



Dissertação apresentada como requisito para conclusão no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Paula Leonardi

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A447 Almeida, Fernanda de Oliveira Felix de.
Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias / Fernanda de Oliveira Felix de Almeida. – 2021.
126 f.

Orientadora: Paula Leonardi
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Rio de Janeiro – Teses. 2. Paróquia Nossa Senhora do Desterro – Teses. 3. Igreja Católica – Teses. I. Leonardi, Paula. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37::2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fernanda de Oliveira Felix de Almeida

Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias

Dissertação apresentada como requisito para conclusão no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de novembro de 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Paula Leonardi (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio De Janeiro - Uerj

Profa. Dra. Aline de Moraes Limeira Pasche

Universidade do Estado do Rio De Janeiro – Uerj

Profa. Dra. Evelyn De Almeida Orlando

Pontifícia Universidade Católica - Puc/Pr

Profa. Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro – Uerj

Profa. Dra. Nailda Marinho Da Costa

Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro - Unirio

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que me ajudou e me ouviu nas horas de aflição. Ao meu marido, Wallace, que não mede esforços para me ver feliz e que sempre acreditou em mim. À minha avó Ignez (in memoriam), minha mãe Rita e minha irmã Ignez, por sempre serem modelos para mim. Ao meu pai e meu irmão Pedro, por todo apoio e motivação de sempre.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esse momento muito feliz e importante para mim agradecendo a orientadora Paula Leonardi. Acredito que orientar alunos não seja uma tarefa fácil e orientar alunas com eu, que estavam afastadas há um tempo da universidade, que necessitavam de muita ajuda, em meio de uma pandemia, foi um ato de coragem e resistência.

Eu tinha muitos fatores para o fracasso. Porém, minha orientadora não desistiu de mim. Me ajudou da forma mais didática possível, disse que eu poderia, que acreditava que eu conseguiria. E eu consegui. Me orientou e me ajudou não apenas nos textos ou nos trabalhos, mas na vida.

Agradeço ao meu marido, Wallace, que disse para mim que eu conseguiria mesmo quando eu achava que não. Meu maior motivador, melhor amigo e amor da minha vida!

Agradeço ao meu pai, por sempre me apoiar e motivar em todos os momentos.

Agradeço ao meu irmão Pedro que sempre esteve ao meu lado me motivando.

Agradeço, também, às três mulheres fundamentais na minha vida: minha avó Ignez (*in memoriam*), minha mãe Rita e minha irmã Ignez sem elas, eu não seria quem sou. Eu as amo com tudo que tenho. Três mulheres que cuidaram de mim, que me amaram, que choraram e torceram comigo e me carregaram até aqui. São mulheres fortes, de luta, que desbravaram o mundo para que este fosse mais fácil para mim. Todo o meu amor e respeito às mulheres de minha vida.

Não poderia deixar de citar com grande carinho e emoção o nosso grupo de pesquisa GEHERRIO, onde fui acolhida por todas e todos, fiz amigos e recebi muita ajuda. Nosso grupo não se limita apenas ao contexto acadêmico: nos ajudamos e aconselhamos para a vida. Durante a quarentena, nosso grupo foi uma verdadeira rede de apoio para mim em momentos difíceis, assim como para todos. E, por isso, serei sempre grata.

RESUMO

ALMEIDA, F. O. F. *Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias*. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2021.

Esta dissertação tem como objeto a Paróquia Nossa Senhora do Desterro, situada no Bairro de Campo Grande, município do Rio de Janeiro, e sua atuação e percepção local através de entrevistas e revisão bibliográfica. O presente trabalho está inserido na fase atual da pesquisa do Grupo de Estudos de História da Educação e Religião do Rio de Janeiro (GEHERRIO), que busca compreender a presença da Igreja Católica na cultura e suas marcas deixadas na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para a construção de uma memória coletiva. Nesta pesquisa busco compreender, através de indícios, sinais, palavras, quando e como a Paróquia Nossa Senhora do Desterro foi criada ou implementada naquele espaço. Procuo, também, entender, por meio das disputas de memórias, qual o lugar da Paróquia no bairro e como foram e são desenvolvidas as experiências educativas e práticas sociais da igreja em Campo Grande e ainda, de que maneira essas experiências e práticas são percebidas/rememoradas por parte da população local. O trabalho apoia-se na concepção de história de Bloch (2001) e sua visão de como o historiador deve pesquisar e ampliar suas fontes, podendo se apropriar de conhecimentos de diferentes campos disciplinares, com a finalidade de estudar seu objeto a partir de diversos ângulos, sem, entretanto, esgotá-lo. O conceito de memória coletiva a partir de Halbwachs (1986), fenômeno que surge da interação social, e de educação da e pela memória, de Almeida (1993), auxiliarão nas análises. As práticas de pesquisa envolvem a pesquisa documental em arquivos públicos e privados, tendo como base a concepção ampliada do que se considera documento e de como analisá-lo. As entrevistas seguirão as propostas de Bourdieu (1993), que aponta para o estabelecimento de um vínculo que propicie um momento de conexão que traga mais liberdade e dinâmica de maneira a reduzir o desconforto natural de uma entrevista, sem questionamentos ou posições hierárquicas, sem juízos de valores, buscando uma interação que diminua as distâncias entre o entrevistador e o entrevistado em uma situação de empatia.

Palavras-chave: Bairro de Campo Grande. Paróquia Nossa Senhora do Desterro. Memória. Igreja Católica. Educação.

ABSTRACT

ALMEIDA, F. O. F. *Nossa Senhora do Desterro Church and Campo Grande: between memories and stories*. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2021.

This dissertation has as its object the Nossa Senhora do Desterro Parish, located in Campo Grande, municipality of Rio de Janeiro, and its performance and local perception through interviews and literature review. The present work is inserted in the current phase of the research of the Grupo de Estudos de História da Educação e Religião do Rio de Janeiro (GEHERRIO), which seeks to understand the presence of the Catholic Church in the culture and its marks left in the city of Rio de Janeiro, contributing to the construction of a collective memory. In this research I look forward to understand, through clues, signs, words and documentations, when and how the Nossa Senhora do Desterro Parish was created or implemented in that space. I also seek to understand, through disputed memories, what is the place of the Parish in the neighborhood and how the educational experiences and social practices of the church in Campo Grande were and are developed, and also, in what way these experiences and practices are perceived/remembered by the local population. The work is based on Bloch's (2001) conception of history and his vision of how the historian should research and broaden his sources, being able to appropriate knowledge from different disciplinary fields, in order to study his object from different angles, without, however, exhausting it. The concept of collective memory from Halbwachs (1986), a phenomenon that arises from social interaction, and of education of and through memory, from Almeida (1993), will aid in the analyses. The research practices involve documentary research in public and private archives, based on the expanded conception of what is considered a document and how to analyze it. The interviews will follow the proposals of Bourdieu (1993), which points to the establishment of a bond that provides a moment of connection that brings more freedom and dynamics in order to reduce the natural discomfort of an interview, without questioning or hierarchical positions, without judgments of values, seeking an interaction that reduces the distances between the interviewer and the interviewee in a situation of empathy.

Keywords: Campo Grande's neighbourhood. Nossa Senhora do Desterro Parish. Memory. Catholic Church. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Paredes do bar do senhor Ernesto	26
Figura 2 -	O Sertão Carioca retratado por Magalhães Corrêa.....	30
Figura 3 -	Referências históricas no centro de Campo Grande.....	32
Figura 4 -	Recorte de jornal do jornal <i>O Carioca</i> - BN - 1944.....	32
Figura 5 -	Ilustração da Capela de Nossa Senhora do Desterro	37
Figura 6 -	Fragmento recortado do <i>blog Memórias de Campo Grande</i>	39
Figura 7 -	Fotos do <i>Jornal Zona Oeste</i>	39
Figura 8 -	Fotos do acervo da Biblioteca Popular de Campo Grande	40
Figura 9 -	Capturas de tela das páginas da <i>internet</i>	41
Figura 10 -	Vista da Paróquia em meio a urbanização do bairro	47
Figura 11 -	Dados demográficos de Campo Grande	48
Figura 12 -	Vista do trajeto da estação de trem até a paróquia	55
Figura 13 -	Igreja Nossa Senhora do Desterro.....	56
Figura 14 -	Visão da rua	57
Figura 15 -	Captura de tela da visão panorâmica do <i>Google Street View</i>	58
Figura 16 -	Reportagem sobre a comemoração da chegada da congregação espanhola na igreja.....	77
Figura 17 -	Foto no jornal da senhora Maria da Dores como uma das candidatas a Rainha da lavoura.....	93
Figura 18 -	Documentos e publicações das Pastorais.....	99
Figura 19 -	Fotos da Pastoral da Juventude	102
Figura 20 -	Foto das atividades de Ballet e Jazz	106
Figura 21 -	Panfleto da igreja digitalizado.....	106
Figura 22 -	Páginas digitalizadas da apostila da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro .	115
Figura 23 -	Imagem da Paróquia na apostila.....	116
Figura 24 -	Fotos no Jornal <i>O Amarelinho</i>	119

SUMÁRIO

	ITINERÂNCIA E INTRODUÇÃO	9
1	DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DE CAMPO GRANDE A CAMPO GRANDE: A IGREJA NO CORAÇÃO DAS DISPUTAS DE NARRATIVAS SOBRE O NASCIMENTO DO BAIRRO	29
1.1	Campo Grande ou O Campo Grande?	29
1.2	Freguesia Nossa Senhora do Desterro	32
1.3	Do rural ao urbano	42
1.4	Centralidade e periferia	49
1.5	Bairro e igreja	50
2	MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: COMO A PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO DESTERRO É PERCEBIDA NO BAIRRO DE CAMPO GRANDE	53
2.1	Campo Grande e eu	54
2.2	Campo Grande e seus moradores: uma história de amor	61
2.3	Paróquia e Campo Grande: disputas pela tutela da memória do bairro	71
2.4	Paróquia e moradores: questão de pertencimento	78
2.5	Fios soltos: para outras investigações	87
3	PARÓQUIA EM FOCO: TERRITÓRIO E PRÁTICAS EDUCATIVAS E PROJETOS SOCIAIS	94
3.1	Pastorais	97
3.2	Práticas educativas e experiências sociais	104
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	126

ITINERÂNCIA E INTRODUÇÃO

Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.

Rubem Alves

Este trabalho tem por objetivo construir uma história da presença da Paróquia Nossa Senhora do Desterro, no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro (RJ), de maneira a descrever a ação local dos agentes considerando a Igreja como repositório de memória e identidade, procurando compreender como produzem memória, quais as práticas educativas desse espaço e as representações que moradores possuem desta igreja. A Paróquia¹ Nossa Senhora do Desterro, é considerada um marco histórico da concepção do bairro de Campo Grande (MANSUR; MORAIS, 2014).

A produção desse trabalho de pesquisa, como todo trabalho de investigação, se dá, também, por nossa história de vida, nossa experiência que importa no processo. Segundo Bondía (2002, p. 21):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

A experiência tem relação direta conosco, não o que simplesmente existe, mas, do que existe, aquilo que nos afeta. Dentro dessa perspectiva, inicio minha itinerância, que não poderia deixar à margem desse trabalho, pois todos os caminhos e escolhas me conduziram até este momento de minha vida. Não se trata de trajetória, pois essa ideia, vinda das Ciências Matemáticas, apresenta uma noção de ponto de início estabelecido e de chegada determinada.

¹ O Termo “ Paróquia”, detêm vários significados, como será explicado em nota nesse trabalho. Porém, utilizo esse termo para tratar da Igreja nossa senhora do Desterro de Campo Grande. Pelo fato dela ter sido apresentada a mim como Paróquia Nossa senhora do desterro de Campo Grande pelo próprio pároco chefe em minha visita inicial. E os entrevistados se referem à Igreja Nossa senhora do Desterro como Paróquia, agregando valor e concedendo uma conotação de importância maior, até no tom como a palavra Paróquia é mencionado por alguns entrevistados. Ao pesquisar inicialmente essa igreja, ela é apresentada nas mídias sociais como Paróquia. Em sua página na *internet*, também se apresenta como Paróquia Nossa Senhora do Desterro. Por esses fatores, esse termo é adotado ao se tratar da Igreja Nossa Senhora do Desterro.

Entretanto, entre um ponto e outro existe a vida, com muitos desvios e errâncias. Já o conceito de itinerância eclode como um percurso de vida e formação que é cheio de redes e bifurcações, no qual se admite avançar e retroceder, começar e recomeçar, assim como afirma Barbier, “mais do que uma ‘trajetória’ muito bem balizada, lembramos que, na itinerância de uma vida, encontramos uma infinidade de itinerários” (2002, p. 133).

Sou filha de uma mulher negra casada com um homem branco, que sempre enfrentaram muitas dificuldades financeiras e, até mesmo, de aceitação por seu relacionamento inter-racial. Sempre prezaram pelos estudos de seus três filhos. O fascínio pelo conhecimento e a busca por estudos se iniciou com minha avó materna, neta de escravos libertos, moradora de Rio Pomba, interior de Minas Gerais. Ignez Vieira Chavez de Souza, ou apenas Ignez Oliveira, seu nome de solteira, percorreu um longo caminho de preconceito e racismo para conseguir se matricular no grupo escolar de sua cidade. Lá, travou diversas batalhas por ser a única criança negra que se atreveu a se matricular na escola, destinada a crianças brancas e abastadas para seu padrão de vida. Sofreu muito, porém, sua crença de que a educação lhe daria uma vida melhor, era maior. Em diversos momentos foi constrangida e ofendida durante aulas sobre a escravidão, passado ainda tão recente e latente no interior de Minas Gerais. Teve suas notas diminuídas para não passar de ano, sofreu perseguições e humilhações públicas, porém sempre se ancorou em sua vontade de aprender. Não me delongarei aqui sobre sua história, apenas relato que minha motivação e urgência por conhecimento se dá por seu exemplo de vida e toda sua luta junto com minha mãe para me proporcionar uma educação.

Sempre nutri um encanto pela memória e ouvir as histórias e lembranças de minha avó. Para mim, se tornou algo muito gratificante ao longo de minha monografia de conclusão de curso². Nesse momento, sua história desponta em mim inúmeras emoções, que me impulsionam a continuar minha jornada.

Mesmo com toda a aspiração, exemplo de minha avó e esforço de meus pais, minha vida escolar foi repleta de movimentos entre fracassos e superações. Desde muito cedo, escutava de professores e profissionais da educação que eu não aprenderia, que não era uma criança normal, que a escola não era meu lugar. Este veredito me acompanhou por toda a vida escolar e acabou me moldando e me fazendo acreditar que a escola e seu sucesso não eram para mim. Os anos se seguiram de muita luta e esforço para, em algum momento do percurso, ouvir

² A história de vida de minha avó e suas memórias, estão todas em meu trabalho de conclusão de curso que foi sobre ela, orientada pela professora Anne Marie Emilie Madeleine Milon Oliveira inicialmente, e depois pela professora Sônia Maria Schneider, ambas do corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

dos professores que, na verdade, eu não estava no nível dos alunos, que eu era “esforçada”, mas não inteligente. Meus pais, preocupados com meu futuro e de meus dois irmãos, com muito esforço nos matricularam em uma escola particular quando eu tinha 13 anos. Ali, me vi em um ambiente totalmente novo com um nível mais alto a atingir. Mergulhei em um novo processo de aprendizagem e desenvolvi mecanismos próprios para aprender à minha maneira e seguir com a turma.

Mesmo avançando, internalizei que nunca conseguiria ser igual aos outros alunos, mas que eu nunca deixaria de tentar aprender. E nesse propósito, segui todo o meu caminho escolar, até chegar ao vestibular, que se tornou algo que me consumiu de forma que me vi enferma. A cada tentativa fracassada, mais me sentia indigna de estar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que sempre foi a universidade dos meus sonhos. Porém, desistir nunca foi uma opção para mim. Continuei tentando e seguindo, até que entrei em Pedagogia no segundo semestre de 2011. Concluí minha graduação em 2015.1 e comecei a tentar o ingresso no programa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd). Após três tentativas, fui aprovada em todas as etapas do processo de ingresso para 2019.

Inserida no Grupo de Estudos História da Educação e Religião do Rio de Janeiro (GEHERRIO), passei a acompanhar as dinâmicas, participar das discussões propostas e a perceber, através de leituras, que, ao longo da história, as religiões se fazem presentes na gestão e organização dos espaços nas cidades e na formação dos cidadãos, gerando significativas interferências na construção e na dinâmica de identidades individuais e coletivas. A partir desse contexto formativo, adquiri um novo olhar, descobrindo que eu mesma não percebia a influência desses monumentos na constituição da paisagem “natural” da cidade do Rio de Janeiro. Foi interessante como as discussões do grupo levaram-me a me questionar sobre a influência de valores religiosos nas eleições presidenciais de 2018.

Implicada na construção do objeto: igreja, memória, educação

Guiada por essa implicação, ao pesquisar sobre a relação de votos válidos na cidade do Rio de Janeiro, descobri, em um levantamento inicial, que o candidato eleito, Jair Bolsonaro, teve um número significativo de eleitores na Zona Oeste da cidade, mais precisamente, no bairro de Senador Vasconcelos, com 75,41% dos votos, margem considerável, segundo a reportagem do *site* O Globo³. Esse fato me intrigou. Realizando, então, um trabalho de coleta

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/na-cidade-do-rio-bolsonaro-so-nao-venceu-em-laranjeiras23194573>. Acesso em: 15 maio 2019.

de informações, descobri que Senador Vasconcelos não tem uma zona eleitoral própria. Isto é, seus moradores votam no bairro vizinho de Campo Grande, com os moradores deste, contabilizando, assim, os votos gerais de Senador Vasconcelos e Campo Grande, que é o maior bairro do Rio de Janeiro em população⁴, com um total de cinco zonas eleitorais numeradas: 120, 122, 242, 244, 245⁵.

Diante dessa informação, volvi meu olhar ao bairro de Campo Grande, situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, a pesquisa visava mapear as igrejas do bairro, construindo um mapa de sua distribuição no espaço, que não é inócua. Contudo, para uma pesquisa de mestrado, o objeto revelava-se desproporcional.

Lendo sobre a história do bairro, observei que, para alguns, ele tem como marco fundador o ano de 1673, com a construção da Igreja Nossa Senhora do Desterro, considerada ponto central na concepção de Campo Grande, que em sua gênese se chamava Freguesia Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande (MANSUR; MORARIS 2014). Para outros, esse marco remete ao ano de 1808. Uma primeira interrogação: qual seria a data certa para sua origem? E quando e por que o nome do bairro se modifica, deixando de fora o aspecto religioso? Sua história, memória e atuação local se transfiguravam, para mim, em um objeto de interesse e pesquisa, idealizando, assim, um trabalho que se insere na pesquisa atual do grupo de pesquisa GEHERRIO sobre a presença da Igreja Católica na cultura e suas marcas na cidade do Rio de Janeiro. De que maneira a presença de Igrejas na cidade e as práticas desenvolvidas nestes espaços influenciam a memória coletiva e social? De que maneira contribuem para a produção de identidades ao socializar os indivíduos a partir de seus valores?

Para Myrian Santos, em seu livro *Memória Coletiva e Teoria Social*, a memória, ao longo da história, tem sido objeto de estudo e análise de diversas áreas. Esta pesquisa se alicerçará na concepção de memória de Maurice Halbwachs, que, com seu livro *A memória coletiva* (1990), trouxe à luz da Sociologia o conceito de “memória coletiva”, a qual Le Goff (1982, p. 469) atribui um valor significativo quando diz:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo, a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes

⁴ Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edi_cao=9673&t=resultados e Tabela 4.1, disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>. Acesso em: 14 abr. 2020.

⁵ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/servicos/cartorios-e-zonas-eleitorais/pesquisa-a-zonas-eleitorais>. Acesso em: 15 abr. 2020.

dominantes e das classes dominadas, lutando, todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Para Halbwachs (1990), a memória está ligada intrinsecamente à nossa experiência em sociedade. Nossas primeiras lembranças são frutos de nossas experiências familiares e possuem relações diretas com referências prévias. Nesse sentido, para recordarmos, para memorizarmos algo, é necessário que essa lembrança seja compartilhada por outros, ou que tenha sido vivida em presença de um coletivo que, de alguma maneira, tem conexão com o indivíduo que a recorda. Nas lembranças, até as individuais, aquelas que cremos que são apenas nossas, há interferências coletivas, mesmo que não as percebamos. Não há uma memória individual única e intocada pelo exterior. Até nessa forma de lembrança, a referência coletiva se encontra presente. Assumimos, contudo, a compreensão do termo a partir de Joel Candau (2016), para quem a expressão memória coletiva designa uma metamemória: “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”, trata-se de “um enunciado relativo a uma *descrição* de um compartilhamento hipotético de lembranças” (p. 24).

Tratar do assunto memória também é abordar a questão da identidade. Candau (2016) apresenta uma relação direta entre memória e identidade, na qual aponta que um indivíduo sem memória, seria um indivíduo vazio de si, sem sua consciência e, conseqüentemente, sem identidade:

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (CANDAU, 2016, p. 60).

Para o autor, a memória ultrapassa o sentido de rememorar coisas; lembranças não são simples devaneios que nos vêm à mente de forma aleatória e sem sentido. Como aponta Candau (2006), inúmeras são as evidências de que a memória pode alicerçar ou desestruturar o sentimento identitário. Ele assinala em seu texto *A memória individual e a consciência* que a perda da memória, mesmo que momentânea, leva o sujeito a questionar a si mesmo e ao mundo, pois a história de vida do ser humano o transformou até ali, e uma ruptura em sua memória não desestabiliza apenas o cognitivo, mas também o sujeito como um todo. A sensação que sucede a perda de memória é algo angustiante, pois por um instante ou mais, se perde a identidade, a personalidade, emergindo assim uma falta si, e uma urgência em se encontrar.

De fato, é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu - "é aí que me encontro comigo mesmo", escreve

Santo Agostinho -, ela é, desse ponto de vista, bem mais eficiente que as simples sensações: é da duração ou da repetição destas que nasce a consciência de si... (CANDAUI, 2016, p. 61).

A memória encontra-se tão imbricada com nossa identidade e personalidade, que seu declive em sujeitos idosos ou com patologias que causem sua perda, provocam uma mudança de personalidade, e nem mais o indivíduo nem os que o rodeiam podem afirmar que ele continua “o mesmo”. O vazio da memória é experienciado como uma ausência de si, acarretando, assim, alterações na individualidade (CANDAUI, 2016).

Nossas memórias se confundem com o social em que estamos inseridos, de modo que nenhuma recordação vem à mente isolada. Indubitavelmente, ela é referência de algo que vivemos ou que não foi necessariamente vivido, mas experimentado de alguma forma, mesmo que como espectador, leitor ou ouvinte. Isso também atravessa nosso processo identitário, visto que o entrelaçamento entre memória, identidade, nossa individualidade e intensidade do que lembramos vem do quão emocionalmente estamos envolvidos e da permanência dentro da mesma sociedade em que as lembranças se deram.

Porém, a memória, como abordamos anteriormente, se dá no coletivo, não se resumindo somente a unir grupos. Segundo Le Goff, no seu livro *História e Memória*, de 1982, a memória social também pode ser abordada como um instrumento de poder e controle:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória (LE GOFF, 1982, p. 422).

Entender como se dá a memória coletiva e sua manutenção, poder direcioná-la e usá-la para um fim, é considerado um tipo de poder. Nessa configuração de memória idealizada como poder, lembramos também de *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Uma história que se repete continuamente, baseada em um único ponto de vista, do colonizador, torna-se a realidade, marginaliza e exclui indivíduos e culturas, normalizando tudo em torno de valores de um único grupo:

Existe uma palavra em *igbo* na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: Como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva (ADICHIE, 2009, p. 12).

Adichie ainda aponta que, para espoliar um povo, o modo mais simples de fazê-lo seria contar sua história começando com “em segundo lugar” (2009, p. 12). Dessa maneira, é possível mostrar como é simples roubar e desapossar sua identidade:

Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (ADICHIE, 2009, p. 12).

Como artifício político, várias organizações e instituições disputam a sua versão da história para se instaurar uma memória coletiva, em um trabalho de enquadramento da memória (POLLAK, 1992), com o objetivo claro de se criar, manter conceitos e solidificar uma ideia, desenvolver identidades.

Dentro dessas organizações, podemos citar a Igreja Católica como uma instituição que se aplica na criação, recriação e manutenção de uma memória. O catolicismo é uma religião da recordação, como já afirmou Le Goff (2013). Tal ideia pode direcionar ao que Danièle Léger denomina “capital de memória” (LÉGER, 2005), um acúmulo de lembranças e tradições que, ao longo dos anos, vão se tornando concretas e começam a fazer parte do indivíduo. Não somente as práticas religiosas, mas a própria presença do edifício como uma marca na cidade, como um monumento, serve a esse propósito. Como salienta Halbwachs (1990), “perder seu lugar no recanto de tal rua, à sombra daquele muro, ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, isto é, sua única razão de ser”. Para ele, o espaço é algo importante, pois quando nos recordamos, o fazemos em algum local. Para Assmann (2011, p. 317), “locais podem tornar-se sujeitos, portadores de recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos”.

Referente a sua história no local e com o bairro de Campo Grande, concebo a Paróquia como um local de memória. Conforme Nora (1993), esses locais seguem os três sentidos da palavra, sendo, ao mesmo tempo, material, simbólico e funcional. A Paróquia Nossa Senhora do Desterro cumpre esses sentidos. Já para Pacheco (2010), locais de memória são idealizadores de identidades e atuam também como espaços de formação. Podemos entender como formação um dos muitos processos educativos desenvolvidos na paróquia, visto que a educação, como socialização dos sujeitos ou de um grupo, não se dá apenas no ambiente escolar.

Iniciando-se por sua arquitetura interior, diferente de qualquer outro ambiente designado a reuniões, ou a grupos coletivos, cada espaço de uma igreja é pensado e direcionado para o grupo religioso. Com inspiração em sua própria tradição, esse movimento impõe ao grupo modos e atitudes distintas dentro desse ambiente: ritos repetitivos e solenidades, tradições e

elementos da doutrina fixam na mente e no corpo, valores e práticas, internalizados como um legado vivido e estimulado em conjunto, no grupo. Produz-se uma memória que pode ter pontos de compartilhamento com diferentes sujeitos.

A atmosfera fabricada nesse ambiente paira sobre todos os integrantes daquele grupo, que vivem aquela experiência em conjunto. Em função do término do culto, esse grupo deixa o recinto, mas essa experiência vivida coletivamente os acompanha para além das paredes da igreja em seus locais de convivência, escolas, mercados, transporte público, entre outros. A memória coletiva/social, nesse sentido, tem uma função socializadora/educativa inerente a ela.

Almeida (1999, p. 10) trabalhou com as relações entre educação e memória. Para ele:

Os gregos, inventores de tantas artes, inventaram também uma arte da memória que, como todas as artes, foi transmitida a Roma e de lá passou para a tradição europeia. Esta arte procura fixar as recordações através da técnica de imprimir na memória "lugares" e "imagens". Catalogada, quase sempre, como "mnemotécnica", nos tempos modernos parece, pelo contrário, um ramo secundário da atividade humana. Mas na época precedente à invenção da imprensa, uma memória bem adestrada era de importância vital; e a manipulação das imagens na memória deve sempre, em alguma medida, envolver a psique como um todo. Além do mais, uma arte que use para os seus "lugares" de memória a arquitetura contemporânea para as suas "imagens" a arte figurativa contemporânea, deve ter, como as outras artes, um período clássico, um gótico e um renascimental.

A mnemotécnica tinha como concepção construir locais extraordinários e dispor imagens agentes nesses lugares, utilizando a imaginação e criando espaços ordenados interiores com imagens que evoquem surpresa, emoção e conhecimento. Dentro desses espaços, como se fossem compartimentos, seriam colocadas na mente as imagens agentes com capacidade de se fixar na memória. Dessa imagem extraordinária, desencadeiam as lembranças "armazenadas" naquele local imaginado e arquitetado na memória. Elas podem reviver o fluxo das recordações, evocar e construir a memória, sendo capazes de liberar todo um pensamento. Têm o caráter de destravar memórias e, com isso acionar, gatilhos, que podem ser tanto mentais como comportamentais.

Essa arte, adotada como um processo de educação cultural e tomada por Alberto Magno e Tomás de Aquino com finalidades morais, tem por objetivo domesticar, ou disciplinar atitudes. Como instrumento de instrução, sendo utilizada por instituições de forma intencional, tem a pretensão de conduzir o olhar e a memória. Firmo aqui o termo pretensão, pois jamais há um total controle de uma determinada instituição, sobre uma sociedade ou grupo direcionado. Seus objetivos e sua efetivação são questões totalmente diferentes que merecem ser analisadas, como esse presente trabalho também se propõe a fazer.

Em uma sociedade na qual se entende a importância da memória, há um cuidado para seu domínio, e instituições que compreendem seu valor tendem a assumir a liderança, assim como a Igreja Católica. Considerada uma religião de memória, ou religião de recordação (LE GOFF, 2003), a Igreja tem, em sua origem, a memória como aparelho central de manutenção de dogmas e ideologias, no qual se entende que ela seja o instrumento central para sua permanência e liderança. Desde os seus primórdios, a Igreja se utiliza dessa arte da memória, por meio de imagens agentes para estabelecer-se e propagar-se, educando pela imagem.

Almeida (2005), em seu texto *O triunfo da escolástica, a glória da educação*, vem descrevendo a pintura *O triunfo de São Tomás*, mostrando o significado de cada afresco. A pintura apresenta o movimento visual de Aquino, como educador e condutor de almas através de três círculos: santo, patrono das escolas católicas e da educação e doutor angélico. Essa imagem, descrita por Almeida, continha toda a estrutura da Igreja Católica e os ideais de São Tomás de Aquino, através da pintura era contada uma história, e a mesma era usada para educar quem a olhasse.

A comunidade de Santa Maria Novella não só utilizava a capela para ofícios religiosos, mas também para todo tipo de assunto importante da região, a capela sediava eventos e reuniões de diversas ordens, e era frequentada por religiosos e leigos também, que, ao entrarem, recebiam uma “aula” em imagens e pequenos textos, sobre a igreja e Santo Tomé de Aquino. Com fins didáticos, a idealização desta capela não se deu de forma inócua, já que demonstra uma intencionalidade e conhecimento sobre a arte da memória e suas propriedades formativas.

Evidentemente, tanto os comitentes quanto os criadores do programa visual eram pessoas muito cultas e envolvidas no complexo sistema de conhecimento desse programa visual de educação da alma, representativo do movimento em imagens e textos da arte da memória. Suas mensagens educavam e inspiravam, principalmente, os dominicanos da igreja de Santa Maria Novella, envolvidos no ensino, tanto escrito quanto oral, cujos estatutos estipulavam que o currículo do studium deveria ser elaborado com base nas obras de Aquino. E também todos que ali frequentassem recebiam essas lições como reflexões sobre suas palavras e ações, quando ocorriam ali as assembleias comunais em certas datas do ano litúrgico. E também os membros da ordem quando, nesse local, confessavam suas faltas ao prior (ALMEIDA, 2005, p. 21).

A igreja já dispunha desse conhecimento no século XIV e o utilizava para educação da memória pela memória, reconhecendo que, como lembramos por imagens, recordações extraordinárias ficariam registradas. Essas imagens poderiam ser usadas para mostrar comportamentos, ideias e doutrinas, originando, assim, uma educação pela memória que conduz a comportamentos muitas vezes não percebidos de forma consciente. Essa pedagogia visual, se configura em um poderoso instrumento de educação que tem como estrutura a arte da

memória, na qual “o conhecimento claro é a translação de verdades reais em linguagem marginal, verdades essas que estão gravadas na alma. Assim a razão discursiva pode captá-las e fazer uso delas, servindo-se da arte da memória” (ALMEIDA, 2005, p. 21)

Dessa forma, para esse trabalho, me apoiarei nessa concepção de educação pela memória, trazendo a Paróquia Nossa Senhora do Desterro como local de memória. Para Almeida, o tempo cronológico é fundamental para a educação da memória, uma vez que não há nada mais “natural”, ou considerado natural, do que o tempo cronológico:

A cronologia é o grau máximo do naturalismo no tempo. A própria observação dos seres, da natureza, durante um dia, um mês, anos, mostra esse tempo "natural", o ciclo do começo, desenvolvimento e fim, o passar do tempo. Ela, a cronologia, é a dimensão temporal de mais fácil entendimento. Sua hierarquia e sucessão inexoráveis são vistas como naturais e lógicas, e legitimam, em ideologia temporal, diferentes poderes. A cronologia é a forma temporal do cotidiano e também a expressão objetiva do tempo político dominante (ALMEIDA, 1999, p. 11).

O cotidiano exerce uma influência considerável na vida dos indivíduos. Para o sucesso de poderes que fazem uso deste para permanência e perpetuação, é necessário esse entendimento sobre a cronologia. A sensação de presente, passado e futuro é algo que transpassa o cotidiano. Para um poder se estabelecer como permanente, em um determinado local, influenciando assim no cotidiano, é necessário tempo. Como vivemos em uma sociedade que valoriza o tempo cronológico, temos uma inclinação a dar valor ao antigo, ao pré-estabelecido, ao passado. Atribuímos importância ao antigo, a estruturas antigas e que passam por gerações, sejam monumentos, escolas ou igrejas.

Espaços atemporais que passam de geração em geração, em que tudo pode mudar a sua volta, menos a igreja, faz com que ela requeira respeito e importância. Seu estado de presença constante, frente ao tempo cronológico, lhe coloca em um estágio mítico, muito mais importante do que qualquer outra estrutura próxima. É essa constância, essa permanência, que evoca o sentimento de “a igreja está ali desde antes da minha avó nascer, sempre esteve e sempre estará”, essa vivência que atravessa o cotidiano de quem passa todo dia e vê a igreja sempre ali, essa imagem, que é capaz de vencer o tempo, pois a pessoa envelhece e morre enquanto a igreja continua.

A imagem dessa igreja, como a Paróquia Nossa Senhora do Desterro, que está estabelecida no mesmo lugar há mais de um século, se configura como uma imagem agente capaz de ativar e interferir em várias memórias relacionadas a ela e que, quando acionadas, podem conduzir ou direcionar posicionamentos e sentimentos individuais ou socialmente partilhados.

Pautado nesse conceito de memória, este trabalho visa investigar a Paróquia Nossa Senhora do Desterro e a atuação local de seus agentes, considerando a igreja como repositório de memória e identidade, que exerce influência na produção de uma memória coletiva/partilhada por seus frequentadores e comunidade local, atuando, assim, como ambiente formativo. Compreendo que a educação pode se dar em vários locais, não exclusivamente na escola, visto que espaços não escolares podem operar como espaços formativos ou socializadores, mesmo que não seja percebido como tal pelo indivíduo que o vivencia. Sabemos que, se estamos em um ambiente caracterizadamente escolar, estamos ali para aprender, “o espaço escolar com sua arquitetura e imponência, significa a produção de um lugar próprio a educação escolarizada, na produção de uma forma escolar mais definida” (FARIA FILHO, 1998, p. 13). Mas, se estamos em outro espaço não caracterizado formalmente como um ambiente formador, de aprendizagem, o processo educacional pode ocorrer sem a consciência de que ali se apreende algo.

Utilizo o termo educação aqui de forma mais abrangente, acompanhando as reflexões de Setton (2008), atentando para que outras instituições, além da escola, também ocupam espaço de matrizes de cultura. Instituições como família, mídias e a religião são espaços produtores de valores morais e identitários, sendo, conseqüentemente, espaços formadores de consciências. Neles, também se forjam desde *habitus* ou *modus operandi*, de pensamento, até uma esquematização de orientação de conduta (SETTON, 2008, p. 16).

Esta não é uma abordagem muito corrente na História da Educação, haja vista que encontrei poucas referências que tratam da educação fora da escola. Guacira Lopes Louro (2000), aborda o cinema como pedagogia e aponta como a indústria cinematográfica hollywoodiana atuou e atua como instrumento educacional. Com o corte temporal dos anos 1940 e 1950, ela retrata como o cinema era considerado um evento social, que mobilizava uma expressiva parcela da sociedade, apontando-o como “instância educativa potente, poderosa e sedutora, que se constituía como uma nova pedagogia cultural” (LOURO, 2000, p. 423). Nessa visão, podemos entender o cinema como um aparelho educacional, um espaço não formal de educação.

Muitos espaços e processos sociais, além da escola, constituem-se em instâncias educativas. As formas pelas quais essas instâncias interpelam os sujeitos diferem, contudo, daquelas em ação nas escolas e, conseqüentemente, também seus efeitos podem ser distintos. Pelos imensos recursos econômicos e tecnológicos que mobilizam, por seus objetivos - em geral - comerciais, elas (essas formas culturais) se apresentam, ao contrário do currículo acadêmico e escolar, de uma forma sedutora e irresistível. Elas apelam para a emoção e para a fantasia, para o sonho e a imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente. É precisamente a força desse investimento das pedagogias culturais no

afeto e na emoção que tornam seu "currículo" um objeto tão fascinante de análise... (SILVA, 1999, p. 140 apud LOURO, 2002, p. 424)

É por essa razão que queremos compreender o “currículo” da Nossa Senhora do Desterro. A autora destaca também que esse movimento não se dá de forma unilateral. O público alvo não é mero receptor passivo de mensagens, códigos ou normas diante dessa e outras instâncias formativas. Ele também atua ativamente.

[...] a identidade emerge [...] do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós [...] (HALL, 1999, p. 26 apud LOURO, 2000, p. 424).

Em todas as relações, formativas ou não, mesmo que haja uma intencionalidade de uma parte em apresentar, guiar, combinar, estruturar ou engendrar algum conceito ou ideologia, seu alcance nunca será total. Os sujeitos envolvidos nesses processos também criam e recriam estruturas. Na questão formativa, práticas educativas podem ser apresentadas em diversos espaços e ambientes, não necessariamente com a finalidade educativa explícita, e sua captação pode ser a mais diversa possível, com resultados distintos.

Muito ainda se associa educação como sinônimo de escola e ao seu ambiente, arquitetonicamente e conceitualmente falando. A escola alcançou tal hegemonia que, por vezes, se esquece que os processos educacionais datam muitos antes da existência das instituições escolares tal como as conhecemos hoje. Fonseca (2002, p. 125), em seu texto sobre *Educação e Escravidão*, aponta:

Não é comum falar de educação quando se trata de escravos. Em um certo sentido, isso se justifica por uma tradição de entendimento tipicamente moderna que tende a associar a educação ao processo de escolarização. As práticas educativas voltadas para a formação dos trabalhadores escravos em nada se assemelhavam à escolarização, mas a educação não é prerrogativa da escola. Antes de o modelo escolar tornar-se espaço privilegiado da atividade educacional, outras formas de educação foram responsáveis pela incorporação das novas gerações às diversas formas de organização das sociedades.

Ainda, o autor afirma que não havia escolas formais para educar crianças escravas a serem escravas, mas todo o processo de inculcação à adequação social que ela tinha que se inserir e internalizar era um processo educacional, o qual não se dava apenas pelo seu senhor, mas sim por toda a sociedade, incluindo os próprios escravos. Ele também aponta que considerar uma visão de educação mais abrangente, que se dá em outros espaços considerados formativos ou não, ainda se configura um desafio na história da educação.

Para tanto, se faz necessário ampliar o pensamento para novas abordagens, com fim de se desenvolver conceitos. Dentro dessa perspectiva, encontro André Moreno e Verona Campos Segantini, que apresentam o texto *Educação do Corpo na e pela Linguagem da Lei: potencialidades da legislação como fonte*, que expõe a necessidade da História da Educação de se ampliar em conceitos e admitir outras formas de educação, como por exemplo, no caso desse texto, a educação do corpo através das leis.

Ao tomarmos como objeto a educação do corpo nos diversos espaços de sociabilidade que constituem uma cidade com as características de Belo Horizonte, percebemos que os processos educativos (incluindo práticas, materiais, métodos, profissionais, instituições, por exemplo) referem-se, sobretudo, à produção e formação de sensibilidades, aos “modos de viver”. Compreendendo a educação do corpo na cidade, como práticas educativas específicas (formais, informais, não-formais), pedagogias presentes na vida “em sociedade”, pudemos ver no aparato legal um dispositivo educativo com o intuito de prescrever novos hábitos e comportamentos, novas atitudes relativas ao corpo, considerados mais adequados, para o bem (con)viver das pessoas, numa cidade que se queria moderna. Tais orientações corroboram a ideia de racionalizar o ambiente urbano, atribuindo-lhe características próprias, e da mesma forma, racionalizar os seus habitantes, ambos inseridos num processo de introjeção de valores (MORENO; SEGANTINI, 2008, p. 75).

O fragmento aqui exposto aponta para a educação do corpo para um fim, no caso, das leis em Minas Gerais. Contudo, podemos entender, como eles indicam, que as muitas formas de processos educacionais podem formar nosso modo de viver. E é aqui, nesse ponto, que se estrutura todo esse trabalho, com a educação da memória e pela memória através da presença da Igreja na paisagem do bairro, de práticas formativas intencionais (ou não) e de práticas educacionais em ambientes não escolares.

Reafirmo, então, o objetivo da pesquisa de construir uma história da presença da Paróquia no bairro, de forma que trate sobre suas atividades socializadoras, dentre elas, uma possível educação pela memória. Os objetivos específicos são:

- a) Entender, por meio de indícios, sinais, palavras, quando e como a Paróquia Nossa Senhora do Desterro foi criada ou inaugurada naquele espaço e por quê;
- b) Entender, através das disputas de memórias, qual o lugar da Paróquia no bairro;
- c) Pesquisar como foram e são desenvolvidas as experiências educativas e práticas sociais da paróquia no bairro de Campo Grande.
- d) Averiguar de que maneira a Paróquia e suas práticas educativas são percebidas/rememoradas por parte da população local.

Formando-me pesquisadora: reflexões metodológicas

O trabalho apoia-se na compreensão de história de Bloch (2001), segundo seu livro *Apologia da História*. A concepção da Escola dos Annales⁶ discute que evidenciar apenas eventos, datas, personalidades icônicas e a história dos vencedores já não basta. A história, em si, não se esgota. Um mesmo evento ou objeto de pesquisa pode e deve ser analisado de diferentes ângulos, relacionando e entrelaçando conceitos de campos disciplinares diversos, em um recorte temporal não necessariamente baseado no conceito de tempo cronológico. Isto porque “o passado é, por definição, algo que mais nada modificará, porém, o conhecimento sobre o passado é algo em progresso que se transforma e se aperfeiçoa incessantemente” (BLOCH, 2001, p. 75).

Não se acessa o passado tal como foi, porém, mediante indícios e sinais, segundo Ginsburg (1989, p. 179):

[...] o rigor flexível do paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente mudas - no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: Faro, golpe de vista, Intuição.

Aprendendo a pôr em prática meu “golpe de vista”, pensamos em olhar para a atuação da Igreja Católica na educação sob outra perspectiva: a da educação da memória procurando avaliar suas influências na memória coletiva/social. Pacheco (2010, p. 144) também afirma que:

A formalização de práticas de preservação e difusão da memória institucional é cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. Essas ações vêm atender a um movimento que historiadores como Jacques Le Goff descreve como uma tecnificação, uma profissionalização dos processos de guarda e difusão dos elementos simbólicos que unificam grupos sociais⁷.

Lanço mão, também, da concepção de educação da e pela memória de Almeida (1999, p. 10), quando afirma:

O conhecimento visual cotidiano de inúmeras representações em imagens participa da educação cultural, estética e política e da educação da memória. É um processo de educação cultural da inteligência visual cuja configuração estética é, ao mesmo tempo, uma configuração política e cultural e uma forma complexa do viver social contemporâneo permeado de representações visuais.

⁶ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Foi uma revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch.

⁷ Ricardo de Aguiar Pacheco, doutor em História e professor associado da Faculdade Rural de Pernambuco, é autor de *Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história*.

Assim, ao procurar as memórias da Igreja N. S. do Desterro, as práticas de pesquisa envolvem o trabalho com fontes memorialísticas da própria Igreja, a literatura acadêmica sobre o bairro e entrevistas.

Para as entrevistas, recorro aos trabalhos de Verena Alberti, autora do texto *Fontes orais: História dentro da história*, de 2005, no qual aborda o surgimento do termo “história oral” e apresenta sua função:

A História oral é hoje o caminho interessante para se conhecer e se registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a forma de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado (ALBERTI, 2005, p. 164).

A autora também salienta como se deve trabalhar e considerar a coleta de entrevistas, todas as possibilidades e desafios nessa metodologia de trabalho, desde a preparação de roteiros individuais que produzem o cruzamento entre o geral a ser perguntado e procurado com o particular de cada entrevistado, até pontos em que se pretende abordar e pesquisa exaustiva sobre o tema a ser tratado. Alberti (2005) ainda apresenta formas de tratamento e análise dessas entrevistas, apresentando tecnologias como gravador e câmeras filmadoras para serem utilizadas no colhimento dos dados. As entrevistas são abordadas como fontes e seguem um padrão de análise que inclui: (a) seguir um roteiro no início da gravação, como um cabeçalho, com dados como data, hora e local da realização da entrevista, nome do entrevistado e entrevistador; (b) registrar em áudio e vídeo (ou apenas em áudio) e realizar um duplo *backup*, para garantir a segurança do material gravado. Para minhas entrevistas, sigo também esse padrão. Esse esquema de conceber o testemunho oral se concretizou como prática acadêmica.

Essa prática está alicerçada também em Bourdieu, no texto *Compreender*, inserido no livro *A Miséria do Mundo* (1997), que aponta, no caso das entrevistas, algumas questões que devem ser levadas em consideração:

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo "bom" pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na interação, principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tomarem os sujeitos. Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria estrutura da relação (e, por isso, na estrutura do mercado linguístico e simbólico), portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos interrogadores (BOURDIEU, 2008, p. 696).

O autor apresenta essas recomendações para o estabelecimento de um vínculo que propicie um momento de conexão, permitindo mais liberdade e dinâmica e que reduza o desconforto natural de uma entrevista. Bourdieu (2008) aborda que os papéis já estabelecidos de entrevistador e entrevistados podem causar um desconforto e isso pode interferir no resultado final na entrevista. Colocando-se no lugar do entrevistado, o condutor da entrevista não usará termos ou gestos corporais que causem uma distância ainda maior entre os dois. Cabe a ele, também, controlar os questionamentos, posições hierárquicas ou os juízos de valores, buscando uma interação que diminua as distâncias entre o entrevistador e o entrevistado, em uma situação de empatia, que é algo fundamental para o sucesso da entrevista. Perguntas formuladas de forma abertas que deem margem para uma resposta mais abrangente e individual é um pilar desse trabalho com história oral.

Apoiada nesses autores, pude, inicialmente, entender que necessitava criar um roteiro para cada entrevistado, de forma que abordasse todas as perguntas relacionadas a cada entrevistado de forma especial. Para isso, necessitei pesquisar um pouco sobre cada um. Sua vida, profissão, visão de mundo, para me auxiliar no preparo e, assim, conseguir obter uma maior conexão e aproximação ao entrevistado, analisando as semelhanças e distanciamentos de cada entrevista e como cada um aborda sua relação com a igreja e com o bairro. Para cada entrevistado, formulei um nome fictício para preservar suas identidades. Foi preciso, também, anexar ao roteiro individual de cada um, questões que necessitava levar em consideração, tais como: (a) idade; (b) profissão; (c) percurso pelo qual cheguei ao entrevistado; (d) local da entrevista; (e) local da residência do entrevistado (centro de Campo Grande ou sub-bairros) e (f) meio social.

Pondero o porquê de o entrevistado ter aceitado realizar a entrevista, bem como sua religião e sua visão política. Procuo entender que o que for dito é produto daquele momento e não verdade absoluta. Admito todas as entrevistas como memórias, procuro me colocar no lugar do entrevistado, em seu pensamento e atitudes. Pretendi reduzir o distanciamento entre entrevistador e entrevistado, conduzindo como uma conversa e não como uma inquisição, deixando o entrevistado à vontade, não interrompendo e praticando a escuta ativa.

Todas as entrevistas foram divididas em três blocos: (1) sobre o entrevistado; (2) sobre a relação dele com o bairro e (3) sobre a relação dele com a Paróquia. Nessa etapa da pesquisa, preciso mencionar que não me senti confortável. Não se configurou algo tão natural quanto pensei que seria a realização das entrevistas. Necessitei vencer alguns preconceitos e paradigmas meus para vivenciar esse processo: o fato de sempre acreditar que estava

incomodando ou sendo invasiva e, principalmente, entrar em contato com pessoas com as quais nunca tive oportunidade de conhecer e estudar sobre elas. Conseguir entrevistá-las foi algo que nunca achei que faria.

Mas, conforme eu conseguia realizar uma, seguia sentindo mais confiante e disposta para realizar outras. Totalizo 14 entrevistas, já que, mediante a pandemia, muito se restringiu minha busca e a forma de realizar as entrevistas. Entretanto, percebo que cada entrevista realizada é um mundo totalmente diferente. Cada relato se configura para mim como único.

Cada entrevista é uma construção naquele exato momento dentro daquelas circunstâncias, mas isso não me impede de imergir em suas histórias e, a cada entrevista, me sinto mais próxima do entrevistado seguinte e de meu objeto. Atento para suas representações, como veem o mundo e como se situam nele de forma a perceberem a sociedade. Essas reflexões, embasadas em Gilberto Velho (2013), me auxiliaram no processo de imersão nos relatos, porém, intento ainda manter um distanciamento esperado. Creio que essa experiência compõe minha formação como pesquisadora; o trabalho constante de me desassociar e abordar todos os relatos com um olhar acadêmico é algo que estou desenvolvendo e aprendendo.

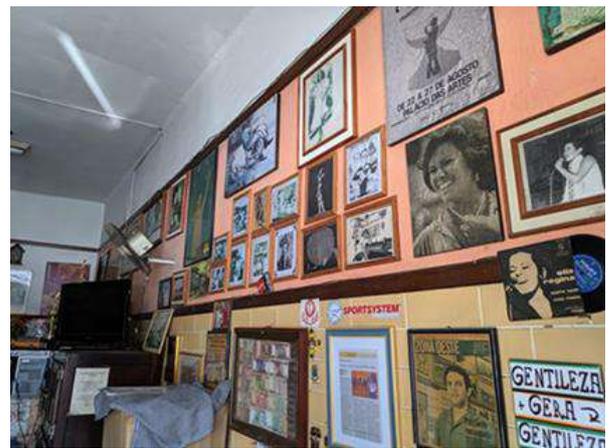
Para encontrar cada entrevistado, me dispus de diferentes meios de comunicação, tais como plataformas virtuais, aplicativos sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*. Busquei nessas redes, em meu campo de amigos, pessoas que residiam em Campo Grande. Perguntava-as se gostariam de participar de uma entrevista, explicando meu trabalho, mas a maioria não me respondeu de volta. Também entrei em contato por telefone fixo com alguns e fui apresentada pessoalmente de um entrevistado para outro. Meu ponto de partida se deu no *site* da Paróquia Nossa Senhora do Desterro, no qual pude encontrar o contato do Pároco chefe, e fui capaz de, por meio da secretária da Paróquia, entrar em contato com ele.

Ainda em dificuldade em encontrar novos entrevistados, recorri ao escritor e jornalista que entrevistei, que prontamente me apresentou ao senhor chamado Ernesto, dono de um bar no sub-bairro de Santa Rita, em Campo Grande, criado em tributo ao bairro de Campo Grande. Esse senhor dedicou a vida a colecionar fotos e tudo relacionado ao bairro, mas se recusou a ser entrevistado formalmente e com registro de áudio, apenas conversou comigo e me apresentou o estabelecimento, que notoriamente pulsava seu amor pelo bairro, como as fotos demonstram:

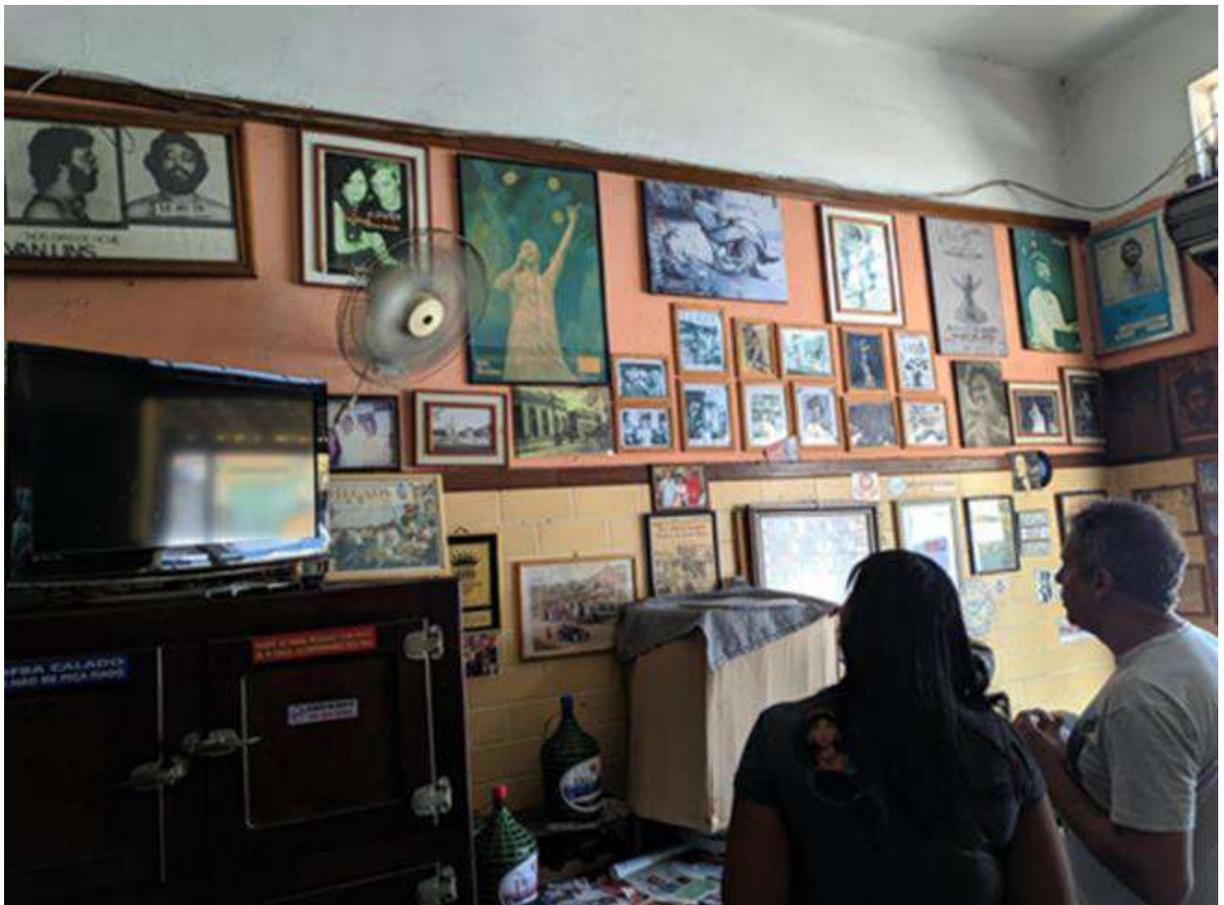
Figura 1 - Paredes do bar do senhor Ernesto



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) e (b) – paredes do lado esquerdo e direito do estabelecimento, respectivamente; (c) – entrada do bar.
Fonte: A autora (2019).

Nessa visita ao bar, tive também o prazer de ser apresentada a outro colecionador de artefatos sobre o bairro, que também compartilhava sua paixão por Campo Grande. Com um acervo de mais de 200 páginas, o senhor Luiz Alberto Damásio, se considera o maior colecionador e guardador da memória de Campo Grande.

Conversamos muito sobre o bairro, a Igreja Nossa Senhora do Desterro e outras mais. Ao me mostrar suas coleções, pude perceber a alegria e orgulho que ele tinha de Campo Grande a cada história que me narrava. Católico fervoroso, me contou que ele e outros “apaixonados” se reúnem sempre ali, todos os domingos, antes ou após a missa, assistida em diversas igrejas da região, para conversar e manter a memória do bairro viva. Infelizmente, o senhor Luiz Alberto não aceitou ser gravado ou entrevistado de qualquer maneira, apenas aceitou me conhecer e contar sua alegria e amor pelo bairro. Para mim, foi uma grande satisfação, pois, pela primeira vez, estava conhecendo pessoas que dedicam suas vidas a juntar fragmentos e história de um bairro por amor. Nos despedimos e descobri, nesse momento, que o senhor Luiz Alberto não mora, nem nunca morou em Campo Grande! Sempre residiu em Senador Camará, bairro que faz fronteira com o bairro.

Inicialmente, minhas entrevistas se deram dentro de um grupo que compartilhava memórias e sentimentos. Porém, avançando em minhas buscas nas redes sociais, consegui encontrar pessoas que não se conectavam, não se conheciam, e a única semelhança entre elas era ser morador do bairro.

Das entrevistas realizadas até o presente momento, 60% se deram de forma presencial e os outros 40% de forma digital. As presenciais foram, em sua maioria, no próprio bairro de Campo Grande, em locais onde o entrevistado se sentia mais confortável e seguro e em horários escolhidos pelos mesmos, visto que grande parte deles não me conhecia e não sabia exatamente o que esperar. Em todas as entrevistas, fui sozinha, para não causar constrangimento, e apresentando o termo de consentimento. Assegurei-lhes que minha finalidade era estritamente acadêmica. Uma das entrevistadas, a senhora Suelem, se sentiu insegura ao encontrar com uma pessoa que não conhecia e levou sua neta, que, por sua vez, me interrogou de diversas formas e fez questão de estar presente na entrevista e ler o roteiro e o termo de consentimento. Nessa situação, fiz questão de explicar quem eu era e mostrando minha carteira de estudante matriculada no Programa de Mestrado da UERJ. Depois desse ocorrido, adquiri o costume de apresentar minha carteira de estudante como documento e prova de quem sou e de minha finalidade.

Cada entrevista presencial durou entre 45 minutos e uma hora e meia, seguindo a dinâmica de não interromper e deixar o entrevistado à vontade. Também houve fatores externos que fizeram o entrevistado se apressar em seus relatos ou os interromper. Casualidades também fazem parte do trabalho do pesquisador, julgo eu, pois lidar com pessoas requer uma sensibilidade para achar-se em tais situações com uma atitude positiva e favorável. Considerar

que o entrevistado dispôs do seu tempo a se submeter a uma entrevista, é o mecanismo, na minha concepção, para transpor obstáculos.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos, que constituem as etapas compreendidas nesse texto, além das considerações finais. Abordo, no primeiro capítulo, minha itinerância e introdução. Aqui, apresento minha história de vida e implicação com meu tema, bem como minha inquietação inicial que me conduziu ao bairro de Campo Grande e à Paróquia Nossa Senhora do Desterro. Também introduzo alguns conceitos relevantes relacionados à questão da memória.

Em seguida, apresento os demais capítulos de desenvolvimento da dissertação, expondo as fundamentações teóricas utilizadas e discorrendo sobre a metodologia de pesquisa durante esse processo de investigação, bem como uma abordagem histórica do bairro até o papel social da igreja em questão.

No capítulo “De Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande a Campo Grande: a igreja no coração das disputas de narrativas sobre o nascimento do bairro”, discuto as narrativas sobre a origem da Paróquia Nossa Senhora do Desterro e o bairro de Campo Grande, por meio de uma contextualização histórica do lugar. Abordo também algumas divergências e memórias sobre o nascimento do bairro e da Paróquia, na busca de uma origem definida.

Em seguida, no capítulo “Memórias e histórias: como a Paróquia Nossa Senhora do Desterro é percebida no barro de Campo Grande”, apresento questões sobre memória, identidade e pertencimento. Disserto sobre o lugar da igreja no bairro e no imaginário nos entrevistados, através de entrevistas e dialogando com os textos teóricos e acadêmicos.

Por fim, em “Paróquia em foco: território, práticas educativas e projetos sociais”, comento sobre as experiências socializadoras da Paróquia. Além disso, destaco como essas experiências são recebidas e vistas pelos moradores, ou seja, a questão da educação da memória e pela memória e como, ou se, essa educação foi percebida ou realizada.

Nas considerações finais, encerro o trabalho dissertando sobre meus achados, questões futuras e uma análise do processo de construção desta pesquisa, com considerações sobre o trabalho, seu processo e seus resultados. Ressalto, também, o efeito de toda esta investigação em mim e meus sentimentos em relação ao trabalho.

1 DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO DE CAMPO GRANDE A CAMPO GRANDE: A IGREJA NO CORAÇÃO DAS DISPUTAS DE NARRATIVAS SOBRE O NASCIMENTO DO BAIRRO

Esse capítulo propõe apresentar a igreja Nossa Senhora do Desterro e sua relação com a gênese do bairro. Para isso, recorro à história do bairro de Campo Grande e da igreja, buscando compreender quando Campo Grande deixou de ser Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande para apenas Campo Grande e se, na origem da paróquia, se concebeu o bairro e como se deu tal processo. Quais foram os fatores que impulsionaram o crescimento populacional do bairro, quais são as questões envolvidas na centralidade criada no bairro de Campo Grande e porque foi escolhido este local para a instalação da Igreja? A igreja já estava em um local privilegiado do bairro, ou sua presença que valorizou esse local?

Para estas questões, recorro aos livros e textos acadêmicos sobre o bairro de Campo Grande, cujos autores são professores ou mesmo admiradores e moradores do bairro. Assim, são fontes pautadas em pesquisas e fontes memorialísticas.

1.1 Campo Grande ou O Campo Grande?

Primeiramente, para compreender esse topônimo “Campo Grande”, recorri a Fróes⁸, que apresenta seus quatro significados diferentes ao longo dos séculos:

1° *O campo grande*, a extensa planície que desde remotas épocas ocupa grande parte do território onde seria fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1565. 2° *O distrito de Campo Grande*, território administrativo dependente da jurisdição da cidade de São Sebastião, onde logo após a sua fundação, teve início os primeiros processos de colonização com a doação de sesmarias. 3° *O Campo Grande*, território da freguesia de São Sebastião do Rio de Janeiro, criada em 1564, elevado a Curato de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande (1673), e a Freguesia Colada (1755). 4° *O bairro de Campo Grande*, que teve sua origem por volta de 1796, num pequeno arraial que se formou em torno das obras para a construção da matriz da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro (2006, p. 25).

Compreendendo essas classificações, me detenho ao terceiro e quarto significados, visto que, dialogando com demais textos sobre a história do bairro de Campo Grande, encontrei uma

⁸ José Nazareth de souza Fróes, foi um historiador morador do bairro de Campo Grande que se dedicou a escrever sobre o bairro, e a zona oeste. Esta pesquisa se utiliza de livros de autores moradores do bairro, trazendo a visão e percepção dos que, por amor a Zona Oeste e Campo grande, se especializaram em escrever livros sobre a história da região. Demarcado aqui tais autores: José Nazareth de souza Fróes; André Luiz Mansur; Carlos Eduardo de Souza; Odalea R. Gelabert ; Paulo Vitor Braga Silva; Benevenuto Rovere Neto

divergência ou até confusão de datas e acontecimentos. Oliveira (2017, p. 329) apresenta uma detalhada descrição das terras *do Campo Grande*:

Com terrenos argilosos, que melhor se prestam a referida cultura, as terras do Campo Grande designavam no século XVII, as terras que atualmente compõem os bairros de Deodoro, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Campo Grande, Santíssimo, Inhoaíba e Cosmos e no controle da Companhia de Jesus, tais terras localizadas para além dos campos do Irajá, foram iniciadas no processo produtivo que colocou as terras do Campo Grande em posição de destaque agrícola.

Similarmente, Souza (2015) aponta diferenças entre a expressão *O Campo Grande* e *Campo Grande*, sendo esse primeiro considerado referencial geográfico, “uma antiga região, que também se chamava sertão, que se estendia entre a Serra de Gericinó e as serras da Tijuca, Pedra Branca, Bangu e Cabuçu”⁹. Em contraste, *Campo Grande* refere-se à localidade de um povoado que se criou nesse território, já não tão extenso. Para Vieira (2015), em sua dissertação, as terras do Campo Grande são apresentadas como “o Sertão Carioca”, cuja maior parte abrangia a conhecida Zona Oeste¹⁰ de hoje.

Figura 2 - O Sertão Carioca retratado por Magalhães Corrêa



Fonte: VIEIRA (2015).

Serviam de atividade agrícola, uma vez que a região ostentava boa terra. Dessa forma, o “Sertão Carioca” exercia um papel fundamental em toda a produção alimentícia e abastecimento do centro da cidade.

⁹ Fragmento retirado do livro *A Evolução Econômica e Populacional de Campo Grande - Século XX* (2015, p. 12).

¹⁰ A Zona Oeste do Rio de Janeiro é a região de menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do município, marcada por significativas desigualdades sociais e realidades contrastantes. Os bairros que integram a região são: Bangu, Barra de Guaratiba, Barra da Tijuca, Camorim, Campo Grande, Cidade de Deus, Cosmos, Curicica, Deodoro, Freguesia, Gardênia Azul, Gericinó, Grumari, Guaratiba, Inhoaíba, Itanhangá, Jacarepaguá, Joá, Magalhães Bastos, Mallet, Paciência, Padre Miguel, Pedra de Guaratiba, Realengo, Recreio dos Bandeirantes, Santa Cruz, Santíssimo, Senador Camará, Senador Vasconcelos, Sepetiba, Sulacap, Taquara, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vila Militar e Vila Valqueire. Segundo o Censo de População de 2010, a região envolve as áreas de planejamento AP4 e AP5. Disponível em: http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste. Acesso em 01 fev. 2020.

Quanto à produção, praticamente todo o Sertão Carioca privilegiava a “lavoura branca” (hortaliças e legumes) e a fruticultura: tipos de lavouras, se assim podemos dizer, mais típicas de um Cinturão Verde, como era o caso dessa região (SANTOS; RIBEIRO, 2007, p. 328 apud VIEIRA, 2015, p. 25).

A região que viria a ser a Freguesia¹¹ de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, revelou-se referência em engenhos de açúcar (OLIVEIRA, 2016) e cultivo de café (SOUZA, 2018). Além disso, muitos anos depois, seria conhecida também pelo cultivo de laranja, recebendo o nome de *Citrolândia* ou *Império da Laranja* (MANSUR, 2005), e pela avicultura, com uma considerável criação de galinhas:

Só que além dos laranjais, Campo Grande já foi destaque também na criação de galinhas, num período relevante da avicultura no bairro, como mostra a imagem abaixo do jornal O Carioca - BN - 1944. Atualmente, Campo Grande mantém viva a lembrança do período rural. Uma escultura de uma laranja localiza-se na Avenida Cesário de Melo, próxima ao Hospital Rocha Faria; já no Calçadão do bairro, mesmo passando despercebidas da maioria dos transeuntes, é possível notar figuras de galo no chão, feitas de pedras portuguesas, remetendo à época do auge da avicultura na região (SOUZA, 2018)¹².

¹¹ Segue um glossário para melhor compreensão do texto sobre o significado de cada denominação: **Freguesia**: circunscrição eclesiástica que forma a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também para a administração civil; categoria oficial institucionalmente reconhecida a que era elevado um povoado quando nele houvesse uma capela curada ou paróquia na qual pudesse manter um padre à custa destes paroquianos, pagando a ele a cômputo anual; fração territorial em que se dividem as dioceses; designação portuguesa de paróquia. **Sesmaria**: fração de terra da capitania concedida a terceiros, pelo donatário desta, para exploração econômica, sob pagamento de apenas um tributo, o dízimo – décima parte da produção; sistema português transplantado para o Brasil, previsto nas cartas de doação e forais das capitanias hereditárias; extensão de terra definida, tendo por base a “légua em quadra” ou formas retangulares. **Capela**: pequena igreja de um só altar, sem pastor próprio; pequeno templo erigido ou fundado pelos nobres ou senhores nas terras de sua propriedade, muitas das quais se converteram depois em paróquias e igrejas principais, podendo ser pública ou privada. **Capela curada**: capelas ministradas, em caráter permanente, por um pároco ou cura; são iguais às paróquias. **Bairro**: parte ou circunscrição em que se divide a cidade; forma, em regra, um distrito que dispõe, por vezes, não somente de autoridades policiais, como também municipais; divisão antiga em que pode ter surgido naturalmente, a medida que, com a Divisão Internacional do Trabalho, as pessoas que militavam no mesmo ofício congregavam-se em um mesmo local. **Paróquia**: termo proveniente do grego *para-oikia*, ou seja, aquilo que se encontra perto ou ao redor da casa (supõe-se “do Senhor”, ou seja, da Igreja); determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cujo cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano; divisão eclesiástica governada por um pároco ou cura; originária e essencialmente de significado espiritual adquiriu, desde o início, significado também material, tendo se integrado ao processo administrativo, como pessoa moral de direito público; nasceu da conjugação de dois fatores: um de caráter espiritual, outro tributário, que exigia a delimitação territorial; equivalente a freguesia. **Povoado**: pequeno aglomerado rural ou urbano, sem autonomia administrativa; em geral, centro da sede de um município; lugar ou sítio no qual já se formou uma pequena população ou um pequeno núcleo de habitantes. **Igreja Matriz**: matriz é a igreja sede da paróquia, onde reside e celebra o pároco. Definições retiradas do *site*: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=defi>. Acesso em: 02 maio 2021.

¹² Citação retirada do blog: <https://memoriascampogrande.blogspot.com/search?q=laranja>. Acesso em: 02 fev. 2021.

Figura 3 - Referências históricas no centro de Campo Grande



(a)



(b)

Legenda: (a) - escultura de uma laranja no centro de Campo Grande; (b) - imagem de um galo na calçada.
Fonte: SOUZA, 2018.

Figura 4 - Recorte de jornal do jornal *O Carioca* - BN - 1944



Fonte: SOUZA, 2018.

1.2 Freguesia Nossa Senhora do Desterro

Então, quando se deu a Freguesia de Campo Grande? Autores e autoras como Souza, Fróes, Mansur, Silva e Neto e Gelabert, moradores e escritores dedicados ao bairro de Campo Grande e a Zona Oeste, afirmam que historiadores confundem, ou ainda não pesquisam o

suficiente, para datar corretamente a instauração da Freguesia, da igreja e suas localidades¹³. Em minhas entrevistas e leituras sobre a Freguesia e a paróquia, realmente constatei discrepâncias em algumas datas e locais. Há relatos do começo da Freguesia em 1673, junto a criação de uma capela dedicada à N. S. do Desterro, como se a Freguesia desse origem à capela, e há informações de que a Igreja Matriz foi fundada em 1757, originando, assim, a Freguesia.

A busca pela origem do bairro se tornou, para mim, algo angustiante, pois em cada fonte, encontrava uma data e história de origem diferentes. Em minha concepção, todas as coisas têm uma origem, um ponto de partida definido do qual algo se inicia. E não encontrar um único começo me trouxe uma sensação de impotência e inquietação. Esse processo começou a despertar em mim outro sentimento: a curiosidade. Então, decidi me aprofundar mais no assunto.

Antes, contudo, necessito definir aqui como se dá uma freguesia, para poder compreender como a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande se originou. O processo para a criação de uma freguesia, também chamada paróquia na época, era tratado de forma branda e flexível (FRÓES, 2006). Porém, depois do concílio de Trento (1545 a 1563), instituiu-se uma disciplina rigorosa no processo de novas freguesias, exigindo que cada uma tivesse seu vigário e que este fosse escolhido pelo bispo, resultando em um cargo vitalício. O vigário indicado não poderia negar-se a assumir, nem abandonar a freguesia. Ele deveria enviar relatórios de suas atividades ao bispo e cada freguesia deveria ter sua igreja matriz. “Para a igreja, um povoado não poderia ser elevado à categoria de Freguesia, sem que haja uma causa canônica. O número elevado de pessoas em um lugar, não é causa para uma instituição de uma freguesia” (FRÓES, 2006, p. 31).

Salgado e Pereira (2017) também afirmam que a elevação de um povoado à categoria de freguesia podia se dar por doação de terras de um morador, ou um conjunto de moradores, ao patrimônio de um santo católico. Dessa forma, essas terras se tornavam um bem sagrado e ali poderia ser erguida uma capela àquele santo, determinando e legitimando aquele povoado, uma vez que, para ser considerado como tal, existiam regras. Com essa legitimação, era concedida a expansão e o desenvolvimento que a levava à categoria de freguesia.

Tal concepção de formação de freguesias, segundo Fróes (2006), é uma das três formas de se originá-la. A primeira forma consiste na criação propriamente dita de uma nova freguesia, em um território onde não há nenhuma outra, por meios já explicados. A segunda maneira é por desmembramento, que acontece quando a Igreja representada pelo bispo e o governo, representado na época pelo rei, separavam uma ou mais freguesias. Os territórios eram separados juntamente com seus habitantes e, assim, se criavam novas freguesias. De acordo

¹³ Segundo Souza (2015, p. 14) e Fróes (2006, p. 64), a Igreja Nossa Senhora do Desterro não se originou em sua localidade atual, mudando-se após um incêndio, para Campo Grande.

com o autor, quase todas as freguesias dentro da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro passaram por esse processo. E por último, por anexação, que se dá quando duas paróquias ou mais são reduzidas a uma.

Para as terras conhecidas hoje como o bairro de Campo Grande conseguirem elevar-se ao *status* de Freguesia, era necessário, como dito antes, algumas regras a seguir. Além disso, havia um interesse dos habitantes de que, de fato, deixassem a condição de povoado. Assim, moradores doaram à Igreja alguns oratórios domésticos e outras terras para se organizar uma capela, no intuito de se criar uma *Freguesia verdadeira*, mas faltava um detalhe importante: um dos rigores para se originar uma freguesia é ter uma Igreja Matriz, não uma capela. “Porém, para que a capela criada e mantida por moradores, fosse elevada à categoria de Matriz, com todos os privilégios que o alvará proporcionaria, era necessária uma *provisão*, documento assinado pelo bispo, garantindo a existência de um *Patrimônio canônico*” (FRÓES, 2006, p. 88).

Então, em 12 de março de 1743, o Bispo D. Fr. João da Cruz concedeu a primeira provisão a uma capela das terras *do* Campo Grande, a do Senhor do Bom Jesus do Arnaldo e Nossa Senhora da Conceição, se tornando, assim, a Freguesia de Antonia Dias. Em 14 de Outubro de 1745, o Bispo D. Fr. João da Cruz veio a falecer, sendo substituído por D. Frei Antônio do Desterro. Aqui, observamos a primeira menção ao nome “Desterro” relacionado a uma freguesia:

D. Frei Antonio do Desterro, desde logo, se mostrou incansável na luta para erigir em Freguesia Colada, o Curato de Nossa senhora do Desterro, mas para tanto, sua maior preocupação continuou sendo a procura de um local para a construção de uma igreja Matriz e seu cemitério. Lembrou em anos posteriores a situação de Juriary, onde alguns Paroquianos doaram certa porção de terra para esse fim; e deliberando o projeto, à requerimento dos fregueses benfeitores, facultou então o Bispo D. Frei Antonio do Desterro, a ereção da Igreja paroquial por Provisão em 29 de Agosto de 1747 (FRÓES, 2006 p. 90).

Porém, mesmo conseguindo a provisão para se erguer a Igreja Matriz, por questões de caprichosa discórdia entre paroquianos sobre o local escolhido, se seria cômodo ou não a visita de “certos paroquianos” (FRÓES, 2006), não se conseguiu o *status* de Freguesia. Apenas em 1750, depois de insistências em Consulta à Mesa da Consciência¹⁴, conseguiu uma resolução em 29 de novembro de 1750, que reconhecia que o Curato de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande possuía condições de ser Freguesia Colada¹⁵ de Nossa Senhora do Desterro.

¹⁴ “Criada em Portugal em 1532, com a denominação de Mesa da Consciência, tinha por atribuição o aconselhamento do rei sobre as matérias que tocassem a ‘obrigação de sua consciência’ (HESPANHA, 1994, p. 251 idem, 1982, p. 346)”. Retirado do texto de Dilma Cabral, *Mesa da Consciência e Ordem*, de 2011. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/195-mesa-da-consciencia-e-ordens>. Acesso em: 02 fev. 2021.

¹⁵ Freguesias Coladas eram cuidadas, principalmente, pela Mesa e eram mantidas pelas Coroa, ao contrário dos curatos e criação episcopal, que eram mantidos pelo bispado.

Entretanto, apenas após sete anos deste parecer, do dia 12 de janeiro de 1757¹⁶, que, de fato, por meio de um alvará, o Curato se elevou à categoria de Freguesia Colada, ganhando assim o seu próprio e vitalício vigário, o Padre Bernardo Ferreira de Souza (FRÓES, 2006).

Mesmo conseguindo o alvará e tendo tudo legalizado, ainda não se tinha um local escolhido para construção da Igreja Matriz. Esse processo tornou-se difícil, visto que os fregueses não se acordavam sobre o local junto ao vigário, e o terremoto que aconteceu em 1 de novembro de 1755 em Lisboa, relatado por Fróes (2006, p. 98), contribuiu para que o processo de procura e construção do local ideal fosse ainda mais complicado, com os cofres da Igreja voltados para a reconstrução da catástrofe. Devido a isso, recorreram a uma matriz provisória, a Capela de Nossa Senhora da Conceição em Santíssimo, que também não sofria manutenção e, por isso, se encontrava em estado de penúria.

A questão da falta de Matriz própria gerava um desconforto no bispo responsável, que intituiu mais sete vigários para a Freguesia, alguns simultâneos. Apenas em 1794, com a visita de Monsenhor Pizarro, se escolheu um terreno para a construção. Incomodado com o caso, procurou e escolheu dois possíveis terrenos que eram de Bernardo José Dantas, que, sendo convidado a doar, doou o segundo e melhor terreno.

Iniciada a construção, a Matriz Igreja Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande entrou em exercício em 1808, no bispado de D. Jose Caetano da Silva Coutinho. Porém, faço aqui um adendo, para explicar que, até então, o nome era Freguesia Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande, não *de* Campo Grande, como se tratou depois. Entre 1870 e 1910, seu território era tão extenso que foi parcelado e dividido, criando-se, então, o Curato de São Sebastião e Santa Cecília, em Bangu, e a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição em Realengo, em 1910.

Como explicado, a Freguesia Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande se originou em 1757, por processo de alvará em 12 de janeiro. A Igreja Matriz foi construída por volta de 1794, entrando em exercício em 1808, no engenho de Juary. Em 1882, ocorreu um incêndio que a destruiu completamente (MANSUR; MORAES, 2014), mas com os esforços do padre Belizario dos Santos, de fazendeiros da região e do governo, a igreja foi reconstruída em 1888, em uma elevação, na rua Amaral Costa, longe de sua primeira localização que pegou fogo.

A igreja que se conhece hoje, localizada dessa rua no centro de Campo Grande, é ainda a mesma construída em 1888 após o incêndio. No entanto, Oliveira (2016), Rovere (2009) e outros apontam o ano de 1673, ou ainda o ano 1603, como gênese da Freguesia de Nossa

¹⁶ Fróes e Gelabert (2017) apontam que há confusão entre os anos de 1755 e 1757 sobre a elevação do Curato à Categoria de Freguesia Colada, pois o Curato fora numerado para ser tornar Freguesia N. S. do Desterro em 12 de janeiro de 1755. Contudo, de fato, só lhe foi concedido o alvará em 12 de janeiro de 1757. Pela data ser parecida, segundo eles, alguns autores confundem a elevação de Curato para Freguesia entre 1755 e 1757.

Senhora do Desterro Campo Grande, com a construção da Matriz. Ou seja, antes da data apontada por Fróes (2006).

Entretanto, como explicado anteriormente, Fróes, em seu livro *Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande*, por meio de cartas e escritos antigos cedidos pela Igreja Matriz do Desterro, o Arquivo Nacional, Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, Arquivo da Cúria Arquidiocesana do Rio de Janeiro, biblioteca Municipal de Copacabana e Matriz da Paróquia de Sant'Ana das Capoeiras, mapeou todas as citações de cartas, manuscritos, memórias e documentos que citavam a Igreja Nossa Senhora do Desterro e *O Campo Grande*. O autor apurou, assim, a razão dessa discrepância. Segundo Fróes (2006, p. 63):

Memórias Histórias do Rio de Janeiro, a Obra de Monsenhor Pizarro mais usada e citada pelos historiadores que o sucederam ao longo de mais de dois séculos, ensejou que fossem publicadas “*Lucubrações, conjecturas ou repetições contínuas de erros iniciais jamais corrigidos*” lançando algumas mãos do recurso muito usado de justificar suas incertezas com as palavras “segundo Pizarro”.

Outros autores, como Silva e Neto (2020, p. 123), também apontam o equívoco que se deu a partir dos escritos do Monsenhor Pizarro:

Fato importante a que o leitor deve atentar, ao examinar o relatório de Monsenhor Pizarro, é a identificação da época na qual o visitador relata o ocorrido. A visita de Monsenhor Pizarro foi feita em 1794, porém há incidências de textos oriundos das visitas realizadas por seus predecessores nos anos de 1728, 1730, 1734, 1755, 1777 e 1783. Esse é um dos labirintos que mencionamos em capítulos anteriores, Pizarro introduz narrativas de visitadores anteriores em meio ao seu texto e, em alguns casos, não deixa claro onde a citação começa e onde termina. Muitos historiadores acabaram presos nesses labirintos e publicaram informações que não condizem com a realidade.

Souza também aborda essa questão:

Acreditamos mesmo que a insistência do ano de 1673 ou 1674, como sendo da criação da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, seja fruto de um “cochilo” na interpretação das palavras daquele que foi, sem dúvida alguma, o maior cronista e historiador da vida religiosa e dos costumes eclesiásticos da diocese do Rio de Janeiro nos seus primeiros tempos: Monsenhor Pizarro (2015, p. 15 apud Gelabert e Fróes 2004, p. 79).

E ainda:

O bispo Antônio do Desterro ordenou, em 1720, que fosse encontrado um novo local para a matriz. Mais tarde, o padre Pizarro de Araújo (futuro monsenhor Pizarro) conseguiu que Francisco Gomes de Almeida, futuro Barão de Campo Grande, doasse parte de suas terras, no Engenho do Juary (MANSUR, 2008, p. 67).

Uma grande parte dos historiadores e pesquisadores de Campo Grande tem em sua bibliografia sobre a origem do bairro, o livro *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas às jurisdições do do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei*

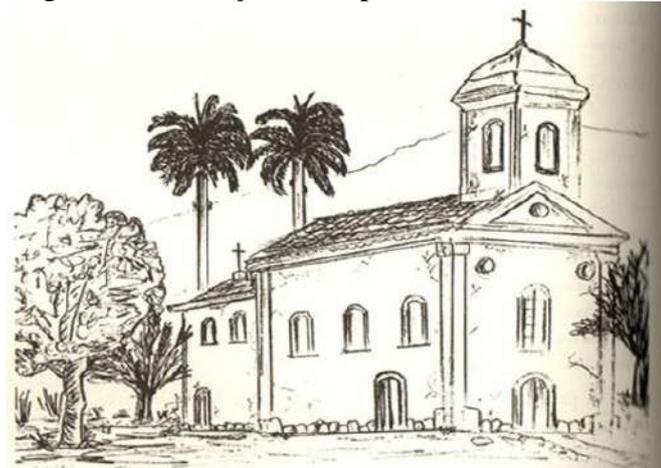
*Nosso Senhor D. João VI, Livro III, 1822*¹⁷. Desses escritos, se originaram vários outros livros que, vez ou outra, segundo Fróes (2006) iam mudando, ou acrescentando algum dado, e assinando como próprio autor o Jose de Souza Azevedo Pizarro Araújo, ou Monsenhor Pizarro.

Nos fragmentos acima, percebemos que são inúmeras as citações de datas e acontecimentos atribuídas a Pizarro. Acontece que ao próprio é também atribuída, segundo Fróes (2006), a narrativa de que, na verdade, em 1673, se ergueu uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora do Desterro na Fazenda Bangu, que ficava na Freguesia de Irajá, localizada nas terras *do Campo Grande*, por Manoel de Barcellos Domingues.

Em suas memórias, ele continua: “*As terras para além daqueles limites (Irajá) vieram a se constituir a ‘cura’ de Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande*”¹⁸. Nesse momento, ele não atesta a criação da freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, até porque, como vimos em páginas anteriores, para se constituir uma freguesia, eram necessários muitos passos.

Todavia, alguns tendem a confundir a fundação da Freguesia Nossa Senhora do Desterro do Campo Grande, no bairro em si, em 1757, com o levante da capela dedicada à Nossa Senhora do Desterro, em 1673, na fazenda Bangu, em Irajá. A figura abaixo mostra a imagem retirada do livro *Fazenda Bangu: joia do sertão carioca*, de Paulo Silva e Benevenuto Neto, moradores e admiradores de Bangu.

Figura 5 - Ilustração da Capela de Nossa Senhora do Desterro



Fonte: SILVA; NETO, 2020.

¹⁷ O nome do livro está digitado exatamente como impresso, justificando assim algumas palavras escritas diferente.

¹⁸ Fragmento retirado dos escritos originais de Monsenhor Pizarro inseridos no livro *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das provincias annexas às jurisdições do do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João VI, Livro III, 1822*. Estes escritos se encontram no livro *Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande*, de José Nazareth de Souza Fróes

Equívoco esse que Fróes aponta em seu livro como uma confusão cometida por autores baseados em Pizarro:

O historiador Moreira de Azevedo no seu livro “Rio de Janeiro” na pg. 490, tratou de Campo Grande, repetindo infelizmente algumas inexatidões de Pizarro e Araújo, em quem se abeberou. Vejamos porém o que disse o autor supracitado a respeito da freguesia de N.S. do Desterro de Campo Grande [...] Instruída essa freguesia em 1673, às custas do território desmembrado da freguesia de Irajá, colocou-se a Pia na Ermida de N. S. do Desterro em Bangu, Fundada em meio de um campo por Manoel Barcelos Domingues, um dos primeiros moradores do distrito [...] Campo Grande, Freguesia do Rio de Janeiro deve sua origem a Manoel de Barcelos Domingos um dos primeiros habitantes no século XVII [...] A Freguesia de N. S. do Desterro de Campo Grande, foi edificada antes de 1673, mas reedificada onde está nos primeiros anos do século XIX. [...] A Paroquia de N. S. do Desterro do Campo Grande foi criada, segundo Pizarro, em 1673, pelo primeiro conquistador Manoel de Barcellos Domingos, fundaram a capela em campos de Bangu, separando-se da Freguesia de Irajá. [...] Dirão que é coisa estranha, mas na verdade, foi em Bangu que de certo modo Campo Grande começou dependentes como eram seus primitivos moradores para sua vida religiosa da capela que em sua fazenda banguense havia construído em 1673 o colonizador Manoel Barcelos Domingues [...] Em 1747, este local foi encontrado porém os proprietários das terras, que foram escolhidas para erguer o templo, não quiseram doá-las, então padre Pizarro e Araújo, conseguiu que o SR. Francisco Gomes de Almeida, proprietários do engenho do Juriari (Joari) doasse parte de suas terras (2006, p. 63-64).

Repara-se que nos fragmentos citados por Fróes, há discrepâncias e afirmações diferenciadas. Por exemplo, no último fragmento, que se refere à intervenção de Monsenhor Pizarro na doação do terreno para a construção em 1747, na verdade, ocorreu em 1794, pois no ano anterior, ele não tinha nascido ainda, visto que seu nascimento data de 1753. E o nome Manoel Barcellos Domingues, apresentado previamente, é citado de formas diferentes, como “Domingos” e “Barcelos”. Souza (2015, p. 16), de igual forma, aponta esse pequeno engano:

Refere Milliet de Saint Adolph no seu “Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Imperio do Brasil” pag. 214, que Campo Grande, Freguesia da Província do Rio de Janeiro, deve sua origem a Manuel de Barcellos Domingos, um dos habitantes daquele território no século XVII. Há engano no ultimo nome, pois é “Domingues” e não Domingos. Encontrei rastros desse personagem nos livros mais antigos de Irajá e Campo Grande, afora várias referências a sua pessoa, na falta do livro de batismo n° 1, de Campo Grande, achei o registro de casamento de dois filhos dele, respectivamente, em Campo Grande e Guaratiba.

Questões como essas explicam as incertezas da origem do bairro e da igreja que se perpetuam ao longo do tempo. O *blog Memórias de Campo Grande*, mantido por Carlos Eduardo de Souza, publicou a imagem do jornal *Patropi* de 1980, comemorando o aniversário de Campo Grande datando o bairro em 1673.

Figura 6 - Fragmento recortado do *blog Memórias de Campo Grande*

Campo Grande: Quantos anos?



A imagem acima refere-se à uma edição do *Jornal Patropi*, de junho de 1980. Entre algumas notícias e fatos do bairro de Campo Grande e adjacências, como uma crítica ao Calçadão de Campo Grande, à época criado a pouco tempo, e a estreia do Campo Grande Atlético Clube na Taça Rio, uma chama atenção na parte de baixo do Jornal: trata-se de uma possível data de aniversário do bairro. A reportagem comunica o seguinte:

“Campo Grande o futuro econômico do Rio
Comemora com o *Patropi* no dia 26 de junho, o 307º aniversário de Campo Grande. Nesta data circulará uma edição especial que analisará as perspectivas econômicas, educacionais, políticas e a qualidade de vida da década de 80”.

Na manchete cita que o bairro, em 1980, fazia 307 anos. Sendo assim, como que em 2019, e em novembro, não em junho, Campo Grande comemorou 416 anos? A conta não bate.

A questão é que Campo Grande não tem uma data oficial de fundação, já que o bairro foi sendo povoado aos poucos. A data que comemora o aniversário do bairro no *Jornal Patropi* é referente a criação da Capela de Nossa Senhora do Desterro, ainda em Bangu, em 1673. A igreja citada depois “migra-se” para as terras do atual Campo Grande e se torna a Matriz do bairro. Por isso, a reportagem de 1980 afirma 307 anos, fazendo referência à data de criação da capela que seria a igreja símbolo do bairro de Campo Grande. Já uma outra versão histórica afirma que o bairro começou sua história em novembro de 1603, após uma doação de sesmarias. Já a justificativa de comemorar 416 anos em 2019.

Além dessas possíveis datas de “começo” do bairro, ainda existe uma outra que é a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, em 1755 ou 1757, a qual alguns historiadores afirmam que esse é o verdadeiro início do bairro.

O fato é que Campo Grande não tem uma data específica de surgimento, podendo ser consideradas todas citadas acima, e talvez até outras. Mas, o importante é constatar que o bairro possui muita história para contar, através de seus séculos e mudanças eternizados pelo tempo.

Fonte consultada: *Jornal Patropi*, edição 255, semana de 07 a 13 de junho de 1980.
Pesquisa: Carlos Eduardo de Souza

Fonte: SOUZA, 2018. Disponível em: <http://memoriascampogrande.blogspot.com/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Na imprensa, segue a ambiguidade, como apresenta a imagem do *Jornal Zona Oeste*, em sua edição de aniversário, “De 1673 a 1998 - 325 anos de História”. Na página 17, há a matéria “A História de Campo Grande” e, em outra página, apresenta uma chamada “A história de Campo Grande até 1900”. Ambas as narrativas apresentam a origem do bairro em 1673, com a construção da Matriz em 1747, porém, o alvará para criação da freguesia foi liberado em 1757, e, ainda em 1794, Monsenhor Pizarro estava procurando um terreno para a construção (FRÓES, 2006).

Figura 7 - Fotos do *Jornal Zona Oeste*



Fonte: A autora, 2019.

Seguindo a imprensa, busquei outras fontes para verificar se as distorções continuavam. Em visita à Biblioteca Popular de Campo Grande, que está provisoriamente na Região administrativa XVIII - Superintendência da Prefeitura do Rio de Janeiro AP 5.5 Campo Grande, no dia 13 de setembro de 2019, localizei inúmeros exemplares sobre Campo Grande e recortes de jornal. Os que tratavam de sua origem, divergiam entre as datas 1673 e 1757 e ainda datando a construção da capela de N. S. do Desterro entre 1628 e 1629, em Guaratiba, região inserida nos Campos Grande e Sertão.

Figura 8 - Fotos do acervo da Biblioteca Popular de Campo Grande



Fonte: A autora, 2019.

Ainda pesquisando, encontrei na *internet* referências sobre o aniversário de Campo Grande. As diferenças continuam: na primeira imagem, retirada do *Google*, o aniversário data de 17 de novembro de 1673; na segunda, um *site* chamado *Conexão Zona Oeste* comemora os 414 anos do bairro em 2017, que daria a sua origem em 1603. Por fim, a terceira, um *blog* chamado *Saiba História*, comemora os 409 anos do bairro em 2012, que também daria a sua origem em 1603, mas relatando, em seu texto inicial, sua origem em 1673.

Figura 9 - Capturas de tela das páginas da *internet*



Legenda: (a) - captura de tela da página do *Google*; (b) – captura de tela da página do *site Conexão Zona Oeste*; (c) – captura de tela do *blog Saiba História*.
Fonte: A autora, 2021.

O que fica evidente a partir destas fontes é a produção de memória que acompanha toda história. Mediante inúmeras datas e documentos, não tenho a pretensão aqui de demarcar uma real data de origem de Campo Grande. Para Fróes, Mansur e Souza, a origem da Freguesia não se deu mediante a origem da Igreja, pois a freguesia data de 1757, enquanto a origem da igreja se dá em 1673, por meio da construção de uma capela na Fazenda Bangu, na Freguesia de Irajá, por Manuel Barcellos Domingues. Já para outros autores, Campo Grande, a Freguesia, teria se originado em 1603 ou 1673 com a construção da capela ou já paróquia para alguns. Os dois eventos não se desassociam, construindo, assim, a ideia que muito ouvi nas entrevistas com os moradores, de que não se tinha nada em Campo Grande, então se construiu aquela igreja enorme no alto de um elevado, e tudo começou a crescer ao entorno dela, como se ela estivesse no mesmo lugar desde 1673 e tivesse estimulado a chegada das pessoas e a construção do bairro.

1.3 Do rural ao urbano

As atividades na freguesia transitavam em torno do comércio e mão de obra escrava (OLIVEIRA, 2016; TOSTES, 2012; FREIRE, 2019), engenhos de açúcar (OLIVEIRA, 2016), cultivo do café (SOUZA, 2018) e plantação e exportação de laranja (MANSUR, 2005). Essas atividades econômicas só puderam ser desenvolvidas por influência da Fazenda Santa Cruz, conhecida como a fazenda dos jesuítas. As terras onde se conhecia como a Fazenda dos Jesuítas foram doadas aos próprios pela esposa de Cristóvão Monteiro, que, por sua vez, recebeu da Coroa Portuguesa, em 1556, as terras como agradecimento pelos seus esforços na luta com os Franceses no Rio de Janeiro (LUCENA, 2018). A Fazenda Santa Cruz, desenvolveu, inicialmente, o cultivo de cana de açúcar e gado. Segundo Souza (2015, p. 17), os Jesuítas realizaram um importante papel no crescimento econômico do Sertão do Campo Grande:

Além das obras de engenharia que realizavam, como a abertura de canais e a construção de diques e pontes para a regularização do rio Guandu, o escoamento dos produtores da fazenda Santa Cruz, oriundos do cultivo de cana-de-açúcar e da produção de carne bovina, era feito através da Fazenda dos Jesuítas, posteriormente Estrada Real da Fazenda de Santa Cruz, que ia até São Cristóvão e se interligava com outros caminhos e vias fluviais que chegavam até o centro da cidade.

Fróes e Gelabert (2004, p. 48) ainda ressaltam:

Necessitando melhorar as condições daqueles caminhos, única ligação com a sua grande fazenda estabelecida em Santa Cruz, em terras recebidas na Guaratiba, os Jesuítas, aproveitando parte dos primitivos caminhos que por nós aqui foram delineados, abriram uma estrada que, depois da vinda da família Real para o Brasil, em 1808, recebeu o nome de Estrada Real de Santa Cruz.

A Estrada Real era uma excelente possibilidade, se não a única, para se chegar e percorrer o Sertão, facilitando, dessa forma, o trânsito da Família Real e o comércio. Tendo sua maior parte localizada hoje na avenida Cesário de Melo, em Campo Grande, essa estrada foi o caminho mais importante até a chegada da ferrovia, sendo considerada até mais importante para a economia nacional do que a Avenida Central, atual avenida Rio Branco (MANSUR, 2008).

Os engenhos de açúcar integravam uma parte importante da economia no início da Freguesia, onde iam crescendo ao longo dos anos. Em 1710, a região de Campo Grande e Guaratiba contava com 11 engenhos, depois 16, em 1779, e 22 entre 1797 e 1798 (CRUZ, 2018). No entanto, ainda assim, a ocupação territorial era lenta.

Contando com uma população de escravos, escravos livres, lavradores e pequenas fazendas, a Freguesia de Campo Grande, apesar do seu território favorável, não ostentava muitos habitantes. Já no final do século XVIII, o padre Antônio Couto da Fonseca, segundo Souza (2015), plantou as primeiras mudas de café, que cresceram muito bem, florescendo o cultivo na região. Essa atividade, junto da proibição do tráfico negreiro em 1850, enfraquecia os engenhos, mas ajudou no crescimento da região, pois, em 1878, chega em Campo Grande o primeiro sistema de transporte coletivo, o que ajudou muito no processo de futura urbanização: uma estação da Estrada de Ferro de D. Pedro II (OLIVEIRA, 2017).

Com a implantação da nova ferrovia, pequenas casas e comércios começaram a se estabelecer próximos à estação, e um adensamento populacional se iniciou ao redor da ferrovia. Alguns autores, como Oliveira (2014, p. 64), apresentam esse acontecimento, como início do processo de povoamento e urbanização:

Contudo, foi somente na segunda metade do século XIX, com a implantação da Estação de Ferro D. Pedro II em Campo Grande, que a região começou a se adensar e se transformar de fato. Pode-se dizer que foi, então, o transporte ferroviário que trouxe grandes transformações para essa região, transformando uma região de característica tipicamente rural em uma região urbana. A linha férrea facilitou o acesso da região ao centro da cidade e, por conseguinte, seu povoamento.

Outro evento apontado também como processo de urbanização, foi a inauguração, em 1894, do transporte por tração animal. Os bondes, puxados por animais, foram largamente utilizados e servindo como auxílio ao trem no transporte da produção de plantação e acessando regiões que os trilhos da estação não assistiam. Logo, em 1915, o serviço de tração animal foi substituído por bondes elétricos. Essa novidade, contribuiu para aumentar a mobilidade e integração dos moradores de Campo Grande, auxiliando assim no comércio interno e trânsito de produções (OLIVEIRA, 2014).

Desse modo, o bairro expandia em modernizações econômicas, que, assim como outros bairros da Zona Oeste, giravam em torno da agricultura, tendo nesse período a cultura do café. Contudo, ela caiu em declínio, como afirma Fróes e Gelabert:

O cultivo do café no Mendanha trouxe um breve período de opulência para a região, que veio a perder sua supremacia, mais tarde, para Vassouras e Resende. As plantações de café foram se alastrando pela Baixada Fluminense, sendo inclusive, a razão de seu povoamento e a base para sua riqueza e prestígio, na época. A crise da lavoura fluminense teve, como causas principais, a falta de braços e a extraordinária baixa no preço do café, além das elevadas tarifas das vias férreas (2017, p. 179).

Com o enfraquecimento do café, outra cultura emergiu: a da laranja. O cultivo da laranja ganhou tamanha proporção em Campo Grande, que se tornou motivo de orgulho (MILHOMENS, 2017), concedendo ao bairro um apelido, já mencionado anteriormente, “citrolândia”. Ostentando um solo promissor para o cultivo, Campo Grande produziu tantas laranjas que importava para fora do país. Seu território começou a adensar em números de pessoas, pois vinham jovens de todos lugares para trabalhar nos barracões de laranja.

O sucesso foi tamanho que, segundo Oliveira (2017), nesse período, Campo Grande, assim como toda Zona Oeste, teve sua “consagração da vocação agrícola”, reforçando e alicerçando sua condição de Zona Rural. A cultura da laranja foi um dos ciclos agrícolas da região que promoveram a Zona Oeste como “Celeiro do Distrito Federal”. Essa concepção era promovida pelo poder público, já que, a partir dos anos 20, por meio do Decretos nº 2.441 de 20 de janeiro 1921 e nº 1.536 de 07 de abril de 1921, estabeleceu-se a criação da Colônia Agrícola e Granja de Criação da Prefeitura, em Guaratiba (OLIVEIRA, 2017, p. 335). A colônia se torna, então, uma fazenda modelo para atividades agrícolas do Distrito Federal. Esse decreto também criou um matadouro modelo e várias escolas rurais nos bairros de Santíssimo, Campo Grande, Realengo, Senador Camará, Magarça, Vila Eugênio, Covanca, Padre Miguel Emboabas e Guaratiba, de forma que, até o ano de 1948, 26 escolas rurais tinham sido construídas (MOTA, 2009). Pode-se entender esse investimento como uma demonstração das intenções do Estado de certificar a região como área rural da cidade do Rio de Janeiro.

Entretanto, essa zona, consagrada rural, ascendia em crescimento constante, já que todos os olhos se voltaram para a economia que Campo Grande gerava. O bairro crescia em população e em edificações. Entre sítios e fazendas, barracões eram construídos e terras eram preparadas para o cultivo. Houve investimento massivo na cultura da laranja:

A cultura da laranja em grande escala no então Distrito Federal só se desenvolveu pouco depois de 1920, devido às facilidades de financiamento de capitais ingleses e com o interesse em valorizar as terras nas adjacências do Rio de Janeiro. Homens de negócio fomentaram o movimento pela cultura da laranja: Fizeram grandes plantações em velhas fazendas, facilitaram a venda das terras divididas em pequenos sítios e

organizaram viveiros para a expansão dessa cultura. Instalaram-se usinas de beneficiamento e organizaram-se o negócio de exportação (FRÓES; GELABERT, 2017, p. 181).

Todo esse processo, demandava mão de obra, o que gerou muitos empregos e um fluxo populacional considerável em toda Zona Oeste, que foi suprido em 1930, quando a Estrada Real foi incorporada à antiga Estrada Rio-São Paulo. Esse evento inseriu Campo Grande no cenário urbano da cidade (ROVER *et al.*, 2009) e muitos vinham para trabalhar ou adquirir terras para o cultivo. Junto com outros bairros da Zona Oeste, como Santa Cruz e Realengo, Campo Grande era um dos maiores produtores, exportando, até 1939, 144.557 toneladas de laranjas (FRÓES; GELABERT, 2017, p. 185)

Logo, a cultura da laranja também chegou ao fim, alcançando seu declínio e desfecho por fatores diversos. Para Souza (2015), essa queda se deu por uma praga, na qual nem os inseticidas surtiram efeito, prejudicando a plantação. Já Mansur (2008), Barata (2014), Oliveira e Lima (2017) apresentam a queda e fim dos laranjais na Segunda Guerra Mundial. Os problemas acarretados pela guerra aos países europeus fizeram com que voltassem suas economias para si, impossibilitando a compra de produtos externos. A falta de mercado externo teria desestabilizado toda a cultura de produção em massa, que começou a decair até se esgotar. Fróes e Gelabert (2013), também compartilhavam dessa ideia, mas ainda adicionaram a questão sanitária e a falta de tratamento do solo.

Por outro lado, Santos *et al.* (2020), acrescentam como motivo do declínio, além da guerra, o desinteresse em investimento do governo na época. Segundo eles, as fazendas deixaram de ser prioridades. Concordando com Souza (2015) e indo mais além, Oliveira (2017), atribui o fim da era dos laranjais a uma outra praga, chamada “mosca do Mediterrâneo”, e aos produtos químicos inseridos nos inseticidas que, uma vez colocados, não deixavam a plantação sobreviver, matando a praga e toda a plantação junto.

Sofrendo uma poda na principal atividade econômica, Campo Grande necessitou se reinventar para continuar sobrevivendo. Para Souza (2015), morador e autor de vários livros sobre o bairro, esse infortúnio da queda da citricultura favoreceu o início do comércio no bairro.

Inaugurados pelos libaneses e sírios, que migraram no início do século XX, o comércio ambulante ganhou força. Entre tecidos, joias e calçados, criaram o que viria a ser um império do comércio em Campo Grande no século XXI (FRANCISCO, 2005). Como Souza aborda:

Uma prova do crescimento do comércio (influenciado pelos imigrantes) está relacionada ao mercado São Brás (localizado no atual Calçadão de Campo Grande), que no início atuava no estilo de uma feira, mas que, devido ao crescimento da área, o mesmo firmou-se como um pioneiro no que diz respeito ao comércio de Campo Grande, contribuindo para a expansão comercial do bairro (2015, p. 21).

Porém, naquele momento, a atividade comercial dos imigrantes não conseguia erguer o bairro, e muitas terras e sítios foram abandonados, uma vez que já não eram mais usadas para cultivo das laranjas. É dentro desse cenário que se iniciam os loteamentos no bairro de Campo Grande, no fim da década de 40.

Para inúmeros autores já citados aqui, esse processo de loteamento se tornou um marco de transição do rural para o urbano. Nesse andamento, se deu início o adensamento primordial do bairro de Campo Grande, que até então era dominado por fazendeiros, pequenos agricultores, trabalhadores agrícolas e pequenos comerciantes imigrantes.

Quando a Citricultura ruiu, os donos de terras se viram perdidos com enormes espaços sem propósito, fazendo com que o processo de retaliação e loteamento de terras reconfigurasse o *status* de Campo Grande. Para Mansur (2008), Oliveira (2017), Barata (2014), Oliveira e Lima (2017), Santos *et al.* (2020) e Milhomens (2017), esse processo de loteamento se deu para fins habitacionais, em que as terras eram loteadas e vendidas bem baratas para lucro rápido. Tal evento dinamizou a economia do bairro e atraiu muitos habitantes novos, dando início à evolução e crescimento populacional do bairro, fazendo a transição, assim de rural para urbano. Para eles, esse processo de loteamento se estendeu até a década de 1960, iniciando uma era industrial para Campo Grande.

No entanto, outros autores divergem nessa questão de transição de rural para urbano, afirmando que não apenas se deu no processo de loteamento, mas sim uma junção de acontecimentos, como o crescimento da malha viária e rodoviária, que, conseqüentemente, trouxe um crescimento populacional e econômico para o bairro (FONSECA, 2007). Ou ainda, que esse processo de transformação só foi possível com dois elementos específicos combinados, o loteamento e a abertura da Avenida Brasil em 1950 (VIEIRA, 2015), que possibilitou, ao público que se interessava nos lotes baratos de terra, uma condição de trânsito melhor para o centro da cidade. Souza (2015) e Fróes e Gelabert (2017), correspondem a passagem do rural para o urbano ao loteamento e chegada das indústrias em massa, eventos que estão entrelaçados com processo de urbanização do bairro, mesmo com tais acontecimentos se dando em décadas diferentes. Com os loteamentos no final da década de 40, a população aumentou e as indústrias tinham terrenos acessíveis e mão de obra barata para trabalho.

Campo Grande, então, se reconfigurava e reerguia, atraindo inúmeros habitantes e construtoras para loteamentos habitacionais e industriais para produção, algumas até internacionais, como a francesa Michelin (OLIVEIRA, 2017, p. 337). Nesse cenário, nos anos 1940, o bairro volta a ter a atenção do governo, que investiu em infraestrutura de água e saneamento e na construção do hospital Municipal Rocha Faria (SOUZA, 2015), que se localiza

a 350 metros da Paróquia Nossa Senhora do Desterro e a 800 metros da estação de Campo Grande. Cria-se, assim, uma centralidade no bairro e um adensamento populacional maior naquela região.

A Paróquia foi instituída naquele terreno após o incêndio em 1882, intencionalmente instalando-se em terreno elevado, direcionado à face sul do bairro, de maneira a se tornar visível em meio a outras construções, com acesso visual à estação ferroviária, constituída em 1878, criando e mantendo, assim, uma centralidade naquele lugar até hoje. É possível ter uma noção dessa centralidade com a foto apresentada abaixo, tirada por mim, de cima da estação de trem de Campo Grande, em uma das visitas ao bairro.

Figura 10 - Vista da Paróquia em meio a urbanização do bairro



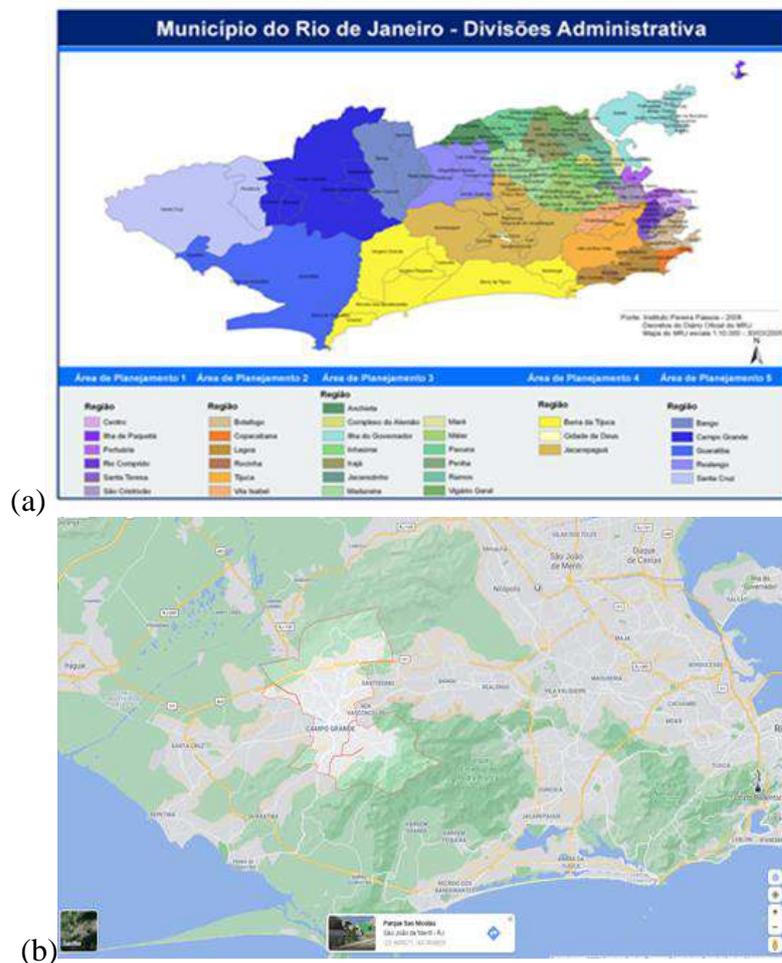
Fonte: A autora, 2019.

Nessa reconfiguração, o volume populacional nas décadas de 50 e 60 cresceu consideravelmente para um bairro antes rural:

Comparando-se a quantidade de moradores de Campo Grande em 1950 (59.752, maior população da Zona Rural, embora menor que muitos bairros da Cidade) com a quantidade em 1960 (126.982), identifica-se não só um proeminente aumento, mas uma aproximação de Campo Grande, em 1960, com os bairros mais populosos da Cidade, como Copacabana, por exemplo, com 240.347 habitantes. Ao analisar o crescimento populacional vivido por Campo Grande na década 1960, observa-se que as mudanças na forma de ocupação da região foram a caracterizando como uma área urbana em expansão. Nada comparado com o que encontramos hoje, tratava-se, porém, de uma profunda transformação no uso da terra e nas práticas econômicas, com um gradual abandono das atividades rurais, pois, em paralelo, houve a instalação dos distritos industriais nas décadas de 1960 e 1970 (VIEIRA, 2015, p. 33-34).

Podemos observar os primórdios da superpopulação que se formou no bairro, sendo considerado o maior do país em população¹⁹. Campo Grande, como conhecemos hoje, começou a ser gestado neste período. Atualmente, o bairro conta com aproximadamente 542.084 habitantes, segundo censo do IBGE 2010²⁰. A primeira imagem apresenta um mapa do município do Rio de Janeiro, em que podemos observar em azul escuro o território administrativo de Campo Grande. Na segunda imagem, um mapa mostra a extensão territorial de campo grande no *Google Maps*.

Figura 11 - Dados demográficos de Campo Grande



Legenda: (a) – dados do IBGE, 2010; (b) – dados do *Google Maps*, 2019. Fonte: IBGE (2010); *Google Maps* (2019).

¹⁹ Informação acessada em 16 de fevereiro de 2021, coletada dos sites: <https://exame.com/brasil/ibge-bairro-de-campo-grande-e-o-mais-populoso-do-rio/>, <https://www.geofusion.com.br/blog/mar-de-gente-veja-os-10-bairros-com-maior-populacao-no-brasil/> e <https://diariodorio.com/bairro-de-campo-grande-quase-virou-uma-cidade/>.

²⁰ Apresento os dados do censo do IBGE de 2010, pois em 2020 não foi realizado devido a pandemia da Covid-19, sendo adiado para 2021. Por essa razão coloco “aproximadamente”. Disponível em: <http://bit.ly/ibgecampogrande> e Tabela 4.1, disponível em: <http://bit.ly/ibgecampogrande02>.

1.4 Centralidade e periferia

A partir de 1970, as construtoras de habitação começaram um investimento forte no bairro de Campo Grande junto com os distritos industriais. Lucrando com lotes comprados por preços baixos, se iniciou uma corrida de construção de conjuntos habitacionais. O país sofria uma inflação, o que favoreceu o processo habitacional em Campo Grande:

Nas décadas de 1970 e 1980 o quadro inflacionário que atingia o país atingiu população de baixa renda e também atingiu a classe média que não podia mais se manter nas áreas centrais da cidade, mas tinha condições de consumir o espaço produzido nas periferias. Aliando-se a vinda das fábricas para o distrito industrial ao já existente e crescente comércio de Campo Grande que já possuía uma centralidade considerável na região, não apenas em relação a bairros vizinhos, mas também a alguns municípios próximos como Itaguaí, Novos Iguaçu e Mangaratiba (MILHOMENS, 2017, p. 11).

Junto da economia gerada pela habitação, se inseriu nesse processo econômico o comércio. Com a inauguração do Calçadão de Campo Grande em 1976, projeto do paisagista Burle Marx, no centro do bairro, com distância de um quilômetro da Paróquia Nossa Senhora do Desterro e 750 metros da estação de Campo Grande, o espaço ajudou a consolidar e manter a centralidade daquela região, atraindo moradores e comerciantes em busca de renda. Hoje, é chamado Calçadão de Campo Grande Bispo Daniel Malafaia²¹.

O bairro, então, crescia do centro para as partes periféricas, essas mais carentes, sem muitos recursos, planejamentos ou ações governamentais, com loteamentos populares ilegais e segregação seletiva (OLIVERIA; LIMA, 2017). Essa ausência de regulamentação foi uma ação proposital do governo para descentralizar o bairro, precarizando regiões em detrimento de outras. “O crescimento periférico, e a percepção desse espaço como área de carência eram resultados diretos de políticas públicas que privilegiam em infraestrutura áreas sob o controle do grande capital em detrimento daquelas usadas pela força de trabalho” (BARATA, 2014, p. 3). Sendo assim, o bairro de Campo Grande começa a se transfigurar na contradição que se apresenta no século XXI, com problemas em torno da mobilidade e desenvolvimento econômico.

Fonseca (2017) aponta uma complexidade em Campo Grande na relação entre mobilidade e centralidade, na qual o desenvolvimento econômico do espaço tem influência direta nos processos de trânsito e espaço. Esse crescimento não planejado desde a década de

²¹ O então prefeito Marcelo Crivella, em dezembro de 2020, modificou o nome do calçadão em homenagem a Daniel Malafaia, bispo da Igreja Assembleia de Deus, falecido em 12 de dezembro de 2020, em decorrência da Covid-19. Disponível em: <https://diariodorio.com/calcaado-de-campo-grande-ganha-nome-de-bispo-daniel-mala-faia/>. Acesso em 16 fev. 2021.

70, acarreta inúmeras questões acerca da mobilidade precária do bairro. O centro, ou subcentros mais desenvolvidos economicamente do bairro, recebem investimentos públicos e privados que resultam em mais mobilidade, empregos e investimentos no setor imobiliário, que cresce desenfreadamente em todo o bairro.

Segundo Souza (2018), os agentes que atuam nos espaços urbanos - promotores imobiliários, proprietários fundiários, Estado, grupos sociais e proprietários dos meios de produção - os dinamizam não de forma aleatória, mas planejada e sincronizada, aos moldes e interesses do capital, ou seja, visando ao lucro. Molda-se, assim, o território em centros e subcentros.

Como resultado, apresenta-se um bairro com problemas de mobilidade e discrepâncias econômicas, onde se tem sub-bairros que apresentam um índice de renda de 30 salários mínimos por mês, com condomínios de luxo, zonas comerciais com infraestrutura, *shoppings centers* de alto padrão, como o *Park Shopping*, inaugurado em 2012, do mesmo grupo do *Village Mall* e *Barra Shopping*, enquanto há sub-bairros totalmente precários, com índices altos de fome e miséria²². E ainda, há regiões aprimoradas visando as classes médias, como a região da Estrada do Monteiro, onde, em 1992, se fundou o *West Shopping*, o primeiro *shopping* do bairro. Essa inauguração se tornou um movimento importante na dinamização das camadas populares e sua permanência no local. Com sua criação, mais um subcentro se deu em Campo Grande, visando a classe média. Em seu entorno, linhas de transporte foram sendo criadas e prédios construídos, dando início ao processo de verticalização do bairro, que também é um indicativo de expansão e desenvolvimento (MILHOMENS, 2017), que é planejado e controlado pelos agentes urbanos.

Até as obras e melhorias investidas pelo governo, como o PAC, BRT, VLT, o programa Minha Casa Minha Vida, e suas influências na região de Campo Grande, contribuíram para preservar a lógica capitalista de precarização no bairro (OLIVEIRA; LIMA, 2017). Dessa forma, acentua-se a contradição que vem se construindo em Campo Grande

1.5 Bairro e igreja

Constato que as histórias e memórias do bairro de Campo Grande se entrelaçam àquelas da Igreja Nossa Senhora do Desterro. Em um percurso cheio de contradições, a história desse bairro é contada de várias formas por diversas pessoas, acadêmicos ou não. Tendo sua data de origem questionada e incerta, Campo Grande, enquanto bairro, se distancia da Paróquia quando

²² Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/07/bairros-do-rio-de-janeiro-revelam-visibilidade-da-fome-que-bolsonaro-ignora/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

“Nossa Senhora do Desterro” é retirado do nome do bairro. Campo Grande emerge e a Nossa Senhora do Desterro se ausenta. Porém, não há como afirmar aqui que esta perde-se no bairro, pois o seu lugar em Campo Grande é o que discutimos também nesse trabalho, bem como suas reconfigurações e adaptações.

Nas disputas de memória, o padre atualmente responsável pela Igreja assim se posiciona:

Campo Grande é um dos bairros mais antigos do Rio de Janeiro, mais de 415 anos de existência. Porque, aqui, nessa região, estava dividido nas antigas regiões de sesmarias, grandes parcelas de terras confiadas a uma pessoa. E uma sesmaria também era confiada a uma administração eclesial da igreja, então nós tínhamos a grande sesmaria ou Freguesia de Nossa Senhora do Desterro que pegava desde Realengo, Deodoro, até, praticamente, Pedra de Guaratiba. Então, essa sesmaria foi dividida e se criou a freguesia de Nossa Senhora do Desterro. A questão de Nossa Senhora do Desterro está ligada também com a migração, ela também foi uma tradição trazida pelos portugueses que aqui chegaram. Nos dados históricos, quando a gente vai procurar livros sobre a fundação da paróquia, a gente vai encontrar no século XVII, mais ou menos 1640, aqui, exatamente aqui, uma pequena edificação devotada a Nossa Senhora do Desterro. Isso aqui era uma grande fazenda. Mais tarde, foi desmembrada uma parte desta fazenda e foi doada a igreja, para se construir uma futura Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro, e, em 1775, foi, então, fundada a Paróquia Nossa Senhora do Desterro. Já desmembrada das outras freguesias, então, ficou a Paróquia Nossa Senhora do Desterro, e então começou a edificação desse templo. Esse mesmo aqui, que praticamente ele foi concluído, no início do século XIX que a gente tem a edificação completa. Ainda que ele tenha passado nos anos seguintes por muitas modificações, consta em um arquivo que, no final do século XIX, houve um incêndio na igreja, o teto era todo de madeira e pegou fogo. A igreja não foi totalmente destruída, mas toda parte de madeira, telhado, pegou fogo. Bom, depois a comunidade se organizou e, em 1919, a igreja já estava novamente reconstruída com o teto em laje. E aí, de lá desse incêndio que destruiu a igreja, desde aquele período “pra” cá, a igreja vem passando por diversas reformas e acréscimos e restaurações, para ela se encontrar no formato que ela tem hoje. Original, a gente diz que o prédio tem uma característica Barroco Brasileira, que foi a ideia de edificação, mas ele já passou por várias transformações, e claro, com a evolução da igreja, o bairro de Campo Grande ele vai surgir ao entorno dessa igreja. Se você olha o bairro, a igreja é elevada, e o bairro vai crescendo em volta, não sei se são dados históricos completos, mas dizem que aqui próximo tinha uma fonte de água, então, já era um lugar em que as pessoas vinham e, então, junto a esse fontanário, se edificou a igreja (pároco chefe da Matriz, 2019).

Notamos que as memórias do Pároco referentes à origem do bairro, estão ligadas à igreja e, naquele momento, divergiam dos autores pesquisadores de Campo Grande. Observei o mesmo na entrevista com o casal líder da Pastoral da Família, um departamento da Paróquia, quando perguntados sobre a história do bairro e origem da paróquia no bairro:

Bom, foi umas das primeiras aqui. Era a Desterro aqui, e a Salvador do Mundo, em Guaratiba. Essa de Guaratiba ainda é mais antiga que a do Desterro ainda, porque é da época dos escravos ainda. A do Desterro, na verdade, não era ali. Era em um engenho, em Realengo, alguma coisa assim. Depois que mudou “pra” cá, para onde ela está hoje. Ela ficava nesse engenho real, da realeza, por isso chamava Realengo, eu acho. Em 1700 e pouco ela já era aqui. Ela meio que data dessa época. Mas é mais antiga, desde 1500 e pouco, onde ficava em Realengo. Por que aqui passava a estrada

real. As coisas começaram por aqui, lá no passado. A Zona Oeste era importante [...] (casal líder da Pastoral da Família, 2020).

Quando memória e história se entrelaçam, datas e acontecimentos públicos podem sofrer claros fenômenos da memória, nomeados a partir de transferências ou projeções que ocorrem quando misturamos nossa vivência e experiências com eventos históricos dos quais participamos ou não. Assim como os vestígios datados da memória,

Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia (POLLAK, 1992, p. 3).

Considerar esses fenômenos tornou-se, para mim, ainda mais interessante.

2 MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: COMO A PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO DESTERRO É PERCEBIDA NO BAIRRO DE CAMPO GRANDE

Este capítulo se propõe a abordar minha primeira aproximação com meu objeto, a Paróquia Nossa Senhora do Desterro, e minhas recordações ao buscar as memórias produzidas pela igreja. Busco responder algumas questões a fim de compreender se e como a igreja se consolida como espaço e lugar de memória, pois, segundo Assmann (2011, p. 318) “as impressões captadas em um cenário histórico são mais vivas e atenciosas que outras assimiladas por ouvir falar ou pela leitura”. Admitindo a paróquia como um cenário histórico, sua influência e *status* serão igualmente abordados nesse capítulo. Se há decréscimo da memória dos indivíduos que habitam o bairro em relação à igreja, ela tornou-se um lugar de memória (NORA, 1993).

Por meio das entrevistas²³, investigo quais as histórias marcantes e relevantes para os entrevistados. Essas histórias envolvem o bairro? A paróquia? Qual o espaço que a Paróquia ocupa na memória do bairro e dos entrevistados? Qual o espaço que o próprio bairro ocupa na memória dos entrevistados? Procuo por sinais e detalhes, histórias e comentários que me conduzam a responder esses questionamentos.

De que forma a igreja está envolvida em suas vidas, seus cotidianos e até que ponto sua memória se mescla com a da Paróquia? Até que ponto a paisagem urbana, pode interferir em nossas memórias, e se interfere, de que maneira se faz isso? A relação entre memória e topografia social se configura como algo a ser levado em consideração. Eckert e Rocha (2013), em seu livro *Etnografia da Duração*, discorrem sobre a relação das cidades com seus habitantes. Associando essa conexão com a memória e identidade.

Uma vez que todos os circuitos informacionais da metrópole constituem parte integrante da minha ‘mente’ [...], eu sou a cidade na qual eu vivo. [...] Dessa forma, sou também a cidade que me contém, me abriga, que me interpreto. Não reagimos a ela apenas psicologicamente (sem negligenciar aqui esse aspecto), mas comunicativa, cultural, social e historicamente (ECKERT; ROCHA, 2013, p. 219).

Essas ligações apontadas pelas autoras, as questões sobre envolvimento e cotidiano dos moradores compõem alguns dos questionamentos que norteiam esse capítulo.

²³ Os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes fictícios para preservar suas identidades.

2.1 Campo Grande e eu

Para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez pudesse chamar “Narrar a vida e literaturizar a ciência”.

Nilda Alves

Como metodologia de pesquisa, decidi também narrar-me neste processo conforme me construía como pesquisadora. E, para esse fim, busquei Alves (2008), que traz cinco movimentos do cotidiano, e me afeiçoei ao quarto: narrar a vida e literaturizar a ciência. Nesse movimento, ela convida a pesquisadora a “sentir o mundo, e não só a olhá-lo, soberbamente, do alto ou de longe” (ALVES, 2008, p. 18). Nessa perspectiva, mergulhei em minha pesquisa, experiências com a Paróquia e minhas trajetórias no bairro.

Às nove horas da manhã do dia 13 de setembro de 2019, sexta-feira, fui para a plataforma de trem 6E, na Central do Brasil, em direção ao bairro de Campo Grande. Escolhi me aproximar do bairro pelo meio de transporte mais comum e utilizado naquela região. Fui informada por uma amiga que a rota mais fácil era a da Supervia, empresa de transporte de trem que corta todo o município do Rio de Janeiro e alguns outros municípios. A estação de trem de Campo Grande é a principal via de acesso ao bairro, com um fluxo de, aproximadamente, 21.400 pessoas por dia, segundo o *site* da Supervia²⁴. Inaugurada em 2 de novembro de 1878, a estação que se chamava Nossa Senhora do Desterro, nome do bairro até então, hoje recebe o nome de Estação de Campo Grande e é uma das estações mais populosas do serviço. Até mesmo o *site* da Supervia constrói uma memória do bairro em sua página²⁵.

Não poderia me propor a estudar a Igreja Nossa Senhora do Desterro, o bairro de Campo Grande e seus moradores sem experimentar o meio de transporte mais comum e utilizado na região, a estação de trem. Isolá-la de minha análise parecia algo incoerente, toda a existência envolta da estação compõe, condiciona e atua no mundo dos entrevistados (VELHO, 2013).

O trem estava cheio, com poucos lugares para se sentar, muitos vendedores ambulantes dentro dos vagões, que vendiam desde lanternas chinesas a cortes de carnes nobres, como

²⁴ Disponível em: <https://www.supervia.com.br/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

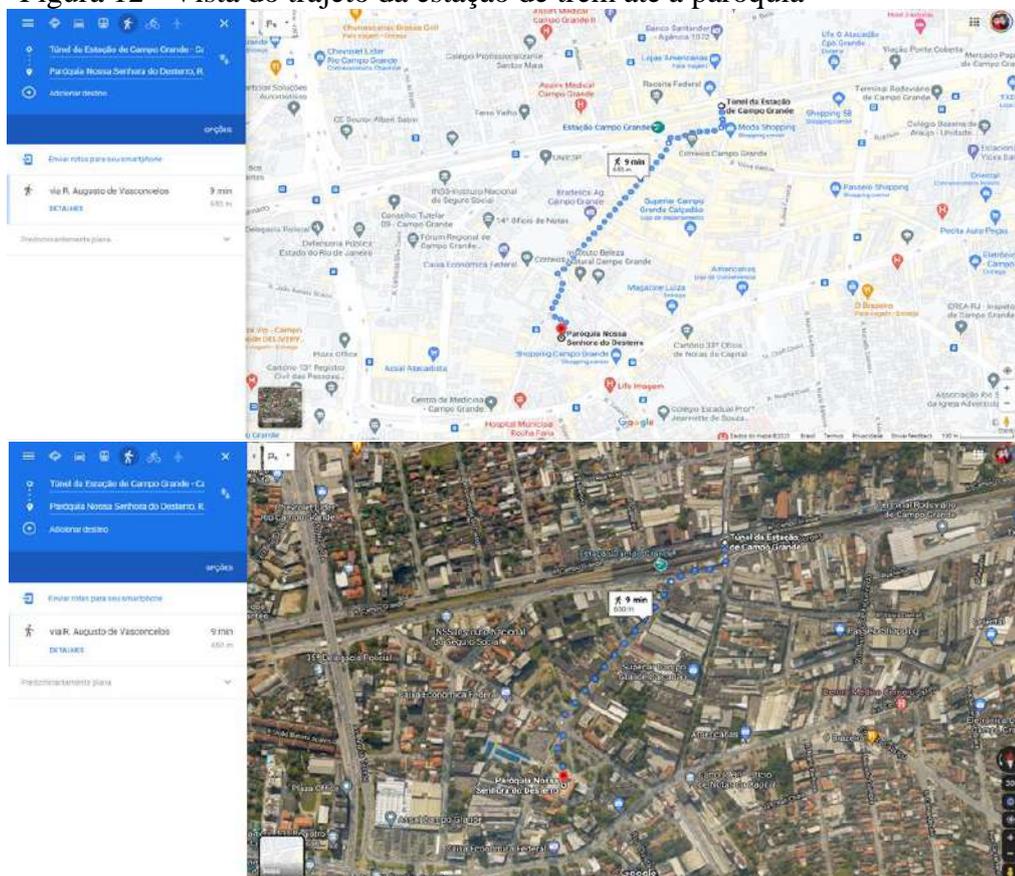
²⁵ Antes de pertencer à Sesmaria do Irajá, no século XVII, Campo Grande já era habitada pelos índios “Picinguaba”, que ocupavam a Serra do Mendanha e a planície onde fica o bairro. Com a expulsão dos índios, o Senhor Barcelos Domingos tomou posse da região em 1673, ano em que foi erguida a Capela de Nossa Senhora do Desterro, preservada até os dias de hoje. A população cresceu em torno da Igreja devido à presença de um poço que fornecia água para toda região. No aniversário de 53 anos do Imperador Dom Pedro II, a estação foi inaugurada, bem como as estações Realengo e Campo Grande e o atual ramal Santa Cruz (que, na época, pretendia alcançar o Porto de Angra dos Reis). Informações e texto retirado do Site da Supervia. Disponível em: <https://www.supervia.com.br/pt-br/estacao/campo-grande>. Acesso em 07 abr. 2020.

picanha. E para cada produto, o mais diverso que fosse, existia um público consumidor. Eu mesma adquiri vários utensílios domésticos que já procurava em outros lugares e não encontrava.

A informalidade do ambiente propiciava comportamentos variados, como pessoas deitadas no chão e aparelhos sonoros em volumes muito altos. Para mim, tudo se configurava novo, devido a minha pouquíssima experiência no transporte ferroviário, mas, para os passageiros, tudo seguia na mais completa normalidade. Pelo caminho, pude observar crianças pequenas nos trilhos do trem, crianças maiores usando drogas próximo às estações e até jovens armados andando tranquilamente entre os trilhos. Essas cenas também não pareciam relevantes para os demais passageiros.

Percebi que poucos desciam nas estações anteriores, a grande massa das pessoas desceu comigo em Campo Grande. Foi possível deduzir que o volume de passageiros que fazem aquele trajeto, em sua maioria, são moradores ou trabalhadores de Campo Grande. Chegando na estação, precisei me informar para qual lado era a saída, já que há dois lados para entrada e saída, visto que a estação divide o bairro ao meio. Saí e percorri um pequeno trajeto até a paróquia, como mostram as imagens dos mapas em formato digital que recorri para conseguir chegar:

Figura 12 - Vista do trajeto da estação de trem até a paróquia



Fonte: A autora, 2019.

Da estação de Campo Grande, caminhei apenas dez minutos e logo avistei a Paróquia, de magnífica conservação e imponente aparência.

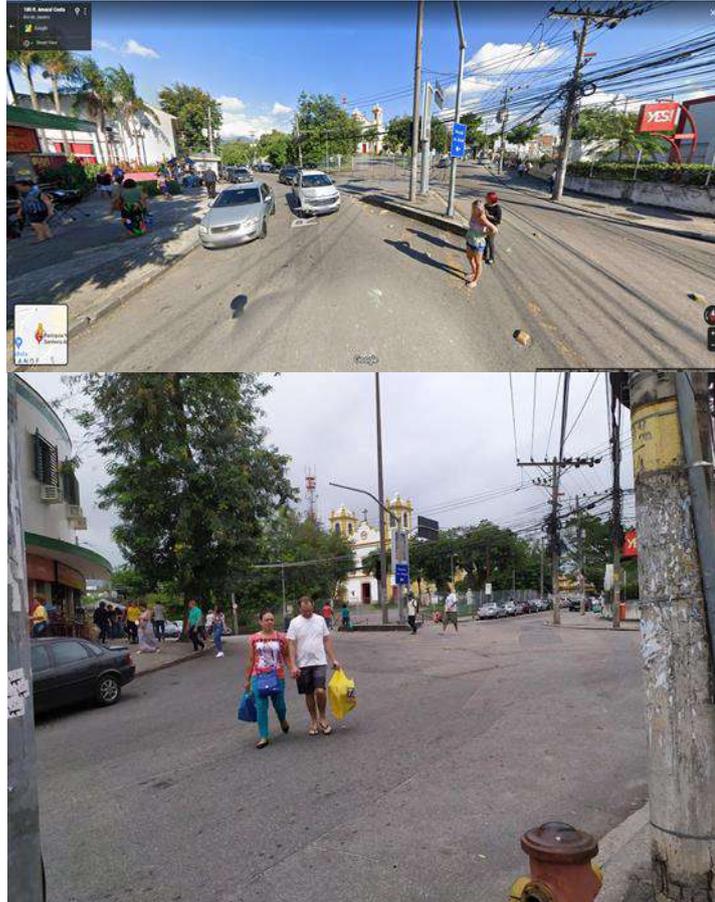
Figura 13 - Igreja Nossa Senhora do Desterro



Fonte: A autora (2019).

Ao me deparar com aquele edifício, minha primeira impressão foi o contraste do monumento com tudo o que estava ao seu redor. Parei um momento para analisar todo o cenário no qual aquela construção estava inserida. Carros de som passando com volumes altos, diversas lojas, bancos, farmácias, o hospital municipal Rocha Faria, estacionamentos e todo o tipo de estrutura e conveniências que se podem esperar de um bairro altamente urbanizado. Ali, comigo, estavam alguns camelôs, vendedores ambulantes, transeuntes, além de algumas pessoas que, assim como eu, estavam admirando a Igreja como ponto turístico, como mostra a primeira imagem retirada do *Google Maps* em formato satélite 3D e o meu registro quando cheguei.

Figura 14 - Visão da rua



Fonte: A autor ,2019.

A poucos minutos de caminhada daquele local, estava o famoso calçadão de Campo Grande, principal polo comercial de toda Zona Norte do Estado do Rio de Janeiro, segundo o *site*²⁶ EXTRA, que realizou uma reportagem sobre o comércio na Zona Oeste:

Atualmente, 2.500 pessoas circulam todos os dias pelo principal polo comercial da Zona Oeste: o calçadão de Campo Grande. Com cerca de 600 lojas, e com faturamento de R\$ 1 bilhão por mês, o espaço gera três mil empregos diretos, de acordo com dados da Associação Comercial e Industrial de Campo Grande (ACICG).

Sua localização privilegiada no centro econômico do bairro, bem próximo à estação de trem e em um elevado terreno, lhe oferecia uma posição de destaque planejada. Ao adentrar as grades que cercam o largo terreno onde está a igreja, tive a impressão de que as diversas construções ali presentes formavam um “complexo”. Com a Igreja a frente, a casa paroquial ao fundo, salas ao lado e, atrás, espaços abertos e cobertos para eventos, além de um estacionamento privado, como mostra a primeira imagem retirada do *Google Street View*:

²⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/zona-oeste/calcao-de-campo-grande-uma-passarela-em-transformacao-5827843.html>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Figura 15 - Captura de tela da visão panorâmica do *Google Street View*



Fonte: A autora, 2019.

Diante do prédio central, senti-me pequena. Creio que, talvez, tenha sido essa a ideia original, pois experimentei um pouco de receio e respeito ao entrar pelos portões das grades, como se toda aquela monumentalidade, de alguma forma, me oprimisse e julgasse. Diminuí meu ritmo, comecei a andar de forma cautelosa e ereta, ajuntei minhas roupas. Me senti acelerada frente ao monumento, julgando que deveria entrar mais calma e bem devagar. Minhas memórias me conduziram a tal comportamento, já que a ideia acionada diante do edifício foi que ali era um lugar que requeria uma certa cerimônia e lentidão ao entrar. Eu cometeria um desrespeito grave ao não desacelerar meus movimentos e respiração, de modo que, naquele território sagrado, deslocamentos rápidos seriam um insulto fatal, como afirma Canetti (2014, p. 216):

Há que se pensar aí sobretudo no próprio culto, que atua da forma mais imediata sobre os fiéis reunidos. Este é de uma lentidão e gravidade insuperáveis. Os movimentos dos padres, em seus hábitos pesados e rígidos; o comedimento de seus passos, o alongamento de suas palavras — tudo isso lembra um pouco um lamento fúnebre infinitamente diluído, distribuído com tamanha regularidade pelos séculos que quase nada restou da subitaneidade da morte, da violência da dor, o desenvolvimento temporal da lamentação é mumificado.

Notei que, inconscientemente, mudei ao passar pelas grades que limitavam aquele espaço, percebendo ali uma fronteira entre o ritmo acelerado da rua e o qual imprimi aos meus passos ao entrar. Questionei a mim mesma de que forma eu teria adquirido aquela indicação de me reconfigurar ao entrar naquele espaço. O que teria desencadeado essa mudança de comportamentos dentro de mim, até então desconhecida? Ao adentrar em construções religiosas

de outras denominações que tive oportunidade de visitar e frequentar, nunca experienciei um sentimento parecido, tão instantâneo como aquele, de metamorfose comportamental.

Então, rememorei um período de minha infância, em que, aos domingos, minha avó materna, uma fervorosa católica praticante, nos levava à missa com ela. Ali, existiam tantas regras de como se comportar e todas as imagens e pinturas que pareciam nos encarar nas paredes e prateleiras, que nos sentíamos coibidas para não nos movimentar ou falar. Ficávamos sentadas em atitude de reverência, esperando os ritos se sucederem para, então, termos de volta nossa avó alegre e feliz para brincarmos o resto do dia.

No horário da missa aos domingos, parecia que o dia se fragmentava. Minha avó se transformava em uma pessoa diferente ao entrar na igreja e, conseqüentemente, nós também. Um sentimento de seriedade e respeito nos cobria de tal forma que internalizamos que ir à igreja com a vovó era um evento sério e de respeito. Tínhamos muito receio de fazer algo que lhe desagradasse, pois gostávamos muito de sua companhia e entendíamos que ali era um lugar diferenciado para ela.

Possivelmente, a entrada no complexo da Paróquia Nossa Senhora do Desterro ativou esta memória. Meu comportamento se transformou de forma inconsciente, mesmo depois de passados mais de 20 anos que não frequento os cultos da Igreja Católica. O grande edifício à minha frente me fez lembrar imediatamente o altar da igreja que frequentava com minha avó, que, para minha estatura naquela época, era enorme.

Milton Almeida (2005, p. 24) afirma que “Graças às qualidades intrínsecas da imagem, aquilo que é visto é mais fácil de lembrar, e que conceitos abstratos ou frases, mais difíceis de lembrar, necessitam, para tanto, de um suporte imagético”. Admitindo que rememoramos por imagens as lembranças nos vêm à mente em estruturas imagéticas:

A imagem é recebida no espelho do espírito, e a alma pode aprender sobre o mundo que a circunda se este for traduzido na linguagem das imagens. O conhecimento claro é a translação de verdades reais em linguagem imaginal, verdades essas que estão gravadas na alma (ALMEIDA, 2005, p. 25).

Em minha experiência, aquelas imagens internalizadas e gravadas na alma educaram o meu comportamento. Essa memória transformou minhas atitudes, de maneira que eu agisse sem perceber. As imagens da memória parecem ter condicionado minhas atitudes naquele espaço.

No meu trajeto diário para o trabalho, ao observar as atitudes das pessoas ao meu redor no trânsito por espaços da cidade e lugares considerados sagrados (como igrejas católicas e cemitérios), noto que, por diversas vezes, um número considerável de pessoas realiza o sinal da cruz na face ou na região do peito. Parece ser quase sempre involuntário, como uma reação a

uma imagem. Como aponta Leonardi (2013, p. 306), as imagens de Maria e de santos diversos difundidas pela Igreja Católica, associadas às técnicas de confissão do século XIX, visavam ao “treinamento da memória para a recordação de determinados preceitos que nortearão a vida e as ações dos fiéis”. Em que medida sobreviveram e produziram uma educação visual da memória que repercute no corpo, nos comportamentos? Essa memória treinada, pode acionar gatilhos que norteiam parte de nossa ação no mundo, não só em imagens de santos, mas também na visualidade do espaço onde este treinamento se dá. Assim, “A separação fundamental, para estas sociedades, entre o mundo sagrado e o mundo profano, realiza-se materialmente no espaço” (HALBWACHS, 1990, p. 155).

Ainda que nunca tivesse pisado no espaço da Nossa Senhora do Desterro, um comportamento facilmente atribuído como "automático" ou “natural”, na verdade, é muito bem construído intencionalmente. A maioria das minhas experiências com templos católicos se deram há mais de 20 anos, em uma igreja católica na Ilha do Governador, bairro onde morava minha avó. Como esse comportamento ficou adormecido, guardado em minha mente, inerte até que emergiu com a visita a esse local até então desconhecido por mim?

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. (ASSMANN, 2011, p. 318).

Então, vivenciando essa experiência, reflito em minhas memórias e história de vida, me insiro nessa pesquisa também como portadora de memórias e analiso as minhas próprias enquanto estudo as dos entrevistados, considerando que rememoramos a partir do presente, do nosso contexto. Como afirma Nora (1994, p. 3 apud SILVA; ORLANDO 2019, p. 429):

A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas transferências, censura ou projeção.

Sendo assim, concluí que trabalhar com memória é uma construção, uma vez que esta é um fenômeno construído (POLLAK, 1992), podendo ser também manipulado politicamente por indivíduos, grupos ou instituições, em um processo que dispõe análises e considerações. E nesse processo de construção, me construo pesquisadora enquanto desenvolvo essa pesquisa.

2.2 Campo Grande e seus moradores: uma história de amor...

Meu bairro
 Meu Campo Grande distante
 No meu subúrbio galante
 Berço das canções de amor
 Meu bairro
 Da igreja do Desterro
 Que dá perdão para o meu erro
 Erro de ser um sonhador
 Meu bairro
 Velha esquina dos pecados
 Dez de Maio um aliado
 Onde sorrindo vivi
 Meu bairro
 Da minha estrada do Monteiro
 Juro que por nenhum dinheiro
 Me afastaria de ti

*Nelson Gonçalves*²⁷

É possível notar, por meio das entrevistas realizadas, buscas nas mídias sociais, conversas informais e até mesmo em “memes”, um sentimento recorrente de afeição e pertencimento ao bairro de Campo Grande. Com um toque de orgulho e fascinação, os moradores se sentem parte de algo que lhes pertence e que são pertencedores. Com suas histórias e livros publicados sobre o bairro, morar em Campo Grande chega a ser um estilo de vida. Essa constatação se configura como nova para mim, pois morei em diversos bairros toda minha vida e nunca criei um vínculo ou estive tempo suficiente para me sentir pertencendo àquele espaço.

A memória desse bairro reside vivamente preservada na mente de seus habitantes, em seus livros, histórias, fotos e acervos pessoais e públicos. Resistentes às mudanças, a maioria dos habitantes de Campo Grande tem em seu bairro um espaço que lhes é conhecido, familiar

²⁷ Trecho da música “Meu Bairro”, composta em 1961 por Nelson Gonçalves, músico, morador e admirador de Campo Grande. Disponível em: <http://memoriascampogrande.blogspot.com/2017/04/meu-bairro.html>. Acesso em: 05 jun. 2021.

e não se deslocam sem ressalvas. Halbwachs (1990, p. 137) aponta que a população mais pobre adota esse pertencimento pelo bairro em que vive e cria um ressentimento quando necessita se deslocar, pois sente que perde um traço de si mesma. Para elas, "perder seu lugar no recanto de tal rua, à sombra daquele muro, ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, isto é sua única razão de ser" (HALBWACHS, 1990, p. 138).

No caso de Campo Grande, pude observar nas entrevistas que realmente se deslocar, mudar do espaço que lhes é familiar, acarreta um desconforto. O sentimento que a maioria dos entrevistados demonstrou foi de apego e pertencimento ao bairro, como mostra o fragmento abaixo:

Olha, colega, Campo Grande é quase tudo “pra” mim! Época de férias, aí a gente ia, eu levava todo mundo para Campo Grande, e a Camilinha, minha filha, ela era muito doentinha, ela tinha um negócio de uma bronquite, eu não sei o que era, mas sempre que “tava” aqui (Ilha do Governador), “tava” doente. E quando eu ia “pra” Campo Grande, ela não tinha nada! Aí, a primeira vez tudo bem, a segunda vez que entrei de férias e levei ela “pra” lá, aí percebemos, que aqui na Ilha, ela só ficava doente, doente, e lá não. Aí, minha esposa resolveu por bem parar de trabalhar e ficar em Campo Grande, e foi feito assim. Por isso que “tô” lá até hoje em Campo Grande, e de lá pra cá até hoje, graças a Deus, minha filha nunca teve mais nada, nada, nada. Mas ela ficava muito ruim, muito doente, virava e mexia eu “tava” com ela no hospital. Teve uma vez que ela pegou uma pneumonia, aquela que se dá em dois dias, tomou o pulmão todo dela, ela ficou internada duas semanas, era nenenzinha. Aquilo também me deixou muito triste com a Ilha... aí, fiquei procurando o que era, aí levava pra Campo Grande, curava! Ô terra boa, ô ar bom! Curou minha filha, lá tem poder de cura. Aí você me pergunta o que eu sinto por lá? Eu gosto muito de Campo Grande, apesar da minha família, eu nem sei se eles gostam como eu... (risos), eu amo também o centro de Campo Grande, eu adoro passear, a feira, eu amo a feira, eu sumo na feira, é um local bom de passear. Um local bom de caminhar, eu faço caminhadas, tem um centro esportivo ali, eu faço nataçãõ, faço hidroginástica. Lá faço, caminha lá, tudo eu tenho lá. E tudo me deixa à vontade, o que, se eu tivesse aqui, não sei se ficaria [...] (Gabriel, 2019).

Este é o caso do Gabriel²⁸, 68 anos, aposentado do funcionalismo público, morador de um sub-bairro de Campo Grande, próximo à Igreja Santa Rita. Católico devoto de Santa Rita de Cássia, me recebeu no dia 24 de dezembro de 2019, em sua casa, em meio aos festejos de Natal e aniversário de 80 anos de sua sogra. A casa fica na Ilha do Governador, bairro que morou antes de se mudar definitivamente para Campo Grande. Sua entrevista se deu mediante contato com sua filha, a quem eu conhecia da graduação da UERJ. Fui muito bem recebida e convidada para os festejos de Natal e aniversário. Entre uma comida e outra, suas memórias foram compartilhadas comigo e com todos os outros familiares que estavam na sala, local onde a entrevista foi realizada.

Já Lucas, 58 anos, jornalista, escritor, espírita, autor de vários livros sobre a Zona Oeste e o subúrbio carioca, relatou que seu amor pelo bairro está também ligado à família, amigos e

²⁸ Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.

também aos locais que lhe são familiares. Sua entrevista ocorreu na Faculdade Moacyr Bastos, local escolhido por ele por questões sentimentais, pois foi muito amigo do dono, o professor Moacyr Bastos, e também trabalhou por muitos anos no local. Escolheu um lugar de memória afetiva e familiar, para falar, justamente, sobre seu trabalho como escritor da Zona Oeste, contando sobre sua relação com o bairro. Sua entrevista se configurou em um momento de lazer e emoção para ele e também para mim, que fui afetada por sua fala:

Eu, (pausa) eu gosto muito daqui, esse clima provinciano, minha família, meus amigos, não se faz amigos em um dia. Eu tenho amigos aqui de 20 anos. Eu nunca sairia daqui, só se eu tivesse que mudar do Rio, na minha rua tem pessoas que eu conheço há quase 40 anos. Aqui tem um clima hospitaleiro, que lembra um pouco cidade de interior, ainda né... e está perto do Centro do Rio, eu ainda tenho atividades ligadas ao Centro do Rio, que se eu morasse em uma cidade muito distante iria me atrapalhar, até em relação à venda dos meus livros e tudo isso. Apesar de Campo Grande estar a uma hora do Centro do Rio, aqui tem uma característica de zona rural, por exemplo, às vezes eu vou à casa de amigos e volto de bicicleta às três da madrugada (Lucas, 2019)²⁹.

Assim também aconteceu com a entrevista de Gabriela, jornalista, 39 anos, católica praticante, moradora do centro de Campo Grande, que transcorreu com muita animação e emoção. Por sua escolha, nosso encontro foi realizado na Paróquia, no dia da comemoração da N. S. do Desterro. Em meio aos festejos e afazeres da festa naquele momento, Gabriela me contou de sua paixão pelo bairro e pela igreja, e seu intento de juntar a memória do bairro em um local, em frente à paróquia, constituindo um centro de memória. Como líder de associações locais, Campo Grande, além de ser sua paixão, é também seu trabalho, como afirma abaixo:

O bairro de Campo Grande é o meu chão. Onde eu desenvolvo minhas ideias, onde eu nasci, onde eu “tô” criando meu filho. A gente tem um amor muito grande por Campo Grande, e é como a extensão da minha casa. Por incrível que pareça, se acontece alguma coisa, eu fico logo sabendo, a pessoa me procura (Gabriela, 2020).

Rute, assistente social, 62 anos, trabalha na arquidiocese do Rio de Janeiro, Moradora do Centro de Campo Grande há 40 anos, compartilha do mesmo entusiasmo de Gabriela quando se trata de trabalhar pelo e para o bairro. Sua entrevista decorreu no ambiente virtual, no qual ela expressou de forma muito séria toda sua trajetória de projetos e lutas pelo bairro, como afirma abaixo:

Eu gosto muito do bairro de Campo Grande, tenho um sentimento de pertencimento muito grande pelo bairro. Sempre lutei aqui, já fui presidente da associação de moradores, já fundei um clube feminino aqui de ginástica [...] (Rute, 2021).

²⁹ Todas as entrevistas sofreram transformações na passagem do oral para o escrito. Os vícios de linguagens e repetições foram retirados, sendo realizado um ajuste para se compreender melhor os relatos. Essa forma de tratamento de entrevistas foi baseada em Bordieu (1993, p. 710).

A senhora Lourdes, 82 anos, aposentada, moradora do centro de Campo Grande (na rua que porta seu sobrenome em homenagem à história de seus familiares imigrantes), católica praticante, orgulhosa dos seus 72 anos de catequista na paróquia do Desterro, apresentou um apego muito grande ao bairro. Citando qualidades como a questão do ar que cura, como já dito por outros entrevistados, afirma que sua vida é o bairro e a igreja. Isso se mostrou muito latente em sua entrevista, pois ela inicia sua história pessoal por suas funções na igreja.

Eu não sei viver fora de Campo Grande. Eu tenho um irmão em Vasconcelos, mas ama isso aqui. Tenho uma irmã de 94 anos que “tá” chegando daqui a pouco, que também ama isso aqui. Nossa vida é isso, é o bairro e essa igreja. Aqui, o ar cura! Várias famílias já me disseram isso, que o ar de Campo Grande cura. Que seus filhos foram curados, porque Campo Grande é um lugar muito abençoado. Porque a Nossa Senhora do Desterro protege isso aqui tudo. Aqui cresceu muito. Ele faz jus ao nome. (Risos) (Lourdes, 2020).

Sua entrevista aconteceu também na paróquia, na festa de N. S. do Desterro, depois da entrevista com Gabriela. Creio que todo o ambiente festivo foi convidativo à realização de uma entrevista muito emotiva e totalmente voltada para a igreja e o bairro. Lourdes cria uma síntese da chegada de sua família no Brasil, direto para Campo Grande, e sua relevância na Paróquia.

Assim como Cláudia, que também relacionou a questão familiar ao seu amor pelo bairro. A entrevistada de 25 anos, evangélica, estudante, moradora do sub-bairro de Bela Vista, em Campo Grande, em sua entrevista, realizada virtualmente, enfatizou que teria condições de morar em outros lugares da cidade do Rio de Janeiro, mas prefere Campo Grande. Para ela, o amor aos familiares está nitidamente entremeado em sua relação com o bairro.

[...] Para mim, significa algo familiar, porque, tipo, minha família toda mora aqui. Tias, primos, avós. Minha infância toda foi aqui, praticamente, eu saí só esses seis anos, mas voltei “pra” cá. E gostamos daqui. Quando voltamos para o Rio, voltamos direto “pra” cá. E meu coração vai estar sempre aqui (Cláudia, 2020).

Suelem é uma senhora de 62 anos, que se denomina doméstica, moradora de um sub-bairro de Campo Grande com características rurais há 23 anos. Nosso encontro para a entrevista aconteceu no *Passeio Shopping*, no centro de Campo Grande, a pedido dela. Por não me conhecer, ficou com receio de sofrer algum golpe ou se colocar em perigo. Consegui abordá-la para a entrevista através de um *post* nas redes sociais que solicitava indicações de pessoas para participar da pesquisa. Sua nora, que mora no sul do país, respondeu passando-me seu contato.

Ah, eu amo. Eu amo Campo Grande, sabe, aqui eu sou muito considerada pelo pessoal da igreja e tudo, sou evangélica! Adventista, “né”. E tenho amigos aqui. Aqui, a gente pode respirar, o ar é mais puro... O ar aqui podemos respirar fundo. E eu e meu filho participamos de acampamentos com o clube dos desbravadores, e eu gosto muito de plantas e natureza. Eu tenho natureza aqui em Campo Grande, quando eu olho aqueles morros assim, eu viajo [...] (Suelem, 2020).

No dia do encontro, estava acompanhada de sua neta. Sua entrevista foi repleta de desabafos e emoção. Por várias vezes, se emocionou ao falar sobre sua história e sua religião, algo que ficou bem demarcado em seu relato, pois sua crença foi algo ressaltado constantemente. Assim também aconteceu como a senhora Aline, que destacou de forma enfática que era evangélica durante sua entrevista. Trabalhadora informal, 58 anos, moradora do bairro e amante do lugar, em suas falas, fez questão de se posicionar, deixando claro sua posição religiosa frente à história da Igreja e do bairro.

Bom, eu amo o bairro de Campo Grande. É tudo, tudo para mim. Sou nascida e criada aqui e amo. Tem tudo, tem lojas, mercados. Tem um hospital muito bom. Eu, pelo menos, sempre tive sorte quando fui lá. Gosto muito mesmo. E o centro de Campo Grande é dez minutos de onde eu moro. Tem tudo! Tem shoppings, um monte de variedades, que a gente pode comprar e comer. E eu sou evangélica, “tá”? (Aline, 2020).

Assim como relatos de cura de doenças pelo ar e pela santa do bairro, essas conexões que os moradores criaram entre suas vidas, o imaginário e o bairro despertam sentimentos de pertencimento e estreitam uma aderência ao local que tanto lhe evoca memórias, como comentam Rocha e Eckert (2013, p. 194),

toda cidade, do ponto de vista da função fantástica que a memória coletiva de seus habitantes agencia, engendra, para além de seus contornos físicos e concretos, um espaço poético resultante dos sonhos e devaneios de seus habitantes, que orientam a sua descida no ventre de seus territórios ao longo do tempo.

Já outros entrevistados, em menor número, expressaram sentimentos ordinários e conflituosos sobre o bairro. Externam comoções sobre o local, mas conseguem, aparentemente, apresentar uma visão mais ampla do bairro, expondo disparidades em relação ao grupo de entrevistados apresentado até aqui.

Esse é o caso de Carla, uma mulher de 52 anos, evangélica, assistente social, ex-moradora do bairro de Campo Grande. Sua entrevista aconteceu em ambiente virtual, na plataforma digital do *WhatsApp*, devido à pandemia. Em sua atual residência, no bairro de Nova Iguaçu, relatou que sua mudança para Campo Grande ocorreu devido ao trabalho, por não gostar de morar longe do emprego. Ela apresenta, sobre o bairro, o que chamei de uma visão de visitante. Falando sobre sua interação cordial com a Paróquia do Desterro, mostra os pontos que lhe chamaram a atenção quando morava em Campo Grande:

Então, eu não tenho muito vínculo com o bairro de Campo Grande. Só os sete anos que morei lá. Assim, é um bairro, “pra” mim, que as pessoas que ainda colocam cadeira na porta para conversar um com o outro. O que eu gostei do bairro quando eu cheguei é que as pessoas se cumprimentavam um ao outro, e tem muita gente de idade, muitas casas, foi o que me chamou a atenção. Muitos terrenos grandes com casas... Eu fui “pra” campo grande para trabalhar mesmo, mudei pelo trabalho e escola da

minha filha. O que eu percebi, que as pessoas são muito amigas, e acreditam umas nas outras, as pessoas conseguem fazer as coisas pelo nome apenas. Só pela palavra, pois elas têm tanta confiança umas nas outras, que resolvem tudo só pela palavra. E tem muitas pessoas de idade. O que me chamou a atenção em Campo Grande são as pessoas de idade, tem muitas em Campo Grande. É um bairro de pessoas de idade (Carla, 2020).

Ronaldo, católico praticante, ex-líder da pastoral da família, morador e escritor, escreve sobre o bairro, tendo três livros publicados e artigos sobre o tema. Professor de Geografia do Município do Rio de Janeiro, dedica-se a escrita sobre o bairro e mantém um *blog* chamado *Memórias de Campo Grande*, no qual realiza um trabalho de manutenção de memória no bairro. Sua entrevista também se deu no ambiente virtual e apresenta mais reflexões do que sentimentos claramente expostos.

Sabe que muitos já me perguntaram isso, o que eu sinto pelo bairro, do porquê eu me interesse tanto por Campo Grande. Por eu tenho um blog específico sobre a história do bairro, tenho dois livros específicos sobre o bairro, tenho um agora que acabei de lançar, infantojuvenil, que é sobre o bairro, a Lenda do Vulcão do Mendanha. Todo mundo me pergunta, mas eu não tenho uma resposta pronta. Se você me perguntar se tem alguma coisa que me chama a atenção, tem! Tem alguns pontos, nasci e morei aqui minha vida inteira, primeiro que é um bairro considerado uma cidade. Um bairro cidade, tem até esse título de bairro/cidade, é até o maior bairro do Rio de Janeiro, e, segundo algumas pesquisas, inclusive, mais populoso do Brasil! Então, isso me fez despertar algo para escrever, e aí vieram outras pesquisas e mais curiosidades foram ocorrendo. E foi acontecendo todo esse fascínio, vamos dizer assim, que eu tenho. Mas não chega a ser um fascínio. Foi algo que foi acontecendo naturalmente mesmo. Mas tem essa coisa, de ser o bairro mais populoso do Rio, e maior bairro cidade, e é o lugar que eu cresci e vivi inteira. Então, deve ser isso[...] (Ronaldo, 2021).

Outros apresentam os problemas e como eles afetam a vida cotidiana de todos os moradores:

Eu tenho uma relação meio complicada, tem partes que eu gosto muito e tem outras que eu não gosto. Como eu meio que morei lá desde pequeno, eu tenho várias lembranças boas lá, seja com meu avô, seja com minha avó, então, tem vários lugares que eu tenho uma lembrança muito boa lá. Mas, por outro lado, nós vemos os tempos mudando. Então, a gente vê chegando milícia em Campo Grande, tem umas áreas que já não são tão legais de passar, tem uns bairros lá que já não dá para passar mais... Então, chega a ser triste, você vê um lugar que você gosta tanto, e chega más influências e coisas ruins chegando ali... mas eu gosto do bairro [...] (Pedro, 2019).

Pedro, um jovem de 23 anos que não sabe como definir sua crença, é estudante de engenharia, morador de um sub-bairro de Campo Grande, do outro lado do bairro, estando no lado oposto da Paróquia (tomando a estação de trem como referência). Foi entrevistado em 2019, de forma presencial. Amigo de meu irmão, aceitou conversar na casa de outro amigo na Tijuca, lugar que lhe é também muito querido. Sua entrevista se tornou um momento de auto avaliação para ele, pois, a cada resposta, ele refletia sobre suas escolhas e parecia se encontrar em suas reflexões, com longas pausas e sorrisos, como pôde ser notado em sua fala.

Diferentemente, Gustavo e Leila³⁰, em sua entrevista, se mostraram prontos a responder, como se já tivessem ensaiado as respostas, com conceitos prévios e bem definidos. Esta entrevista ocorreu de forma presencial, no *Park Shopping*, em Campo Grande. Gustavo 55 anos, é contador e Leila, 42 anos, fisioterapeuta. Juntos, lideram a pastoral da família há doze anos. Nosso encontro foi bastante amigável e descontraído:

Então gostamos daqui, e é aquilo, a família já estava aqui. Já tinha um terreno, então moramos no sítio. Claro que moramos aqui porque recebemos esse sítio de herança para morar e tal. Mas, fora isso gostamos sim, muito. Eu trabalho no centro. Mas moro aqui porque eu gosto. Só mudaria daqui se tivesse que mudar por algum motivo. Mas assim, mudar “pra” sair daqui não. Gostamos muito daqui. Aqui é bom, tranquilo. É um lugar cativante mesmo... Mas que está mudando muito! Já não é mais a mesma coisa da época boa de Campo Grande. Está crescendo demais aqui, e não tem estrutura para tudo isso. “Tá” vindo muita gente para cá morar, e não tem estrutura. Tem até espaço. Mas não tem estrutura para comportar tudo isso. Daqui a pouco, será o caos. É próximo da Barra, mas aqui não tem o poder aquisitivo que a Barra e Recreio têm. É próximo, mas é mais pobre, a qualidade de vida aqui é muito menor que na Barra. Mas aqui ainda tem aqui uns bairros, próximo a Campo Grande que é bem rural ainda. Guaratiba é bem rural. Então o pessoal procura por esse tipo de vida. O pessoal quer muitas árvores e sítios, e aqui tem. Aqui tem um clima diferente, um ar bom. Que cura! Tem lugares aqui que o clima muda de uma rua “pra” outra (Gustavo e Leila, 2021).

Já no próximo fragmento, a visão apresentada por Ricardo torna-se um compêndio de questões apresentadas pelos entrevistados. Ele é um professor universitário de 40 anos, católico não praticante, morador do bairro desde recém-nascido. Sua entrevista aconteceu em ambiente digital, como algumas aqui relatadas, e suas reflexões sobre a igreja e o bairro, geraram novas análises para mim. Sua abordagem sobre o bairro e sua vontade de mudar as questões referentes à presença da milícia no bairro e seus desdobramentos no cotidiano dos moradores levantaram questões relevantes como mostra no trecho abaixo:

Eu moro em Campo Grande e sempre morei e conheço o bairro, se não conheço o bairro todo, conheço quase todo, pois sou um interessado pelo bairro, e também circulei bastante em virtude do trabalho. Eu trabalhei em muitas instituições, e também porque eu jogava futebol, amador, mas joguei em clube, no Bangu, mas não cheguei a me profissionalizar, eu jogava em time de adultos, rapazes. Também, nós íamos a muitos lugares e sub-bairros, praças e campos. Então eu conheço muito de Campo Grande, e também porque sou interessado pelo bairro, embora eu não seja um profissional estudioso sistemático, mas sou um interessado pela história do bairro. E durante um período, eu fui diretor de associação de moradores. Primeiro como secretário, e depois como presidente. Então, em diversos momentos, eu percorria a associação de moradores daqui, “pra” falar com os dirigentes, para convocá-los para reuniões, para realizar um diálogo institucional, que impunha a procura pessoal, então, esse deslocamento fez que eu conhecesse bastante o bairro de Campo Grande. Agora, sobre eu gostar do bairro, a minha relação com o bairro é de amor e ódio. Porque o bairro em si, tem muitas coisas interessantes que, afinal de contas, vai fazendo parte de nossa vida. Agora, é nítido que a cidade do Rio de Janeiro é uma cidade

³⁰ Como essa entrevista foi realizada com os dois juntos, destaco em sublinhado apenas a fala de Leila para diferenciá-la da de Gustavo.

historicamente construída para produzir desigualdade, de modo que a nossa região é vista pelo poder público de maneira geral, pelos governos que têm se sucedido na prefeitura, a nossa região é vista como uma região que não merece atenção especial. Não merece uma distribuição igualitária na cidade. É como um curral eleitoral, para usar a palavra mais comum, então, durante muito tempo eu quis me mudar para a zona sul do Rio de Janeiro, e para o Recreio. [...] Então, hoje eu penso nisso, principalmente, por causa do engarrafamento do bairro, da poluição sonora, da miliciação da vida. Não só pela presença da milícia no bairro, mas a milicialização do comportamento geral. Há muito desrespeito a certos preceitos de sociabilidade, há muito fechamento de ruas, para instalação de pula-pula, sem aviso prévio, há muita entrega de moto, com buzinas estridentes, enfim. Por tudo isso, eu tenho vontade de me mudar. Então, o bairro, para mim, não é exatamente uma escolha, é um destino. Eu sou tão habituado a viver aqui, que talvez eu não tenha pensado, muito nitidamente, sobre o bairro em si e sobre o meu viver aqui, mas posso falar de algumas coisas que muito me interessam no bairro. É fato que é possível andar aqui de madrugada com alguma tranquilidade, que não é possível em outros lugares, sem o temor da violência urbana. Isso é algo que me chama a atenção aqui no bairro (Ricardo, 2021).

Os entrevistados que apresentaram memórias menos afetivas, que apontaram problemas e contradições em suas relações com o bairro, são aqueles que aparentam ter maior poder aquisitivo e que certamente possuem “capital cultural”³¹ mais elevado. Não há, nesses casos, “amor incondicional” pelo bairro. Em nenhuma das entrevistas me deparei com alguém que odiasse o bairro e que não conseguia se ver nele, pois fiquei atenta a certos “códigos”, como linguagem corporal, tom de voz e ritmo de fala, que aprendi a observar com VELHO (2013, p. 10): “Daí a importância do trabalho de campo, com observação participante e entrevistas que devem, em princípio, permitir ao investigador ir além das ‘aparências’ e identificar ‘códigos’ nem sempre explicitados”.

Os depoimentos apresentam um sentimento de pertencimento e identidade, que muitos demonstraram. Alguns se desculparam e se sentiram constrangidos quando abordados sobre a história do bairro e relataram não terem conhecimento sobre sua origem, como segue nos fragmentos a seguir:

Bem, a história de Campo Grande eu sei muito pouco, pois, como posso dizer... não sou cria daqui. Tenho só 40 anos aqui. Mas, pelo o que eu sei do meu sub-bairro, aqui é que tinha muitas plantações de laranja. Campo Grande também é um bairro que tem uma tradição, aqui também se passava um bonde. Tiveram várias obras, mas ainda se tem os trilhos que percorriam Campo Grande. E a Paróquia Nossa Senhora do Desterro é uma paróquia histórica! E a primeira Igreja no bairro, eu acho. Então, assim, é complicado, porque Campo Grande tem muita história, sendo complicado de dizer... Eu ainda não tive muito tempo para explorar a história do bairro... É complicado responder sua pergunta... (risos) E talvez essa sua pergunta venha me aguçar mais a curiosidade de conhecer a história daqui. Pois, aqui é onde meus filhos nasceram e eles foram criados e eu me sinto pertencente daqui, eu gosto muito daqui, como já falei. E é o maior bairro, acho que o maior em população do Rio (Rute, 2020).

³¹ Termo sistematizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, explicado no texto *What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups*, de 1987.

É interessante notar que a vinculação afetiva se refere a memórias pessoais, individuais e não construídas por alguma instituição. Vale notar sua ênfase sobre morar ali há apenas 40 anos e que, como o bairro tem muita história, não deu tempo nesses anos de se informar sobre tudo. Então, ela começa a se repetir e reafirma a grandeza do bairro em uma tentativa de mudar o foco do fato embaraçoso para ela, de não conhecer a história de seu bairro.

Já Suelem deixa claro, de início, que não sabe. Se justifica, se desculpa como se fosse um problema para mim e se lamenta. Com profundo pesar na voz e pegando em minha mão...

Olha, sobre a história eu conheço muito pouco. Na verdade, nada. Eu trabalho muito (pausa) Eu vou procurar mais, você me desculpe (risos) logo meu próprio lugar, que eu amo, e não sei nada da história direito[...] (Suelem, 2019).

O senhor Gabriel admite conhecer pouco e discorre sobre como ele julga que se deu o bairro, misturando fatos históricos, memórias, opiniões, comercialização no bairro e assuntos como a fertilidade do solo. Encerra com um pedido de desculpas, como mostra o fragmento abaixo:

Olha, minha filha, eu conheço muito pouco (risos) porque Campo Grande, ele era colonizado pela... eu não sei te dizer se é japonês ou chinês, o que que é, esse pessoal aí... Eles criavam muita laranja, eles tinham muitos laranjais, entendeu...e café. Tanto é, que eles chamam de terra da laranja, porque muita gente conhece assim. Inclusive, se você for no centro de Campo Grande você vê uma laranja descascada, aquela coisa, entendeu. Lá, onde eu moro, também tem um montão de coisa, porque lá era tudo laranjal. Lá, a cultura deles, lá antigamente, era assim. Agora, ali na igreja, ali já era outra história... (risos) porque a igreja em si, a Igreja do Desterro, ela é bem antiga, muito antiga, e eu não sei te dizer quem fez, na verdade, eu até sei, mas me falha a memória. Ali, em frente à igreja de Campo Grande, ali no Centro, ali em frente, era um cemitério. Aterraram tudo, pouca gente sabe disso, mas eu sei, aquilo ali era cemitério. Hoje você vê, nem diz, tem uma porção de coisa lá. Ali é coisa de doído, tem tudo ali agora. Aonde eu moro também, você vê que a terra é boa, qualquer coisa que eu planto, acerola, tudo pega com a maior facilidade. Agora mesmo plantei um pezinho de boldo, e “tá” lá, tudo cresce, porque o solo é fértil. É isso que sei assim... desculpa (Gabriel, 2019).

Dois entrevistados, em suas tentativas constrangidas de dizer que não sabiam muito bem a história do bairro, mencionaram a Paróquia Nossa Senhora do Desterro como âncora de história e base do bairro. Observando esses relatos e linguagem corporal, percebi que ter uma referência, uma edificação, que está ali antes deles, como se o tempo não a afetasse, imóvel e imune às transformações, lhes causa um conforto e segurança, que se traduz na linguagem corporal, expressão facial e tom de voz.

O escritor Lucas, quando perguntado sobre uma memória do bairro que lhe marcou, ele disse “‘Ahhh’... as Festas da Desterro...”, movendo a cabeça e olhando na direção que a mesma se localizava, a metros de distância e fora do nosso campo de visão, já que a entrevista se deu na Faculdade Moacyr Bastos, no Centro de Campo Grande e próxima à estação. A senhora

Lourdes, que tem uma história interessante de vida ligada a Campo Grande e à Paróquia, quando lhe perguntei qual era o sentimento que ela tinha em relação ao bairro, se recostou na cadeira, apontou para a Paróquia (estávamos em seu terreno), respirou fundo e disse:

“Ihhh”! Eu amo isso aqui, não saio daqui por nada! Gosto muito de passear, já viajamos muito, Portugal, Espanha, Itália, França e até Jerusalém nós fomos. Mas é “pra” voltar sempre “pro” meu Campo Grande, não saio daqui pra nada. Eu gosto muito de passear, mas amo aqui, eu nasci aqui, conheço todo mundo aqui. Eu bebi a água daqui, e quem bebe a água de Campo Grande, não bebe de outro lugar, tenho sobrinhos que moram em Copacabana e esses lugares, mais eu quero meu Campo Grande (Lourdes, 2020).

É notável que, ao serem questionados sobre o bairro, os dois voltaram-se corporal e verbalmente para a paróquia. A senhora Lourdes apontou em sua direção, como se ela fosse o bairro que ela tanto ama. Os sentimentos de afeto pelo bairro foram inconscientemente ligados à paróquia. Essa compreensão de pertencimento e senso de fusão com o bairro marcam a afetividade da maior parte dos entrevistados. Nesse sentido, cada espaço, edifício ou igreja faz parte do morador também e, em cada ambiente desse, o morador desenvolve uma relação. Ao passar diariamente pelo mesmo lugar, a paisagem cotidiana tem um impacto sobre o morador que se desloca todo dia em seu trajeto e não precisa mais prestar atenção a ela. Ela lhe é familiar e segura.

Nas entrevistas, pude observar a mesma incerteza em relação à origem do bairro e da igreja, já percebida nos textos acadêmicos e livros dos autores locais. O sentimento de pertencimento ao bairro e amor é grande, se mesclando com o sentimento pela Paróquia, como afirma o senhor Pedro:

Você tem a igreja lá no centro, e ao redor dela. Por ela estar lá, para trazer pessoas ao redor dela, você começa a criar coisas ao redor. Por exemplo, você criou um colégio muito bom de tradição como o Rosário, e ele só existia lá, porque era um colégio que as freiras montaram e, provavelmente, com a ajuda da igreja Nossa Senhora do Desterro, que queria dar educação ao povo e tal. Por a igreja trazer a gente até lá, você precisa ter coisas depois para atender as pessoas. Tipo, o culto acaba, você “tá” com fome, e procura um lugar para comer e coisas assim, tipo estudar por lá mesmo, fazer coisas por lá. Por ela estar lá, que foi fazendo Campo Grande virar o bairro que é hoje, com tanta gente e tão grande (Pedro, 2019).

Cabe destacar que, para Pedro, a igreja produziu o território. Essa é uma perspectiva intrigante vinda de um jovem que não mora no centro de Campo Grande, e sim do outro lado do bairro, mas que estudou no ensino médio ali na escola que ele joga ter sido construída com a ajuda da paróquia. Quais memórias da igreja teriam sido formuladas na escola? Difícil distinguir posteriormente, já que a questão só surgiu aqui com o aprofundamento das análises.

Rute também enfatiza o bairro decorrente da Igreja:

Ela é uma paróquia histórica... É uma igreja histórica, tudo começou ali. Campo Grande começou ali. Religiosamente, ela é a matriz. É uma paróquia matriz, e a maioria das igrejas que tem em torno eram capelas, foram criadas a partir da evangelização da Paróquia do Desterro (Rute, 2020).

Aqui, observamos que as memórias se mesclam e a memória do bairro não é só atrelada à Paróquia, mas sofre uma disputa com ela.

2.3 Paróquia e Campo Grande: disputas pela tutela da memória do bairro

A memória é seletiva.
Nem tudo fica gravado,
nem tudo fica registrado...

Michael Pollak

O fenômeno da memória é significativo para este trabalho, já que, como afirma Santos:

Em parte, a ausência de precisão teórica se deve ao fato de a memória estar em cada passo que damos, nas ideias que pensamos, nas ações que realizamos. A memória está presente em tudo e em todos. Somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social, mas também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma, ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (2003, p. 25).

Admitindo essa concepção de memória, entendemos sua importância, aceitando sua relevância social. Essa compreensão de memória não é algo desconhecido para muitas instituições que procuram regulá-la, não só individualmente, mas afetar e construir uma memória coletiva. Tais instituições detêm vasto conhecimento sobre o fenômeno, utilizando-o não apenas como uma conquista, mas também como um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 2003, p. 470), que gera uma concorrência, transformando a memória em um “campo de disputa” (POLLAK, 1992) para enquadrá-la. Um exemplo muito claro e próximo a todos, foram as *fake news*³² propagadas após o assassinato da vereadora Marielle Franco, no dia 14 de março de 2018. Na ocasião, se tinha a intenção de “manchar” sua memória e justificar sua morte, através de falsas imagens dela se relacionando romanticamente com criminosos conhecidos e considerados perigosos popularmente, além de outras não verdades espalhadas sobre seu envolvimento em comunidades do Rio de Janeiro de forma considerada criminosa.

³² Termo em inglês usado para definir propagação de desinformação intencional ou não.

Esse episódio nos mostra uma disputa para denegrir sua imagem e memória, de modo que, no presente e futuro, se rememore o fato de outra perspectiva, evocando outro sentimento. Não mais de indignação, mas de justificação, como eu mesma já presenciei em discussões familiares. Em tempos de *fake news* como vivemos, a questão de manipulação e construção de memória coletiva se torna ainda mais poderosa e perigosa, como já apontava Pollak (1992) ao afirmar que a memória é seletiva e nem tudo fica gravado, isto é, algo pode sim sofrer uma transferência ou projeção.

Esse processo de disputa e enquadramento é possível de ser pensado como um investimento e analisá-lo em diversas organizações políticas, sindicais, familiares e religiosas. Essas instituições são capazes de solidificar o social, de unir ou afastar grupos, preservar um estado mental destes e decidir o que é passível de esquecimento ou de lembrança e solidificação, trazendo a união de um determinado segmento, idealizando o apagamento do que não é compatível ao grupo. Uma instituição que, por séculos, detém esse conhecimento e empenha-se nessa disputa de memória é a Igreja Católica. A autoimagem que difunde é de reguladora da moral mundial, que tem a função de educar e salvar, como menciona Leonardi (2013, p. 296):

A Igreja é uma instituição que se vê com a tarefa da educação universal, como portadora da única moral capaz de preservar e salvar a humanidade; que educa/evangeliza, sob alguns pilares específicos, a partir de ideias que definem o bem e o mal e pretendem conduzir a uma visão de mundo e comportamento específicos.

Mediante essa concepção, essa instituição se compreende também como produtora e suporte de memória, trazendo para si a constante tarefa de renovação da memória do grupo que a compreende, dado que a memória coletiva não é algo eterno, necessitando de manutenção (HALBWACHS, 1990), de coletividade, ritos e relacionamentos sociais. Tudo que o grupo vivencia faz sentido no coletivo. É essencial manter o mesmo estado do grupo, reunir o que os agrega, e afastar o que os espalha, e nada mais agrega os moradores do bairro de Campo Grande do que o próprio ou a memória partilhada construída sobre ele.

Como apresentei acima, o amor e sentimento de pertencimento, tradição e histórias que os entrevistados apresentam, mostra essa ligação entre bairro e morador. Essa conexão gera e nutre uma memória coletiva forte, que pode despertar ou estimular uma disputa no campo da memória e imaginário popular, pois a memória do bairro e a tradição andam juntos para os entrevistados e, para a maioria, a memória do bairro ou é a paróquia, ou está nela. E não apenas a do bairro como um todo, alguns têm suas memórias depositadas na paróquia. A igreja cumpre, assim, a função de um local de memória:

Lugares de Memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória, se a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, p. 21).

Essa ambiguidade e as regras que definem um local de memória podem ser observadas nos seguintes fragmentos das entrevistas, em que a questão das ossadas enterradas na igreja evoca esse simbolismo e transita entre o imaterial e o material:

A memória de Campo Grande está ligada diretamente à igreja. É uma memória material e imaterial, você vê que as ossadas de pessoas estão enterradas ali. A do famoso botânico Francisco Freire, alemão, foi um botânico famoso importante aqui em Campo Grande (Gabriela, 2020).

A percepção da paróquia como local de memória, para a entrevistada Gabriela, diretora de comunicação da Associação dos Comerciantes de Campo Grande e envolvida em diversas Associações e Conselhos do bairro, é de importância notável e questionadora, pois para ela, o bairro ancora sua memória na Paróquia. Como também comenta Lucas:

As ossadas das famílias importantes eram enterradas no altar da igreja. Essas famílias “quatrocentonas”. Eu tenho uma amiga, a Deca, que faz uma visita à igreja todo primeiro sábado do mês, para ver os familiares, dentro da igreja. E, agora, inauguraram um museu de arte sacra, e agora a gente vê o túmulo deles, e ela me falou que o cemitério de Campo Grande hoje, a parte de trás dele é o antigo cemitério e o portal que “tá” lá é o portal que era do cemitério daqui, só que demoliram o portal e terceirizaram os serviços do cemitério, agora é Rio Pax e demoliram o portal. Não estava tombado, e os túmulos do final do cemitério são os túmulos antigos daqui, os que ficavam em frente à igreja. Então era uma questão de poder ser enterrado dentro da igreja, mas aí quando começaram as epidemias, varíola, um monte de coisa, aí começaram a perceber que os corpos em decomposição provocavam várias doenças. Aí, se começou os cemitérios particulares, por que antes ficava tudo dentro da igreja ou ao redor. Mas essa igreja era muito poderosa aqui, pois ela era ligada a uma aristocracia muito forte, e Campo Grande teve muitos engenheiros (Lucas, 2019).

Aqui, ele apresenta a paróquia como um local de memória e poder, onde as memórias de famílias importantes descansam, ou descansaram, visto que nem o fato de algumas ossadas serem retiradas por questões sanitárias, diminuem a opulência que foi ser enterrado ali. A temática da morte nem sempre foi algo obscuro e oculto, marcado pelo constrangimento ou escondido. “A morte começou a esconder-se, apesar da aparente publicidade que a rodeia no luto, no cemitério, na vida como na arte ou na literatura: esconde-se sob a beleza” (ARIÈS, 1977 p. 208 apud DILLMANN, 2013).

Ao longo dos séculos, a questão da morte foi se construindo socialmente na abordagem que temos hoje. A morte era algo inserido no cotidiano, um evento para o qual muitos se preparavam a vida toda. Ocorriam muitas disputas por onde seria o seu local de descanso, de

modo que muitos investiam todos os seus bens na sua preparação e o local de sepultamento poderia determinar o seu pós-vida, envergonhando ou agraciando sua família (ARIÈS, 1977).

Mediante essa configuração social, os locais onde se podia ser sepultado eram de grande disputa e valia, para os cristãos em primordial, pois um sepultamento digno poderia garantir a salvação. Ser sepultado em um lugar santo ou na igreja, ou em seu terreno, se tornou uma prática na França, quando o Padre La Croix planejou seu sepultamento construindo uma sepultura em forma de oratório, consagrando-o a cruz de Cristo com um altar para a celebração de uma missa. Esse evento desencadeou uma disputa por uma sepultura em lugar santo.

A memória do padre tornou-se, portanto, uma espécie de martyrium, mas também, como todas as igrejas umas a seguir às outras, um lugar de enterro ad sanctos. Fiéis cavaram no solo fossas que fecharam com o auxílio de lajes cortadas em pedras tiradas do próprio edifício. Introduziram aí enormes sarcófagos que ainda se lá veem, e não hesitaram (cerca dos séculos IX-X) em arranjar para si mesmos e para os seus um lugar nesta cripta, em deitar abaixo um muro ou em quebrar o degrau de um santuário (ARIÈS, 1977, p. 52).

Essa concepção de lugar santo para os enterros gerou uma questão sobre quem poderia ser enterrado nesses locais. A exemplo disso, julgou-se que os ditos pagãos não poderiam ter seus entes enterrados em locais santos (ARIÈS, 1977, p. 53), o que gerava uma disputa social. Com isso, seus familiares eram sepultados no terreno de suas casas ou em outros locais.

Então, quando os entrevistados citam a questão dos fiéis sepultados dentro da igreja, percebe-se que não era qualquer família que podia ser enterrada ali. Até os dias de hoje, pessoas vão à Paróquia do Desterro visitar as tumbas de seus antepassados. A própria paróquia se concebe como um local de memória, quando o Pároco chefe comenta:

Os cemitérios eram administrados pela igreja. Alguns hoje ainda são administrados pela igreja, e outros pelo poder público. Às vezes, você vai a algumas cidades do interior e o cemitério é propriedade da igreja, ele é administrado por ela, então, nós tínhamos um cemitério, depois que foi feito o cemitério de Campo Grande na rua Cesário de Melo. Os restos mortais das pessoas que estavam soterradas aqui, foram trasladados para lá. Alguns preferiram que os ossos ficassem aqui na igreja, então, embaixo do nosso presbitério, existe um ossário, ele só não é acessível, é um ossário lacrado. Mas algumas famílias locais pediram, então os padres colocaram as urnas por baixo do selo sagrado. E nós estamos falando dentre a década de 50 e 60 que foram sendo feitas essas modificações. Então, quer dizer, a história do bairro se mescla e se confunde com a história da igreja. Qualquer evento da igreja, era um evento do bairro, as festas religiosas, os acontecimentos, uma construção, um acidente. Tudo girava em torno da igreja. Aqui, se casaram as figuras ilustres de Campo Grande da época. Aqui aconteciam as missas de formatura dos colégios, das escolas, reuniões importantes para decidir coisas no bairro, foram realizadas aqui. Quando tomava posse um novo administrador regional, a missa de posse era aqui na igreja matriz, então, essa relação da igreja matriz com o bairro de Campo Grande é uma relação muito próxima, inclusive até hoje. A igreja é a memória do bairro. A história das pessoas está aqui, eles vêm aqui para relembrar suas memórias. Na época, não sei por quê não fizeram um ossário com acesso, talvez devido ao estilo de construção, talvez eles preferiram assim, colocar uma laje e lacrar, então não há acesso. Mas tem restos mortais aqui [...] (pároco chefe, 2019).

Esses restos mortais na Igreja, em seu silêncio, declaram muito por si só. Pois, como afirma Assmann (2011, p. 319), “os locais corporificam para o observador uma memória de que ele, na verdade, participa como indivíduo, que transcende completamente. Nesses locais, amplia-se a memória do indivíduo na direção da memória familiar”. Nessa união do âmbito de vida do indivíduo com a igreja, as memórias se combinam, os sentimentos se fundem, e o que antes era apenas uma igreja, onde se ia para adorar a Deus, agora é um ambiente também familiar, onde se vai para se encontrar com um ente que faleceu. Em outras palavras, aquele local, além de sagrado, pois locais sagrados são onde se pode vivenciar a presença dos deuses (ASSMANN, 2011), se torna familiar, lhe inspirando conforto e uma áurea conhecida. Muitas famílias, contudo, já não estão mais enterradas ali. Os restos foram transladados com as modificações ao longo dos anos.

A ideia de local de memória atribuída à paróquia não se encerra por aqui com as questões das ossadas de família importantes. A igreja, por meio de membros influentes no bairro, pretende alocar a biblioteca do bairro em frente à igreja. Hoje, o acervo de memória considerado oficial de Campo Grande se encontra de forma provisória na Região Administrativa XVIII — Superintendência da Prefeitura do Rio de Janeiro AP 5.5 Campo Grande, e segue também em mãos de colecionadores e admiradores do bairro. Essa iniciativa me foi apresentada na entrevista com a senhora Gabriela:

Eu gosto muito de contribuir a para melhoria desse bairro. Uma das minhas metas e objetivos, enquanto proposta com o bairro, é desenvolver ou ajudar no processo de desenvolver o centro de memória. É o meu sonho aqui. E aí, quando foi o ano passado, eu que também sou diretora de comunicação da Associação dos Comerciantes de Campo Grande, já estive lá enquanto assessora de comunicação, fui convidada depois para a direção do conselho, não remunerado, mas eles unem pessoas que são ligadas ao bairro para falar das melhorias que “tá” precisando. Nessa associação, eu consegui que a gente fizesse uma proposta de transferência da biblioteca de Campo Grande “pra” frente da Desterro. Aqui em frente, a gente pretende, no segundo andar, fazer um centro de memória. Não “tá” muito certo ainda, está em andamento esse pedido, que foi feito ao prefeito dentro da associação comercial Azevedo. E a gente começou a fazer esse trabalho com apoio da comunidade. Aí, entrou o Rotary Lion, entrou um grupo de escoteiros, a OAB de Campo Grande, o Instituto Campogransense de cultura, várias organizações, “né”, entraram junto com a gente com esse pedido também ao prefeito para poder trazer a biblioteca de Campo Grande aqui para a frente da igreja, e fazer um centro de memória em cima. E todos os presidentes dessas instituições assinaram. Aí, eu entreguei para a Secretaria de Cultura em pedido formal. Eu já havia feito o pedido diretamente para ele, o Crivella mesmo, eu aproveitei o momento. E agora, a gente precisa transferir o nosso acervo, que “tá” cada coisa com cada pessoa. Cada grupo, cada um tem alguma coisa na sua casa. [...] E aí, o que a gente tem aqui em frente à igreja é uma sala grande, com segundo andar. E a ideia é, a gente ampliar, fazer essa biblioteca embaixo e no segundo andar nesse centro de memória. E a gente está com um processo interessante nesse momento, que é de ocupação daquele espaço, conseguimos colocar nosso pé lá (risos) mas precisa se estruturar. Estrutura não é só por parte da prefeitura, mas também por nossa parte, a comunidade também precisa se empoderar dessa questão. E hoje eu vejo isso, eu percebo que existe um processo que está se encaminhando

para isso, as pessoas estão percebendo o quanto é importante. Porque a preservação da memória é como se fosse um posicionamento político territorial. É isso a minha questão (Gabriela, 2020).

A geógrafa Mendes (2009), em sua tese sobre território, lugar e memória, aponta que a configuração socioespacial é retratada pela significação da memória e das representações sociais. Segundo ela, as representações que os homens fazem dos lugares, sua apropriação, é o que nos torna seres sociáveis. A forma como configuramos um lugar e nos apropriamos dele, segundo nossas ideologias, é o que caracteriza nosso espaço social. Há de se considerar as formas espaciais com uma costura histórica e social. Nesse sentido:

Passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço. Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço. As formas espaciais são produto de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locacionais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias (MORAES, 2005a, p. 16 apud MENDES, 2009, p. 47).

Nessa perspectiva, a entrevistada Gabriela mostra sua tentativa em se apropriar daquele espaço, dando um significado segundo sua ideologia. Assim, pode-se entender como se dá uma produção socioespacial, pois:

Os atores participantes desse processo são movidos por uma miríade de necessidades, interesses, desejos e sonhos. Subjacente a esses pressupostos, torna-se imprescindível considerar as tessituras espaciais como construções vinculadas também aos movimentos da memória e das representações. Construções essas que, por meio de uma complexa articulação de forças e interesses sociais, estão envolvidas em tramas de lembranças e esquecimentos em que sujeitos historicamente situados criam e recriam, reafirmam e ressignificam suas concepções, tradições e sentidos atribuídos ao espaço, ao território, ao lugar (MENDES, 2009, p. 47).

Então, sua iniciativa como membro da igreja e como diretora da associação de comerciantes de Campo Grande, liderando um projeto de memória do bairro, nos mostra a importância que esse grupo articulado em torno de tal projeto atribui à memória do bairro neste momento. Transformando seu espaço na tentativa de criar um lugar de memória, essas iniciativas, partindo de membros da igreja se reunindo com outras instituições, dentro do terreno da igreja, para centralizar uma memória do bairro de frente para a construção, aponta para a tentativa de reforçar a conexão igreja/bairro, gerando uma valorização do espaço em torno do templo, como uma proteção da memória, de maneira que esse território, como bem definiu Gabriela, detivesse a legitimidade de produzir e dizer qual a memória e a história do bairro.

Quando entrei em contato com Gabriela (que aceitou prontamente ser entrevistada), marcamos o nosso encontro para o dia 16 de fevereiro de 2020, data do aniversário da Paróquia.

A entrevista se realizou nas dependências da igreja, de modo que o clima da festividade a inspirou a revelar mais ainda o seu amor e devoção pela Igreja do Desterro. Neste mesmo evento, fui apresentada por ela a senhora Lourdes. Uma senhora idosa, filha de imigrantes libaneses (chegaram ao Brasil em 1910 e foram residir em Campo Grande), que, nos seus 82 anos, é apontada pela igreja como uma pessoa fundamental na história da catequese da Paróquia Nossa Senhora do Desterro e na comunidade Libanesa de Campo Grande.

Essa senhora e suas irmãs participaram de um projeto da Paróquia, noticiado no jornal *O Extra*, em 29 de maio de 2012, sobre a comemoração dos 80 anos da chegada da congregação espanhola na Nossa Senhora do Desterro, como visto nas imagens:

Figura 16 - Reportagem sobre a comemoração da chegada da congregação espanhola na igreja



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) e (b) – imagens retiradas do site do jornal *O Extra*; (c) foto do acervo de um colecionador de Campo Grande.

Fonte: A autora (2019).

A reportagem trata da Paróquia, seus eventos e membros como guardadores ou protetores da memória do bairro. Quando soube do papel da senhora Lourdes na comunidade, perguntei se aceitava conversar comigo. Ela concordou de bom grado em ser entrevistada e, ali mesmo, no meio da festa da igreja, local escolhido por ela, começou a narrar suas memórias de forma saudosa e emotiva. Não é de se estranhar que nesta entrevista, seu próprio relato de vida se mesclava e se confundia a todo tempo com as memórias da igreja. Suas memórias eram voltadas à construção, sua família e seu papel exercido na chegada da congregação espanhola há 80 anos, quando recebeu os padres espanhóis em sua residência.

Esses dias, eu estava passando aqui na frente e uma senhora me parou, e eu falei: “já sei, a senhora foi minha catequizanda? Eu não lembro, mas tenho certeza...” (risos). E ela riu e tudo, e ela já era até avó... (risos). E minha vida é assim. Espero ficar assim até morrer. Sou solteira, não me casei, não tenho filhos. Me casei com a igreja, e com as crianças. “Tô” aqui sendo catequista há 72 anos, fiz minha catequese com 8 anos e com 10 o padre me chamou, para ser catequista. Ele me disse que eu sabia todas as orações. E eu sabia. Era assim lá em casa, casa de cimento, a gente ajoelhado no chão e mamãe em casa ensinava todas as orações “pra” gente [...] Porque, olha, minha filha, as crianças têm que ser ensinadas pelas mães essas coisas, porque entra na escola... e você sabe o que se aprende na escola hoje, os coleguinhas só falam bobagem [...] (Lourdes, 2020).

Bairro, paróquia, indivíduo e identidade estão intimamente ligados e expressos na entrevista de Lourdes.

2.4 Paróquia e moradores: questão de pertencimento

Dialogar sobre identidade, dentro do contexto deste trabalho, é dialogar com a memória, pois esta “é um elemento constituinte do sentimento de identidade” (POLLAK 1992, p 204). Ambos são negociados, como aponta Pollak:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (1992, p. 204).

Se construímos nossa identidade em parâmetros com outro, ela pode também se tornar um valor disputado em conflitos intergrupais, sociais, políticos ou outros, assim como a memória. Possuindo esse conhecimento, como já mencionamos, algumas instituições, tomadas como matrizes de cultura, se tornam portadores de valores morais e identitários, sendo capazes de criar um *modus operandi* do pensamento (SETTON, 2008). Para a efetivação e manutenção desse modo de pensamento orientador de condutas, a Igreja, como uma instituição de matriz de cultura, produtora e reguladora de valores, exerce também uma função socializadora:

Pode-se, então, pensar a socialização como uma dimensão fundamental da formação humana propiciada pelas matrizes de cultura que têm como tarefa a transmissão de ideais e valores que expressam um consenso sobre o mundo, um *nomus*, como diria Berger (2003). Os sistemas educativos dos grupos, as estratégias e práticas de socialização daí decorrentes expressariam uma ideologia no sentido de esta ser uma visão de mundo, seriam responsáveis pela elaboração de sistemas de valores comportamentais objetivados em símbolos sociais (SETTON, 2008, p. 16).

Essa abordagem socializadora, na intenção de se captar ideias, valores e mecanismos comportamentais, se tornou uma abordagem fundamental para a Paróquia N. S. do Desterro, como mostra o fragmento abaixo:

A pastoral³³ é para todos, não só casais, para toda a comunidade que queira participar. E o pessoal gosta ali da igreja. Porque ali não é só igreja, é o social também. O Padre faz muitas coisas ali, muitos eventos sociais abertos a todos. Já teve até evento ali da adventista! Tem muitas festas e eventos e aí os moradores comparecem e adoram. O pessoal de outras igrejas, usam o salão dali. E como é bem localizada no centro, o pessoal que vem de trem passa por ali e vê a igreja, todo mundo que passa pelo centro vê ela ali, aí fica mais fácil, para entrar e assistir e participar. Tem também um projeto social de moradores de rua. O pessoal toma banho, come almoço. E bem social mesmo. E agora foi para Santo Antônio, uma capelinha ali perto dos bombeiros (Gustavo e Leila, 2021).

Seguindo essa ótica, a Igreja Católica, com vistas à socialização dos sujeitos, se reconfigura adaptando seus valores e modos de educar a cada tempo e espaço social (LEONARDI, 2016). Configura, também, sua organização interna, como mostra o fragmento retirado da entrevista do pároco chefe:

A igreja é mundial sim, mas a pastoral da família é só aqui. Porque tem coisas que mudam de cada país. Para nós aqui, a questão da família é chave, talvez, por exemplo, na Europa não seja, talvez lá tenha outro modelo de trabalho de evangelização, é que aqui nós somos de matriz familiar nuclear, pai, mãe e filho. Já na África, por exemplo, o conceito de família é completamente diferente, as famílias lá são enormes, compostas por vários membros, então a pastoral da família não funcionaria muito bem. Nos países mais desenvolvidos a maioria das pessoas são sozinhas, sua família é ela mesma. Esse conceito de família que conhecemos é muito forte aqui, na América Latina, onde a família está sempre muito próxima, então, para esse tipo de realidade, há sempre uma ação pastoral organizada para isso. Então, no Brasil, a gente tem a pastoral da família, a gente tem a pastoral do menor, a pastoral da criança, a pastoral da terra, a pastoral da educação, e isso são orientações que a igreja dá para que lá na realidade da comunidade da paróquia as pessoas vão evangelizando esses ambientes (pároco chefe, 2019).

Porém, essa abordagem não se foca apenas nas pastorais como departamentos da igreja, e sim em várias ações de cunho social e cultural, em que se pode socializar várias classes de pessoas em um único local com elementos diversos.

Me parece que a igreja Nossa Senhora do Desterro está muito presente na percepção geral da população, numa quantidade significativa de pessoas. Porque a igreja Nossa

³³ A pastoral citada é a Pastoral da Família, um departamento da Igreja Católica brasileira, voltado para os casais e famílias dentro da igreja. É liderada por um casal, que segue o Diretório da Pastoral Familiar. Documento aprovado pela 42ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em abril de 2004.

Senhora do Desterro, em geral, ela está localizada bem no centro do bairro. Então, ela é uma igreja que está ali e passam muitas pessoas por ali, que vão trabalhar, que tem seus comércios, enfim, como eu disse, a igreja, ela também oferece alguns serviços à comunidade. Por exemplo, eu já fui professor de um pré-vestibular que funcionava dentro da igreja para a comunidade. A igreja já teve uma festa, que era aberta ao público, que hoje já não tem essa proporção, mas tinha, uma festa que é no meio do ano que era muito procurada por jovens. E eu era menino ainda e eu ia lá. Era a festa do desterro! E tem algo interessante também, sempre que o bairro completa aniversário, que é em novembro, um maestro, que toca música do século XVIII, especialmente, o Maestro Roberto de Medina, que é de Guaratiba, ele faz apresentações gratuitas na igreja. E sempre há um comparecimento significativo das pessoas. Então, me parece que para uma parte da população, que entende a igreja como uma instituição religiosa e como um polo cultural e um polo social, me parece que a igreja Nossa Senhora do Desterro desempenha um papel, como se fosse um ponto de encontro e um ponto de realização. Como falei a você, ali se realizou a Fricamp, quando a igreja realiza a festa em homenagem à padroeira, acontece apresentação de música, e música que não é religiosa. Então, me parece que, embora não se possa precisar qual o volume de pessoas que prestigia a igreja, que reconhece o seu papel, me parece que a igreja Nossa Senhora do Desterro tem no imaginário local uma presença bastante significativa, como presença religiosa e como polo agregador de pessoas, como polo cultural. Me parece isso. E também algo que se deve destacar é o serviço que se presta ao auxílio de pessoas em situação de rua, pessoas desempregadas, enfim, a pessoas com necessidades materiais diversas, a igreja presta um grande auxílio a pessoas com esse perfil (Ricardo, 2021).

Em sua entrevista, Pedro, autointitulado sem religião, mas que afirma acreditar em Deus, também aponta características sociais e culturais promovidas pela igreja:

E uma coisa que eu vi muito nas igrejas católicas, assim, ela tem muitos eventos, muitas feiras, muita coisa ao redor! Muita coisa assim, para fora. Que as pessoas gostam muito, que abrange todo mundo e, nessas programações, tem coisas que ajudam os pobres, e as pessoas que precisam (Pedro, 2019).

Essa noção socializadora não foi observada apenas nos entrevistados católicos ou simpatizantes, mas também nos espíritas, como Lucas: e evangélicos:

Mas essa igreja era muito poderosa aqui, pois ela era ligada a uma aristocracia muito forte, e Campo Grande teve muitos engenhos, muitas fazendas e vários nomes de sub-bairros e ruas estão ligados a esses engenhos. Hoje, ela tem uma importância até cultural... não digo só religiosa não, mas é cultural, tanto que a Fricamp, pois organizada lá, o padre Paulo abriu as portas para a primeira feira literária de Campo Grande, que foi um sucesso, ficou lotado o dia todo. Tem, de vez em quando, eventos ligados a artes plásticas lá, música. Então, esse padre tem feito um trabalho muito legal lá, tem festas, de colônias de imigrantes, festa árabe, italiana. Então, eu acho importante como fator de atração cultural para o bairro e sociabilidade também das pessoas se encontrarem, e também trabalhos sociais, que eles cuidam de orfanatos, população de rua (Lucas, 2019).

E nos entrevistados evangélicos, como Claudia:

Bem eu não sou católica, sou evangélica. Eu nunca frequentei essa igreja, mas já fui até a parte de fora a noite, participar de um mutirão de entrega. Tipo um evangelismo que a gente fazia em prol de entregar comida, as pessoas que precisam. Às vezes um sopão, uma comida, e a gente evangelizava. Então por isso que eu conheço. Porque eu participava desse projeto. Eles nos deixam participar dos eventos de distribuição de comida, nos chamam e abrem as portas para nós e outras igrejas. Sempre que

posso, estou lá participando e ajudando. Eu nunca entrei lá, dentro da igreja mesmo, mas estou sempre ali fora nos eventos (Claudia, 2020).

Nesse fragmento da fala de Claudia, é possível identificar, também, a importância da questão territorial, pois, como a entrevistada Gabriela mencionou, “*a preservação da memória é como se fosse um posicionamento político territorial*”. Isso porque a paróquia abre suas portas e as portas que nem são dela³⁴, para receber membros de outras denominações e pessoas com necessidades, em uma posição de superioridade acolhedora, como a Claudia menciona: “*Eles nos deixam participar dos eventos de distribuição de comida, nos chamam e abrem as portas para nós e outras igrejas*”. Os participantes se veem inseridos naquele território de construções monumentais, com um edifício grandioso e fixo há séculos ali, e isso evoca um sentimento de constância, permanência e produz/afeta memórias individuais...

Olha eu nunca frequentei lá não, nunca participei da pastoral da família ou outra não. Tenho ligação com amigas da área social. Eu não frequentei muitos projetos, mas sei que o padre ali ajuda o pessoal. Tem cesta básica. A nossa igreja também faz um trabalho de entrega de quentinha. A igreja adventista também faz esse trabalho ali, e sei que tem esse lado social... Eles são muito abertos, não tem preconceito, sempre me chamam para palestrar lá. Mesmo eu sendo de outra religião. Me chamam para os eventos de arrecadação de alimentos, e eu tenho várias amigas com cargos lá e nos damos super bem [...] (Carla, 2020).

Assim como Claudia, Carla, evangélica, diz que sua denominação também realiza trabalhos no território da igreja, ou considerado desta. Além disso, afirma também que sempre é convidada para palestrar lá, já que é assistente social e realiza encontros relacionados a essa área em igrejas.

O interessante é que até os que declaradamente se opõe ao catolicismo, deixando bem claro sua posição, apresentam um discurso relativamente parecido, de que a paróquia se concebe como socializadora, se utilizando de várias ações como festas, trabalhos sociais, relações com outras denominações e trabalhos culturais, reunindo simpatizantes e não católicos.

“Num” passo na frente daquilo ali não (paróquia). Sei que é movimentada, dá um negócio ao bairro, é importante. E eu não tenho preconceito. Faz o bem “pra” alguns, tenho preconceito não, tenho até amigos que são, e são bem carola mesmo, faz novena e tudo(...)eu acho que todo mundo gosta da igreja ali, porque tá sempre cheia. Sempre tem festa. Eu conheço muitas pessoas da católica, tenho uma amiga e tudo da católica. E ela vive direto nisso, seguindo aquele padre (pausa e respiração profunda) Todo dia tem aquelas novena e o povo vai de casa em casa. Aqui ainda tem isso, essa minha amiga é muito beata e segue tudo, vive lá. A comunidade tem um negócio legal com aquilo ali (paróquia) (Suelem, 2020).

³⁴ O território oficial da paróquia se resume às construções relacionadas a ela. Apenas umas seis (“‘tá’ impreciso esse ‘umas’ tem que arrumar isso”), como afirma o pároco chefe em sua entrevista. Todo o terreno ao redor, gradeado, pertence à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Gostaria, ainda, de trazer um destaque a fala de Claudia, quando diz que a igreja os convidava para distribuir sopão para os necessitados e evangelizar. Sendo ela evangélica, que tipo de evangelização se dava? Os evangélicos transmitiam seus dogmas ou católicos? Se tornou algo ecumênico? Estaria a Igreja Católica disposta a comprometer valores a fim de uma união ou centralidade da religião no bairro? Como um “depósito de religiões” ou local de adoração no imaginário popular?

Sua entrevista deixou transparecer a presença de uma união, em algum grau, com uma evangelização sem comprometer ambas as partes, com valores cristãos comuns aos protestantes e católicos. Como os entrevistados viam a religiosidade dos habitantes do bairro? Essa foi uma questão abordada nas entrevistas que me rendeu algumas reflexões.

Em sua maioria, os entrevistados afirmaram que Campo Grande é um bairro religioso. Católicos afirmavam a predominância dessa religião, enquanto os evangélicos, da sua própria. Católicos não praticantes, espíritas e aqueles sem religião afirmaram que o bairro seria evangélico. Ronaldo, católico praticante, afirma que Campo Grande é um bairro católico, porém com ressalvas, pois diz que os protestantes estão crescendo muito, em suas palavras, como uma *invasão*:

Eu acho em relação predominante, assim como no Brasil, ainda pode ser o catolicismo. Mas é complicado afirmar isso, porque as religiões protestantes se dividem muito. Então se você juntar todas, todas as pentecostais, neopentecostais e presbiterianas, é praticamente igual ao catolicismo, que é único! Então fica até complicado você comparar isso. Na protestante você tem que envolver várias ramificações e sub ramificações, quase 50. É o que a gente vê muito, eu participei de um debate, na Universidade Rural, sobre isso... Que estamos tendo quase que uma invasão dessas neopentecostais, essas menores assim. Eu vim contando da casa da minha sogra até minha casa, mais de 14, em um espaço de 3 km no máximo. Então é uma coisa que está crescendo muito aqui na zona oeste é essa questão dos neopentecostais (Ronaldo, 2021).

Esse pensamento também foi observado no relato de Gustavo e Leila, líderes da Pastoral da Família, que ainda abordaram a questão da formação dos líderes das igrejas e a transitoriedade destas de forma mais irônica:

Tem muita igreja aqui, mas dessas igrejas assim... porque quando abriu esse negócio, nem sei como chama, seminário? Não sei. Está se fazendo muito pastor, e muito rápido de qualquer jeito. E na igreja católica, quando se forma um padre, tem uma formação e determinação. E o bispo, manda o padre para uma paróquia determinada. Na evangélica, não é assim. Se numa assembleia de Deus, tem um pastor ali e três ou quatro fazem o curso para ser pastor, eles não vão poder ficar ali. Porque já tem um ganhando ali. Então eles vão criar essas igrejinhas... (risos) que a gente até brinca, que nem é igreja, mas lojas de igrejas... Garagens de igrejas (risos). Porque você vê uma loja, aí fecha e abre uma igreja. Aqui está assim. Tem uma menina ali perto de casa que tinha um bar, e fechou e abriu um karaokê no lugar, aí fechou e abriu uma igreja dela. Que ela é a pastora e tudo. Simples assim, (riso) e rápido. Porque qualquer pessoa pode abrir uma igreja e se intitular pastor, não precisa de nada. A prima da Leila abriu uma. E se diz pastora, não fez teologia nem nada. E aí o marido dela também tá na

igreja dela se dizendo pastor. E ele é o maior sete um da região. E olha menina é cada nome, que inventam para igreja. Esses dias e vi uma que chama Igreja Evangélica Águias e Leões! Que sentido tem isso!? E tem uma também que é Cara de Leão. Não entendi nada! Tem também a Internacional da Zona Sul... (risos) mas tem aqui em Campo grande, que é zona oeste [...] (Gustavo e Leila, 2020).

Observa-se, nesse trecho acima, a importância dada ao aspecto do templo e à história do edifício. Mudam-se as funções dos prédios de maneira muito rápida, o que é sentido com desprezo pelos entrevistados. A questão do crescimento dos protestantes pentecostais e neopentecostais em números de igrejas, para alguns, como o senhor Gabriel, advém das novas gerações, tanto as que nascem no bairro como aquelas que chegam a Campo Grande:

Campo Grande é muito religioso! Tem muita igreja surgindo. Olha só, na nossa rua, contando com as evangélicas, que eu chamo de igreja também, tem quatro só evangélicas e mais uma católica, são cinco. Só ali pertinho no bairro, então é muita coisa. E os jovens também eu vejo gritando na rua: “Ó varão! Ei varão!! Vejo esse jeito de falar de igreja, e até acho bom. Sabe o porquê disso? É gente chegando. Essa mudança, as novas gerações que estão chegando e nascendo em Campo Grande, o pessoal mais antigo é católico, a gente não sai da religião católica. Agora esse povo novo aí... Olha o exemplo: eu sou católico, sou velho. Minha filha, nova de 25 anos é evangélica, você está percebendo? E minha esposa tá indo com ela pra igreja dela, agora acredito que virou crente também. O único que sobrou comigo na fé é meu filho, meu menino, primogênito. Os da minha idade, são muito apegados à religião católica, mas os novos, e os que tão chegando, são tudo evangélicos (Gabriel, 2019).

Entretanto, Pedro, um jovem entrevistado, que não conseguiu definir sua crença, apresenta que há muitas igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais no bairro devido à ausência de mais templos católicos. Ele argumenta que, onde mora, há muitas igrejas evangélicas e elas só existem por estarem longe do centro do bairro, onde se encontra a Paróquia N. S. do Desterro. Para ele, é uma questão de território, isto é, como a Igreja Católica não está presente naquele espaço, se propiciou o surgimento de várias outras igrejas evangélicas menores. Como a entrevistada Gabriela apontou, o posicionamento geográfico é muito importante para a memória daquele local. Para Pedro, se tivesse uma “Desterro”, como ele afirma, em seu bairro, com toda sua monumentalidade e liturgia organizada e festas, não haveria outras igrejas ao redor para “disputar” com ela:

Eu acho que, no geral, Campo Grande é um bairro, protestante. Mas, em certas partes, ele é um bairro extremamente católico. Por exemplo, lá no centro tem a Desterro, então, na minha visão, o pessoal dali é muito mais católico. O pessoal que mora perto dessas grandes igrejas católicas, são muito mais católicos. Agora, o pessoal que mora, por exemplo, perto de onde eu moro, eu não sei se tem uma igreja católica ali, nunca vi. Para aquele lado de Campo Grande, eu vejo várias evangélicas de todos os tipos, surgindo de todos os lados a toda hora, em cada canto abre uma. Na rua que eu passo, que tem uma igreja, e você dá dois passos para frente, tem outra igreja muito grande, até bonitinha, aí você dá mais dois passos tem outra. Então são três igrejas do lado uma da outra... E se você anda mais um pouquinho, tem uma outra, então assim, do lado que eu moro da ferrovia, do West shopping, eu vejo muito mais protestante. Então de repente pelo que tem envolta, o pessoal vai. Então eu vejo

muito mais isso, na área onde eu moro, muito mais igrejas evangélicas, mas você vai chegando mais nos marcos católicos do bairro, aí você vê muito católicos mesmo, é ao contrário, esse pessoal protestante praticamente some. É uma questão territorial. Mas também eu não quero ser muito preconceituoso a respeito, mas a minha visão a respeito é o seguinte, por ter tantas uma do lado da outra, e você passando por elas você vê muita coisa estranha. Tem uma que “tá” tocando uma música, às vezes nem é música gospel nem nada, você dá um passo, aí tem outra, com cara gritando para caraca. Você vê que está tarde da noite, tem vários vizinhos do lado, as pessoas têm que trabalhar no outro dia e eles não tem respeito. Colocam a caixa de som do lado de fora e gritam, não tem o isolamento acústico, tem nada. Aí, você pode até pegar uma antipatia por causa disso, entendeu? Mas, aí se você tem um lugar, como as católicas, que tem tudo certinho, tudo direitinho, que seja organizado, que respeite os horários, que tenha horário “pra” terminar e começar, que respeite o entorno, que tenha um ambiente legal, aí já melhora. Se fosse uma Desterro lá, como ela é toda grande tal, organizada, as pessoas iam ver aquilo assim, e iam [...] (Pedro, 2019).

Pedro, em sua fala, também divide o bairro quando fala dos “marcos católicos” que, para ele, seriam as escolas católicas e, no centro do bairro, a própria paróquia de N. S. do Desterro. Constrangido por parecer preconceituoso, ele expõe os problemas do seu ponto de vista da proliferação de locais de culto. Lembrando que seu local de moradia é distante do centro do bairro, apresentando, mais uma vez, uma relação entre produção de território e presença religiosa.

O próprio pároco questiona o crescimento do número de evangélicos no bairro. Para ele, quantidades de templos não significa quantidade de fiéis:

Os dados do IBGE dizem que o número de católicos caiu frente ao número de evangélicos na cidade do Rio de Janeiro, mas, olha, na missa no domingo, está sempre cheia, temos mais de 700 lugares. E nas igrejas pentecostais e neopentecostais, principalmente, há muita transitoriedade, abrem dez igrejas hoje, fecham dez igrejas amanhã, e não muito cheias[...] (pároco chefe, 2019).

Ele explica, ainda, que os movimentos pentecostais e neopentecostais são, na verdade, um fenômeno psicossocial, relacionando com as camadas sociais mais baixas e trazendo a questão do compromisso, que, segundo ele, não é exigido nas igrejas transitórias, mas importante na Igreja Católica:

Existe esse fenômeno, é um fenômeno psicossocial, ele não é apenas social, ele é psíquico também, porque o neopentecostalismo ele de uma certa forma, ele supriu a carência de uma população mais... mais, é... rebaixada. Ele dá um tipo status a pessoa. Depois a forma de pregação é toda diferenciada, ela parece oferecer respostas mais imediatas, que é o que todos querem hoje, respostas rápidas para tudo. Depois não tem uma questão de uma filiação definitiva, não tem um vínculo, por exemplo, você é católico, você se torna católico mediante ao batismo né. Bem, eu sou católico e tomo consciência do meu batismo, eu sei que eu tenho “n” obrigações, se eu deixar de ser católico, essa desvinculação também tem que ser muito séria. E algumas pessoas não querem mais esse tipo de compromisso, e tem uma tendência que ela é bem atual e também está presente na igreja católica, por isso que o neopentecostalismo também está presente na igreja católica, que é as pessoas irem onde se sentem bem. “Ah”, eu vou naquele culto porque aquele pastor falou algo que me senti bem, aí eu vou, o dia que aquilo me cansa ou chateia eu procuro outra coisa. E aí também vem a teologia da prosperidade, se eu sirvo a Deus daquele jeito, Ele vai me dar um carro, vou mudar

de vida... Então, ela é psicossocial, ela atua em um fator psicológico e social, e a facilidade também, se eu e você quisermos ali abrir uma igreja, a gente abre (pároco chefe, 2019).

De forma acanhada, ele traz a questão socioeconômica para a discussão, afirmando que a culpa desse crescimento também é da própria Igreja Católica como instituição. Porque, em Campo Grande e em outros lugares, se concentram apenas nos centros do bairro, ou cidades, não abraçando, assim, os crescimentos periféricos das cidades:

Porque aqui em Campo Grande, o movimento das igrejas protestantes foram bem periféricas, elas chegaram aqui e foram mais para a periferia. Então, você vai encontrar igrejas Assembleia de Deus bem antigas lá no Caxamorra, elas chegaram e foram para mais longe... Esse movimento também das igrejas irem e se estalarem nas periferias, e se ramificarem por lá, pentecostais e neopentecostais, isso também é culpa nossa. É porque, às vezes, nós como Igreja Católica, também ficamos nos grandes centros. A gente não expandiu, então, a grande referência dos católicos era essa igreja aqui, a matriz. Todo mundo vinha para cá, então o bairro foi crescendo, então lá onde não tem, surgiu uma igreja e então eles terão público lá, de pessoas que não tem como se deslocar para cá. Entã, o para quem tem essa concepção fluida de tudo um Deus só, e igreja é igreja, tudo é a mesma coisa e aqui é mais perto, então as pessoas acabam indo para essas igrejas. E as pessoas fazem migração de religião (pároco chefe, 2019).

O pároco apresenta uma culpa à instituição, por não expandir e dar abertura a outras denominações, em uma presunção de que todos são católicos, ou seriam, se houvesse uma igreja católica nos locais mais afastados. Há, segundo ele, um movimento de troca de religião, uma vez que os moradores das periferias não têm condições de se locomoverem até a matriz N. S. do Desterro. Aqui, apresenta-se novamente a questão territorial; ele reconhece que a localidade influencia diretamente na vida das pessoas.

A centralidade é algo fundamental, e o espaço que a igreja ocupa a estimula na formação de mecanismos de agrupamento e socialização, como acolher outras denominações. Um morador que não é católico e não frequentaria a igreja como local de culto, a frequenta por necessidades básicas, eventos culturais, ou até festas com músicas e bandas. Sempre será vista e lembrada, sua imagem estará sempre nas memórias.

Essa função socializadora, como comentado, agrega pessoas a ela, trazendo uma constância e um pertencimento, que acaba por se confundir com o bairro. Isso porque, quando a pessoa passa todos os dias na frente da mesma paisagem, que evoca lembranças e sentimentos a ela, isso vai gerando um conforto, uma sensação de familiaridade, na qual a pessoa se identifica, cria uma identidade em relação àquele local. Aquilo que é imóvel, e continua ao longo dos anos, se torna familiar, faz parte de nós (HALBWACHS, 1990), agregamos um valor de patrimônio ao que é imutável e essa palavra já carrega uma importância e, conseqüentemente, o comportamento. A questão do patrimônio, aqui, é algo que carece de

desdobramentos sobre essa concepção de seriedade que a igreja emana. Silva e Orlando (2019, p. 430) apontam para a necessidade da história da educação se voltar para a questão do patrimônio:

No intuito de compreender a memórias, e suas múltiplas constituições, os historiadores têm passado a atentar para o patrimônio como signos culturais que traduzem, pelo discurso que emanam, lutas de representações desenhadas em traços materiais ou imateriais... é preciso também historicizar a própria noção de patrimônio, uma vez que este, por ser mutável no tempo e no espaço, nem sempre foi concebido da forma como o vemos hoje.

E como essa palavra tem conotações no campo da memória, a “patrimoniação” de um determinado local concede a ele uma “aura” simbólica e sacra, e nem sempre esse patrimônio precisa ser institucionalizado para ser “respeitado” como tal. Nas interações das entrevistas, percebi como a paróquia é vista por alguns e como o tom mudava, assim como a postura corporal, ao falar sobre ela, dizendo que é um “patrimônio de Campo Grande”:

A relação que as pessoas têm ali com ela é muita, não só os católicos, mas outras denominações. Pois ela é uma paróquia histórica. É uma relação respeitosa de pertencimento. Eu penso assim, que as pessoas que residem em Campo Grande pensam desse monumento. Porque ela é assim um monumento! As pessoas embora não saibam, ela é um patrimônio histórico de Campo Grande (pausa) e até mesmo do Rio de Janeiro (Rute, 2021).

Esse respeito evocado ao se falar da paróquia também foi percebido em outras entrevistas. Contudo, essa entrevistada concedeu um valor a mais ao mencionar a palavra patrimônio, fazendo uma pausa para salientar sua seriedade. Em sua concepção, parece que patrimônio liga-se ao sagrado, sacro e solene, concedendo uma importância fundamental na cidade e não apenas no bairro. Notei essas mesmas emoções em alguns entrevistados quando repetiam várias vezes o nome completo da construção ou o nome do bairro.

Essa entrevista me fez buscar se, realmente, a igreja é patrimônio tombado do Rio de Janeiro. A veemência dessa memória me levou a buscar e encontrei no *site* da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro a página do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH³⁵, que apresenta todas as edificações tombadas do estado do Rio de Janeiro, e mesmo contendo ali várias Paróquias históricas do Rio de Janeiro, a Paróquia Nossa Senhora do Desterro não está entre elas. Porém, no *site* do iPatrimônio³⁶, consta como tombada a Igreja Nossa Senhora do

³⁵ Essa página direciona para o *link* de Bens Tombados, disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/irph/bens-tombados>.

³⁶ O iPatrimônio é um projeto voluntário sem fins lucrativos e institucionais, elaborado com o objetivo de ser uma plataforma para conhecimento do Patrimônio Cultural Brasileiro. O portal se encontra disponível no *link* <http://www.ipatrimonio.org/>.

Desterro de Guaratiba, uma igreja com características de capela que data do Século XVII³⁷. Definitivamente não é a mesma construção e uma igreja não tem relação com a outra, visto que a Igreja Nossa Senhora do Desterro de Guaratiba, localizada na rua Barros de Alarcão, n. 1305, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro – RJ, foi idealizada a partir de uma lenda popular local³⁸, enquanto a Paróquia Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande se originou como já explicado no capítulo anterior. Todavia, esse fato não mudou a importância que se facultou à Paróquia e como o peso do sentido de patrimônio foi atribuída a ela.

2.5 Fios soltos: para outras investigações

Para concluir esse capítulo, apresento alguns achados interessantes das entrevistas, assuntos que me intrigaram e deixaram algumas questões abertas e temas que não tive oportunidade de me aprofundar nesse trabalho. Um destes aspectos, por exemplo, foi uma ligação entre a religiosidade dos indivíduos e suas escolhas eleitorais:

Eu creio que Campo Grande pode definir uma eleição sim! Até porque a gente tem uma vereadora que somos fiéis a ela. A gente vota nela! Todo ano ela “tá” ali. Ela chama Lucinha, então tudo no nosso bairro, a gente fala com a Lucinha. E temos aquela união que confiamos no candidato, se falta água a gente corre na Lucinha, se falta luz é na Lucinha também. E nessas eleições (2018), o evangélico não teve outra opção de candidato. Então, “pra” não votar em branco, a gente deu chance pra outro tentar fazer diferente. Porque o outro a gente já sabia que não prestava. Agora os evangélicos tentaram algo diferente, por falta de opção. Ele tem coisas que a gente não concorda, mas tem outras que concorda, então nós evangélicos demos o voto para ele (Suelem, 2020).

³⁷ O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13 de agosto de 1985, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN. A igreja foi edificada provavelmente no século XVII por Jerônimo Vellozo Cubas e sua mulher Beatriz Álvaro Gago, é o casal quem assina a doação da capela de Nossa Senhora do Desterro e suas respectivas terras aos padres Carmelitas, que aí edificaram uma casa conventual. Em 1750, sofreu uma reforma feita por Frei Francisco Quintanilha. No século XIX, uma na nova obra foi efetuada, em virtude do casamento da filha do fazendeiro Vicente Alvares Ribeiro. Também, neste último século, teve sua fachada decorada com azulejos assemelhados aos da Lapa do Desterro, no Rio de Janeiro. A igreja de pequenas dimensões tem sacristia ao lado da epístola, um só altar e coro. O altar principal possui retábulo em alvenaria com imagens do Bom Jesus da Cana Verde, da Sagrada Família e de Nossa Senhora do Carmo que seriam procedentes da Fazenda dos Padres Carmelitas. A talha do altar e do coro foram refeitas no século XIX e são valiosas imagens e bancos, de tipo raro com palha no assento. O teto da nave e capela-mor é decorado com pinturas ingênuas. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-igreja-de-nossa-senhora-do-desterro/#!/map=38329&loc=-23.00595199999998,-43.63430900000001,17>. Acesso em: 30 maio 2021.

³⁸ Sua história dá-se a partir de uma lenda de uma índia muito idosa que era cega e doente. Em uma certa manhã, esta indígena disse aos seus patrões, que eram donos das terras em Guaratiba, que Nossa Senhora havia pedido que construíssem uma igreja na beira da praia. Ninguém acreditou. Mas, certo dia, a velha índia estava curada. Ela tinha recuperado a visão e tinha uma saúde de uma jovem de 20 anos. A justificativa era que ninguém tinha se interessado pelo pedido feito, então Nossa Senhora restituiu a sua saúde para que o seu pedido fosse atendido. Com isso, seus patrões assustados foram imediatamente ao local indicado e iniciaram a construção. Disponível em: https://www.wikirio.com.br/Igreja_Nossa_Senhora_do_Desterro. Acesso em: 30 maio 2021.

A entrevistada, senhora Suelem, falou com muito entusiasmo sobre sua política preferida, Lúcia Helena Pinto de Barros, conhecida como Lucinha, que já conseguiu se eleger três vezes com base nos votos da Zona Oeste: duas vezes como a vereadora mais votada da cidade do Rio e, a última vez, como deputada estadual³⁹. Por ter fiéis eleitores na zona oeste, conseguiu eleger seu filho com o nome de campanha “Júnior da Lucinha”. Esse clã familiar vem se elegendo com base em Campo Grande, bairro que pode definir uma eleição devido aos seus quase 340 mil habitantes (mais precisamente, 336.484⁴⁰) diante da população do município do Rio de Janeiro (com 6.320.446 habitantes⁴¹). A senhora Suelem ainda afirma que os evangélicos do bairro não tinham outra opção a não ser votar no candidato cristão nas eleições de 2018, apresentando uma clara relação entre sua crença e sua escolha política.

Eu acho que o bairro sim poderia definir uma eleição sim. Do jeito que as coisas estão seguindo eu acho que sim. Porque, por exemplo, eu conheço muita gente, muita gente mesmo, de lá, que votou no Witzel, o governador atual do Rio, creio que o elegeram. E eu ouvia que o pessoal que é muito chegado né, que mora nessas áreas bem mais tradicionais, que são várias áreas de Campo Grande, eu ouvia eles, a conversa deles, eles têm um papo bem parecido. Todos eles meio que pensam igual. Então se você tem por exemplo, a rua da minha vó, que todo mundo se conhece ali. Naquela rua uma pessoa tem um candidato, a rua inteira vai votar no mesmo candidato né. Vai ter talvez um ou dois que não vote, mas a rua inteira vai votar naquele candidato da rua, que a rua vai escolher o candidato. Porque assim, todo mundo ali tem uma experiência de vida muito parecida, então eles terão opiniões muito parecidas. E assim, conforme as coisas vão se propagando, você consegue pegar um bairro grande como Campo Grande, e com todo mundo junto ali, pensando da mesma maneira, você consegue influenciar muito (Pedro, 2019).

Aqui, Pedro também demonstra essa relação do bairro com a política. Ele aponta que o bairro pode ter elegido o ex-governador do estado, pois era o “candidato da rua” e todos votam nesse tipo de candidato. O senhor Gabriel traz a mesma narrativa e acrescenta que o bairro de Campo Grande elegeu tranquilamente o ex-prefeito Crivella e o ex-governador Witzel, justificando que os dois estavam alinhados com o presidente e, por isso, ganharam. Ele encerra um tanto constrangido, se justificando dizendo que não tinha opção.

Olha, eu não sei se aqui pode definir uma eleição, isso é um pouco difícil. Vou lhe dizer, uma eleição no Estado e na cidade do Rio sim. Agora, vou te dizer, calculo eu, eu mesmo, não é por religião nem nada, é por falta de opção mesmo, que o prefeito ganhou. O melhorzinho que tinha era ele, muitos roubaram o município, o Paes, disseram que roubou, e o partido dele estava meio do lado do PT, e todo mundo “tá” com raiva do PT, porque roubou. Então quer dizer, só sobrou um... Aí, foi o que aconteceu. O nosso presidente, estava lá em cima, aí veio o governador, aliado a ele, aí ganhou. Eu achei que ele não ia ganhar, mas ele estava junto com nosso presidente

³⁹ Fonte: <http://www.alerj.rj.gov.br/Deputados/PerfilDeputado/326?AspxAutoDetectCookieSupport=1>. Acesso em: 25 jul. 2021.

⁴⁰ Fonte: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado> e <https://www.geofusion.com.br/blog/mar-de-gente-veja-os-10-bairros-com-maior-populacao-no-brasil/>. Acesso em: 28 set. 2021.

⁴¹ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 28 set. 2021.

e levou muita gente. Foi essa situação de votação. Então foi isso que aconteceu, Campo Grande elegeram o do Rio, o Crivella, e o governador, que foi isso. Tanto é que hoje tem muita gente arrependida, mas foi isso. Não tinha opção menina, ou deixava como “tava”, ou tentava mudar, e seja o que Deus quiser (Gabriel, 2019).

Lucas apresenta um Campo Grande mais voltado para a cultura, mas que por ter uma população muito grande e, em sua maioria, evangélica, o bairro poderia definir uma eleição sim, pois elegeram o ex-prefeito Crivella. Ele aborda que os evangélicos, por serem tolhidos por seus líderes, apenas poderiam votar em quem eles dissessem.

Essa é sua visão das eleições de 2018. Ele afasta a “culpa” dos católicos e de outras denominações, retratando que esses seguimentos religiosos prezam pelo diálogo e cultura, enquanto os evangélicos, de forma geral, não. Achei essa posição interessante, pois ele apresenta um catolicismo fluido, mais leve, aberto culturalmente, que não se ocupa em controlar, ao contrário, convive harmoniosamente com outras denominações, como segue no fragmento abaixo:

Sim! Com certeza, o Crivella foi eleito na Zona Oeste, Campo Grande e Santa Cruz elegeram ele. Agora, quanto ao presidente, me surpreende ele ter ganho, porque a maioria das pessoas que eu conheço falam muito mal dele, do Bolsonaro. Eu acho que isso foi uma alucinação coletiva, que veio antipetismo, veio muita “fake news”, e eu vejo muita gente falando assim, constrangida, e eu penso, essa cara votou nele... (risos) E meus amigos, é uma galera muito ligada em cultura e não vota nele, de vez em quando a gente acha um que começa a falar e coça a cabeça, e aí a gente vê logo que votou nele. Porque aqui não tem essa tradição reacionária, aqui tem sim uma tradição conservadora, mas não reacionária, o Professor Moacyr⁴² mesmo, ele foi eleito pela Arena nos anos 70, mas ele sempre foi um cara que apoiou o pessoal de esquerda, tanto que ele fala muito bem, e ele tem uma oratória incrível. Ele está meio adoentado, mas ele sabe que o Bolsonaro está no poder e acha abominável. Acho essa resposta está nos evangelhos... Por que os evangélicos têm um problema, o pastor não deixa o fiel ler outras coisas que não seja o que ele manda. E já o católico não tem isso, as festas da igreja católica tem cerveja, as pessoas falam de filosofia, veem filmes... E aqui também tem muito Centro Espírita, Kardecista. Inclusive, aqui no centro tem alguns, em frente à igreja mesmo, a Desterro. Tem também no calçadão, aqui tem uma tradição muito forte de Allan Kardec, e tem Umbanda e Candomblé também. E esses lugares te estimula a ler de tudo, você ver tudo, e já no evangélico não. Você só pode ver os filmes do bispo Macedo e ler os livros que o pastor manda, então o cara fica meio “lavagem cerebral”. Fica orientado a votar em quem eles mandam, e aqui tem muita igreja evangélica, e temos uma população muito grande. Então essa tradição cultural, essa parcela de professores aqui, é grande, mas a população daqui é imensa, então a maior parte da população está indo por esse caminho [...] (Lucas, 2019).

⁴² O Professor Moacyr Barros Bastos é carioca do bairro de Campo Grande, onde reside até hoje. Fez o curso médio no Colégio Marista São José e o superior na Universidade do Estado da Guanabara, se formando em Pedagogia. Prestou relevantes serviços ao estado, e em especial ao município do Rio de Janeiro, onde foi atuante Vereador. Foi eleito pelo ARENA da década de 70. O Professor Moacyr Bastos criou o Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos. Fonte: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro0307.nsf/3bfcfc21243546ca83256cef004dbdbf/2955d9991704ce7783256ea10077d841?OpenDocument>. Acesso em: 15 ago. 2020.

A fala do entrevistado Ronaldo segue um pouco a fala de Lucas. Porém, ela já aponta que a Igreja Católica, assim como as tradicionais protestantes, apresenta uma ala fundamentalista que pode ter contribuído para a eleição do presidente e ex-prefeito. No entanto, ele já traz uma divisão entre as igrejas evangélicas, separando o neopentecostalismo das outras. Estreitando a questão do grupo responsável pelos votos que poderiam ter garantido a vitória dos candidatos, ele traça um perfil:

Em questão de peso de voto, claro que pode definir. Pela população ser muito grande, tem um peso muito grande em escolher um presidente, como foi o caso do Bolsonaro, “né”. A gente teve aqui uma votação em massa nele, e isso pesa muito nas eleições, porque é um contingente muito grande populacional. E até “pra” prefeito, se não me engano, o Crivella teve um grande peso aqui em CG, nas eleições que ele ganhou, não nessa, mas na penúltima. Teve um peso muito grande em pessoas que votaram nele aqui na zona oeste. E aqui você tem uma ligação de votar nesses candidatos com o fundamentalismo religioso, como falei, os neopentecostais estão crescendo muito aqui, e muitos desses neopentecostais votam nesses candidatos que se dizem religiosos né, que representam famílias, então isso influencia muito! A gente tem também uma ala fundamentalista no catolicismo e nas igrejas tradicionais protestantes, mas no neopentecostalismo isso é mais forte. O perfil de um candidato aqui, é complicado, pois aqui temos problemas, “né”, na Zona Oeste com questão de milícias, e outras coisas, e tem a questão religiosa também. Então o perfil de um candidato aqui, seria aquele cara estilo Bolsonaro e Crivella. Religioso ou que defende uma religião. Um pseudo-religioso, vamos dizer assim, e vinculado a essas coisas de ser menos aberto a debates, principalmente da ala da esquerda e são mais conservadores, seria mais esse perfil (Ronaldo, 2021).

O entrevistado Ronaldo, ao mencionar a questão da família como influência de voto, me chamou atenção, uma vez que muitos entrevistados apresentaram uma relação entre família e bairro. A valorização da família e a sua permanência no bairro foi um dos achados observados nas entrevistas. Os valores familiares tão pregados pelos religiosos cristãos e, agora, se tornaram pautas políticas. Segundo alguns entrevistados, Campo Grande é um local que valoriza as famílias e sua permanência no bairro:

Porque aqui em Campo Grande, predominou os libaneses e os portugueses. Eles são a base do comércio e do laranjal de Campo Grande. Eram grupos de famílias. Na verdade, todo o comércio do calçadão era de uma família só de portugueses. E foi passando para frente. (Gustavo e Leila, 2020).

Como afirmam Gustavo e Leila, no bairro predominavam as famílias imigrantes dos portugueses e libaneses, que dominavam o comércio na região. Alguns outros entrevistados comentaram sobre os libaneses e seus domínios nos comércios da rodoviária de Campo Grande e no calçadão. A senhora Lourdes, filha das primeiras levas de imigrantes libaneses, afirma que sua família tinha muitos comércios no bairro, como um amarelo, que virou depois uma sapataria. Outros entrevistados também citaram os libaneses e suas famílias comerciantes, levantando também uma relação entre as famílias imigrantes e o crescimento do bairro. A

família da dona Lourdes, especialmente, recebe até o nome de uma rua em homenagem as suas contribuições ao bairro⁴³, e toda sua família, que ainda está viva, mora em Campo Grande:

Olha, já está mudado, mas aqui era só família. Todas as famílias juntas, e todo mundo se conhecia. As festas de igreja, o carnaval de Campo Grande, olha, era um carnaval “pra” ninguém botar defeito... Meu pai tinha lojas ali onde é o calçadão hoje, e armarinho e vendíamos coisas no carnaval... depois ele fez uma sapataria... Eu gosto de passear e voltar, mas sempre voltando para o Campo Grande, minha família inteira daqui do Campo Grande (Lourdes, 2020).

O senhor Gabriel, em sua fala, apontou a mesma questão que muitos entrevistados, então, para não se repetir e não cansar o leitor, apresento a fala dele, mas representando a muitos outros. Ele afirma que o bairro está expandindo, já que muitos jovens estão chegando para morar com seus familiares, crescendo no bairro e encontrando locais próximos a seu núcleo para viver. Para ele, o bairro, por ser muito grande e ainda oferecer muito espaço para construção e desenvolvimento, é um atrativo para os de fora e as novas gerações.

Ele faz um contraponto com outros bairros do Rio de Janeiro. São lugares datados e envelhecidos pelo seu público, que levam muito tempo para se renovarem, ou nem se renovam. A concentração de famílias no bairro, para eles, advém do espaço geográfico disponível:

Campo Grande é uma cidade, está evoluindo, muitas crianças, muitos jovens. Bom, não só tem pessoas de idade, vou te explicar melhor: em certos locais só tem aquelas pessoas antigas, que já “tá” indo já entende? Já está se entregando ao senhor (risos), que anda com cachorrinho, que o filho não quer mais ficar... Essas coisas. Na Zona Sul, o que você mais vai encontrar é isso. Em Campo Grande, não! Lá não! Campo Grande está nascendo, agora que “tá” o pessoal povoando Campo Grande. Estão enxergando Campo Grande agora, e tem prédio e mais prédios agora, um montão de coisa nova. O que você já não vê na Zona Sul, por isso que te digo, está evoluindo. As pessoas jovens que tão fazendo, enquanto outras Zonas são pessoas bem mais antigas, igual a mim velhinho já, entregando as coisas “pro” filho, e o filho já não quer... (risos). Mas esse não é o caso de Campo Grande, lá está crescendo. Campo Grande, tem espaço para crescimento, entende? Minha filha por exemplo, ela se casou agora, está morando em Campo Grande, é jovem que vai ter filho, tem lugar para ela ter os filhos dela e tem lugar para construir “pros” filhos dos filhos dela. E certos lugares não têm mais isso... é uma realidade. Olha, aqui mesmo na Ilha do Governador, me fala um lugar que você possa construir? Não tem! Já está tudo tomado, quem “tá”, “tá”. Aí, a pessoa envelhece ali... não tem lugar para os filhos. Aí a pessoa vai procurar um lugar livre, como Campo Grande, aí muita gente está migrando para lá, principalmente os jovens para ficar com as famílias e fazer mais família. Por isso que eu digo que Campo Grande é uma cidade mais de jovens (Gabriel, 2019).

Lucas também expõe essa questão quando comenta das famílias “quatrocentonas” no bairro. Aqui, ele apresenta uma família de imigrantes portugueses que chegaram e se estabeleceram por meio da agricultura, crescendo e se expandindo cada vez mais no bairro.

⁴³ Projeto de Lei n° 1459/91 - Art.1° A travessa Caetité, em Campo Grande, passa a denominar-se rua Chafi Chaia (1892-1990). Disponível em: http://www.camara.rj.gov.br/spl/spl_docdown.php?id=11308. Acesso em: 01 ago. 2021.

Realizando sempre reuniões de famílias aos domingos, eles partilham de memórias que os une. Lucas apresenta também uma conexão dessas famílias com o coronelismo e a política, algo a ser considerado:

O bairro tem características bem legais, teve uma pesquisa do IBGE em 2007, que Campo Grande era o bairro que tinha mais famílias, famílias constituídas, que tinha o pai, o avô, o filho, todos no mesmo bairro. E aí, um repórter me perguntou se eu podia indicar uma família, dessa para eles realizarem uma reportagem. Então eu lembrei de uma amiga minha, que mora no Rio da Prata, a Maria das Dores, que ela foi eleita a rainha da lavoura aqui, que antigamente tinha produção agrícola, e na inauguração do viaduto Alim Pedro, o chamado “viaduto Velho de Campo Grande”, em 1957, os fazendeiros levavam sua safra para expor, e aí tinha a eleição da rainha da lavoura, que era uma menina de 17,18 anos filha de um fazendeiro, e ela foi eleita. Tem uma foto dela em cima do carro de boi e tudo, e ela foi a última rainha, depois dela não teve mais o concurso... (risos) e ela está com 78 anos agora. E essa família, descendentes de portugueses, eles se reúnem agora quase todos os fins de semanas, tudo em torno dela. E a família é muito grande, uma vez eu tentei contar a árvore genealógica dela e toda hora chegava um, e todos de Campo Grande. Tem um que mora no Estácio, e outro na Zona Sul, mas muito pouco, 90% da família são todos de Campo Grande, nascidos e criados, então eles se reúnem, ela tem seis filhos, tem ainda quatro irmãs vivas, e agora mesmo, domingo passado, teve um almoço lá e me chamaram, eu sou agregado da família (risos). Depois eu te mando uma foto dela, lá como rainha da lavoura. E o repórter foi lá na casa dela e tirou uma ótima foto deles, e tinham tanto pessoas de 80 anos como de três anos, e eles valorizam muito essa relação familiar, muito mesmo, e tem uma relação com a igreja também. Todos eles são da Igreja Católica, quase todos eles são muito católicos frequentadores mesmo, de pastoral da terra, tem os mais velhinhos que são mais conservadores e tem a galera mais jovem que é ligada à pastoral da terra. Campo Grande é muito tradicional, com famílias “quatrocentonas”, como a gente chama aqui, porque aqui foi uma região muito rica de agricultura, e essas famílias perpetuaram esse poder até hoje. Então vejo muitas pessoas com seus 70 e 80 anos muito saudosistas, de quando Campo Grande era um local elitizado mesmo. Você quando frequentava o centro de Campo Grande, não podia andar desarrumado, era uma coisa assim, meio de preconceito mesmo. Algo muito elitizado, uma aristocracia rural que existia aqui. E essas terras estão nas mãos dos descendentes, e tem um lugar aqui chamado Casa Bosque, que teve até um evento no domingo, é do lado da faculdade que tem aqui, é uma área verde imensa, quase um quarteirão inteiro de verde que eles fizeram um centro cultural. Então tem feira vegana, tem brechó, tem tudo lá. E é de uma família chamada Caldeira de Alvarenga, que foi dona do Grumari praticamente, e de várias terras aqui. Manoel Caldeira de Alvarenga era político, então você tinha alguns políticos locais, como Cesário de Melo, Augustus Vasconcelos, Senador Camará, que fizeram um triângulo carioca⁴⁴, como eles chamavam. Santa Cruz, Guaratiba e Campo Grande, e tinha uma aristocracia rural ali. Que começou nas fazendas desses lugares no século 16. Um coronelismo total dentro dessa aristocracia do triângulo carioca. Mas esses grandões rurais fizeram algo de bom, colocaram os filhos para estudar, então no final dos anos 50, o vereador Nésimo da Silva cria o instituto Sarah Kubitschek, para formar as filhas dessa aristocracia como professoras, a minha amiga que te falei, Maria das Dores, foi formada como professora. Por que aí não precisava mais ir para o instituto de educação na Tijuca, já estudaram aqui, e nos primeiros anos era obrigado a dar aula na região (Lucas, 2019).

⁴⁴ Disponível em: <https://jornalzo.com.br/conheca-a-zona-oeste/1002-o-triangulo-carioca-nos-anos-30-e-40>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Figura 17 - Foto no jornal da senhora Maria da Dores como uma das candidatas a Rainha da lavoura

O Sertão Carioca Terá a Sua "Rainha da Lavoura"



Representando cinco localidades do Sertão Carioca, essas jovens vão concorrer ao título de Rainha da Lavoura, no próximo sábado, dia 11. A Festa da Lavoura, de que fazem parte um desfile de carros alegóricos e a representação de peças de Eugene O'Neill e Caçona, é promovida pelo Teatro Rural do Estudante sob o patrocínio da Sra. Ema Negrão de Lima. As moças que aparecem no flagrante acima são, da esquerda para a direita: Zeli Meira (Guaratiba), Neusa Mateus (Cosmos), Jazi Leitão da Rocha (Paciência), Nilma Amaral Barbosa (Est. Augusto Vasconcelos) e Maria das Dores Santos (Rio da Prata). É grande o entusiasmo em torno da Festa da Lavoura, que visa, inclusive, a congregar os lavradores daquela vasta área do Distrito Federal.

Fonte: acervo de colecionador de Lucas (2019).

3 PARÓQUIA EM FOCO: TERRITÓRIO E PRÁTICAS EDUCATIVAS E PROJETOS SOCIAIS

Eu gosto de ir à igreja todos os domingos, a igreja que está mais a mão, é a Nossa Senhora do Desterro. Mas não quer dizer com isso, que eu rezo em nome de Nossa Senhora do Desterro... A Nossa Senhora do Desterro é um ponto de referência. Aí, tu me pergunta: Por que tu não vai na sua igreja que você gosta? E eu te respondo fácil, pela localização!

(Trecho da entrevista de Gabriel, 2019)

Este capítulo destina-se a abordar a questão da localidade da igreja, suas influências e práticas educativas da Paróquia Nossa Senhora do Desterro. Como já apresentado ao longo deste trabalho, entendem-se como educativas todas as experiências formativas e socializadoras empregadas pela paróquia, geradoras de memória que compõem identidades. As ações pastorais e as festas compõem esta análise.

A questão da localidade e centralidade da paróquia foi bastante apontada pelos entrevistados. A forma com que eles se deslocam pelo bairro, a representação da igreja e seu entorno se configuraram como relevantes, pois, para alguns, sua localização estratégica beneficia o bairro e tudo que se criou ao redor. Segundo Castilho (2009, p. 78):

A Igreja Católica deve ser reconhecida como um elemento de produção do espaço, bem como o sustentáculo de construções de ideias de uma sociedade, suas formas de organização, e autoridade (religiosa), com suas crenças, valores e símbolos. Percebe-se por meio de um olhar sobre a cidade, um elo de ligação entre a religião católica e a gênese da urbanização no dimensionamento da história eclesial da diocese. A urbanização constitui uma mudança na maneira pela qual os homens vivem em sociedade, o que pode afetar vigorosamente a forma de entenderem o significado da vida. O mundo do homem passou a ser a sua cidade, e a sua cidade se expandiu para incluir o mundo em seu dia-a-dia, no qual a religião tem um papel fundamental em sua trajetória terrestre.

E por causa desse entorno, muitos fiéis e não fiéis são atraídos. Se configurando, assim, um local estratégico, como mostram os fragmentos:

Olha, eu não sei nada dela não... eu nunca fui... Olha, ela é peça chave aqui de Campo Grande, antes de ser comércio, essas coisas, ela já estava lá. As gerações foram crescendo e vendo ela ali. Ela já foi feita no topo do morro (Suelem, 2020).

Suelem, umas das entrevistadas que citou nunca ter frequentado a igreja, é a única que afirmou em sua entrevista nunca ter entrado na paróquia por ódio à Igreja Católica, em suas

próprias palavras. Seu desconforto em falar sobre a Paróquia, ou qualquer assunto relacionado à instituição católica foi notório. Porém, ainda assim, ela comenta que a paróquia é uma peça chave de Campo Grande.

A Desterro é enorme. E cabe 700 pessoas. Tem quatro cultos lotados aos domingos. E está bem localizada. E muita gente que está passando ali perto, acabam indo participar. Tem os que moram nas proximidades, mas tem os que estão passando ou visitando parente e acaba indo na missa. Porque ela é meio ponto turístico e, então, as pessoas acabam indo (Gustavo e Leila, 2020).

Gustavo e Leila apontam a grandeza da paróquia, bem como sua localidade estratégica, classificando-a como ponto turístico. Segundo eles, tanto os moradores que passam diariamente por aquele local, como os que estão no bairro de visita, acabam entrando e assistindo ao culto, por ela, além de ser um local de adoração, se configurar em um espaço de atração e socialização. Já Carla aborda a questão imobiliária. Pela sua localização planejada, ela acolhe um centro comercial ao lado e, de acordo com ela, possui muitos terrenos no centro do bairro, expondo, assim, uma relação entre a Paróquia e o comércio no bairro:

Então, a igreja católica ali, ela fica em terreno estratégico, ali no alto. E de um lado dela que você sai, cai direto em um “shoppinzinho”, e eu acho que esse pequeno shopping, ou centro comercial, é da paróquia mesmo, é deles. Eu creio que não só esse espaço, mas toda a quadra. Porque, do outro lado tem um bombeiro, e tem a rua Augusto Vasconcelos, e as lojas. E, se você continuar nessa rua, tem o hospital Rocha Faria. E todas aquelas terras são da Igreja. E eu conheço o padre, porque fui convidada para participar de palestra para o social. Eu entrei uma vez, um estilo barroco. E lá tem um espaço muito grande, é tudo deles (Carla, 2020).

Para o senhor Gabriel, toda sua experiência religiosa de forma presencial está baseada na localização. Mesmo tendo sua fé devota a Santa Rita de Cássia e tendo uma igreja próximo de sua casa dedicada a ela, ele frequenta a Paróquia do Desterro.

Eu gosto de ir à igreja todos os domingos, a igreja que está mais a mão, é a Nossa Senhora do Desterro. Mas não quer dizer com isso que eu rezo em nome de Nossa Senhora do Desterro. Primeiro Jesus, segundo, eu gosto muito de Santa Rita de Cássia. Mas é que ela é uma igreja que ela fica perto da minha casa, mas ela fica contramão. Agora, a Nossa Senhora do Desterro é um ponto de referência. Aí, tu me pergunta: por que tu não vai na sua igreja que você gosta? E eu te respondo fácil, pela localização! E, porque a missa lá na minha que eu gosto começa às 11:30, um horário de almoço, aí já fica difícil, muito difícil mesmo “pra” gente frequentar, tem bastante gente, mas fica ruim. As senhoras mesmo, tem que fazer o almoço entendeu, e como vai fazer? Aí, vou na do Desterro, que é grande também e bonita. (Gabriel, 2019).

Para Pedro, a presença da igreja ali, como ponto de relevância no centro bairro, causa uma influência já naturalizada.

Porque é assim, o que eu tenho como lembrança é o seguinte, você tem lá a Igreja do Desterro, muito bonita, tradicional, basicamente no centro de Campo Grande, e você

tinha muita influência dela, que vinha do redor dela. Por exemplo, eu estudava no Rosário, que era um colégio de freiras, que era razoavelmente perto da Igreja do Desterro. E o rival, que era razoavelmente perto também, que era o colégio Belizário (risos). E acho que ainda tinha um outro colégio lá bem tradicional também. Aí, você tinha a igreja no centro, no ponto central, e tinha ao redor dela esses colégios, e aos pouquinhos você via outras coisas se espalhando com cunho religioso. Então, eu não via, eu nunca vi, particularmente alguém chegar e falar assim, vamos ali na igreja. Mas eu vi, chegarem e falarem para a gente: “Os alunos do colégio, você estuda aqui nesse colégio religioso, a gente fala sobre isso, a gente estuda religião, aqui é desse jeito”. E assim a gente saía da escola e meio que se esperava um comportamento nosso, as pessoas da rua. E assim, no entorno a igreja, tinha uma loja, que não tinha nada a ver com a igreja, tipo um açougue, mas ali tinha uma santinha. Em outras lojas, também tinham referências cristãs da igreja, tipo crucifixo, materiais da igreja... Assim não tinha ninguém parado em lugar nenhum falando assim, recrutando ninguém pra conhecer, mas tinha essas coisas, e indiretamente, estava por toda a sua volta... meio que alfabetização religiosa... sei lá... Eu estudava na escola católica, saía da aula, entrava em uma banca que tinha uma imagem, e dava de cara com a igreja no meio do bairro, ia atravessar a estação, via a igreja lá de cima, ia na farmácia tinha crucifixo no caixa, toda hora tinha um sino da igreja tocando. Acho que isso era uma alfabetização religiosa, porque sem querer estava tudo na minha volta. Nada muito forçado, mas é assim mesmo, eu entro em um estabelecimento e o dono tem um calendário com santos, e ele talvez nem que é católico, ou nada, só está ali, e ele segue o dia dele normal e eu também (Pedro, 2019).

Para o entrevistado Pedro, a localidade da paróquia influenciava todos os estabelecimentos, assim como o comportamento das pessoas ao redor. Mesmo imóvel, sua intervenção é notada como um monumento/documento que atribui qualificações ao seu entorno e determina certa conduta de vida. Por outro lado, alguns afirmam que todo o terreno ao redor da igreja pertence a ela, inclusive a pracinha em que a Paróquia se encontra, mas, segundo o pároco, a igreja já vendeu esses terrenos:

Quando teve que fazer essas grandes reformas, então, a igreja não tinha dinheiro, mas ela tinha terra, então ela negociou parte dos terrenos para poder ter verba para manter a recuperação a manutenção do templo. Realmente, parece, quando você olha, que tudo isso aqui é da igreja, toda essa praça, mas não é, a gente ficou agora só reduzido com os terrenos onde estão as edificações e o entorno, mas toda essa parte já pertenceu a igreja, alguma coisa foi doada para prefeitura, escola e outras foram negociadas, vendidas, para se custear as obras e as manutenções, porque essa igreja é enorme... nós temos aqui três grandes edificações, que é a igreja matriz que é um prédio, com ela está anexo salas, tem um museu, e a casa paroquial, onde ficam os padres, no fundo tem um prédio mais antigo que é um centro cultural, centro pastoral, e essa edificação aqui que também tem um auditório, centro de estudos, tem bastante área. Tem gente que acha isso tudo aqui é da igreja, toda a praça, já foi, mas não é mais. Atualmente, dessa área toda, talvez 30% seja ocupada pela igreja, era muito mais até onde estão os Bombeiros, até lá pertenceu a área da igreja matriz. tudo ali era terra, na Cesário de Mello, tem uma foto tirada em 1919, tirada ali de frente ao calçadão, você vê somente a igreja matriz, é a única edificação que tinha aqui, e a rua a estrada de terra, a Amaral Costa e a Cesário de Melo, que era uma rua de terra e você tinha a igreja no meio, e os caminhos, um que vinham de lá que é esse aqui, esse caminho central e esse caminho ali de baixo, que passa exatamente por dentro da escola, uma ruazinha que passava por dentro e chegava aqui nessa porta lateral da igreja, você chegava em Campo Grande lá da estação do trem você já via a igreja. Agora tem muitas construções, um monte de coisas, mas antigamente dava para ver, são apenas 500 metros da estação à igreja. Foi tudo muito bem posicionada, a igreja com a nascente na elevação, a estação (pároco, 2019).

Mesmo com todo aquele espaço não sendo mais pertencente à igreja, há uma memória assentada naquele local. Eu mesma, quando entrei pela primeira vez na praça, achei que todo o terreno (como mostra a figura 15) fazia parte da igreja e meu comportamento imediatamente mudou, como mencionado previamente. Então, sua permanência e continuidade, seu “poder simbólico”, como cita o entrevistado Ronaldo, gera mudanças na vida e no cotidiano dos moradores e transeuntes ali no centro de Campo Grande:

Por ser a matriz de Campo Grande, a possível originária, que deu origem, praticamente, ao bairro, ainda hoje, mesmo tendo outras religiões, é claro, o respeito que ela tem, que as pessoas têm a ela é muito grande, por ser um ícone né, ícone histórico do bairro. Até “pra” quem não era do bairro e chega, já se identifica, né, até pela localização geográfica dela, fica bem no centro nervoso do bairro, então ela tem esse poder simbólico, né, essa questão simbólica e também essa relação direta com a população de Campo Grande (Ronaldo, 2021).

Abordando essa questão da centralidade da paróquia e sua função ali, encerro com as reflexões de Ricardo sobre a Paróquia e seu entorno:

Algo bastante marcante no meu cotidiano é ir à igreja nossa Senhora do Desterro, para rezar e ver o movimento daquela praça. Às vezes com estudantes, às vezes com moradores em situação de rua. Então, aquela praça é uma síntese, tanto do país como do bairro em si. Porque, afinal de contas, a praça tem os estudantes e moradores em situação de rua, têm religiosos, que vão ali acender suas velas e vão fazer suas preces e agradecimentos. A praça está inserida bem no centro do bairro, à noite é um ponto de prostituição. Então aquela praça é movimento e abandonada ao mesmo tempo. Ela é promessa de vida e falência social. Então me chama bastante a atenção, sem contar o próprio prédio da igreja que é um prédio bonito, bastante. O espaço da igreja soa bastante acolhedor, ali se realizam atividades importantes, “né”! (Ricardo, 2021).

Essa visão apresentada do espaço realmente soa ambígua. No centro de toda essa diversidade, a Paróquia permanece imutável e estável no tempo, sendo um suporte que atrai e ancora memórias, histórias e o cotidiano de Campo Grande, exercendo, assim, influência na produção de memórias.

3.1 Pastorais

“Ação pastoral da Igreja no Brasil ou simplesmente pastoral, é a ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades, pelas quais a Igreja realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo, junto a diferentes grupos e realidades”⁴⁵.

Essa é uma definição encontrada no *site* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em outras palavras, as pastorais são ações da Igreja Católica para dar seguimento a

⁴⁵ Trecho retirado do *site* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, descrevendo o que são pastorais. Disponível em: <https://www.cnb.org.br/pastorais/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

sua visão e missão no mundo, atuando em diferentes realidades e se adequando às sociedades em que a igreja está inserida, ou pretende se inserir. Segundo o *site*, existem 22 pastorais:

- a) Pastoral Afro-Brasileira;
- b) Pastoral da Aids;
- c) Pastoral de Brasileiros no Exterior;
- d) Pastoral Carcerária;
- e) Serviço Pastoral do Migrante;
- f) Pastoral da Comunicação;
- g) Pastoral da Criança;
- h) Pastoral da Família;
- i) Pastoral do Menor;
- j) Setor Pastoral da Mobilidade Humana;
- k) Pastoral da Mulher Marginalizada;
- l) Pastoral dos Nômades;
- m) Pastoral Operária Nacional;
- n) Pastoral dos Pescadores;
- o) Pastoral da Pessoa Idosa;
- p) Pastoral do Povo Rural;
- q) Pastoral do Refugiados;
- r) Pastoral Rodoviária;
- s) Pastoral da Saúde;
- t) Pastoral da Sobriedade;
- u) Pastoral do turismo;
- v) Serviço de Animação Vocacional / Pastoral Vocacional.

Cada pastoral mencionada tem um bispo referencial, uma coordenação nacional e versículos bíblicos específicos que a amparam, assim como um *site* próprio, com sua visão e missão. Já em outro portal, CNBB⁴⁶, outras Pastorais são apresentadas, como: Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral dos Surdos, Pastoral Indígena, Pastoral Juvenil, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, Pastoral Catequética, Pastoral da Educação, Pastoral da juventude, Pastoral da Terra, Pastoral da Liturgia e Canto, Pastoral Universitária, Pastoral vocacional, Novas Comunidades que Atuam com jovens, Movimentos que Atuam com Jovens, Congregações que Atuam com Jovens, Juventude Missionária e Pastoral do Dízimo.

Percebi que, para ser uma pastoral, não necessariamente necessita levar o nome “Pastoral” na frente, basta cumprir a função de uma. Cada uma delas possui uma página no site

⁴⁶ Disponível em: <https://cnbbs2.org.br/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

da CNBB. Algumas pastorais, como a Afro-Brasileira⁴⁷, a Pastoral da família⁴⁸, a Pastoral da Terra⁴⁹ e a Pastoral da pessoa idosa⁵⁰, mantêm site próprio.

Realizando mais buscas no ambiente virtual, encontrei no *site* de enciclopédia livre Wikipédia uma listagem de 44 pastorais, cinco a mais das apresentadas anteriormente. São elas: Pastoral da Cultura, Pastoral da juventude Rural, Pastoral dos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão, Pastoral da Juventude do Meio Popular e Pastoral da Sacristia. Algumas Pastorais, segundo o *site* da CNBB-Edições, têm seus próprios documentos regulamentadores ou publicações para auxiliar o trabalho dos líderes dessas pastorais:

Figura 18 - Documentos e publicações das Pastorais



Fonte: <https://www.edicoescnbb.com.br/busca?busca=pastorais>. Acesso em: 15 jun. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://pastoralafrobrasileira.com.br/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

⁴⁸ Disponível em: <http://site.cnpf.org.br/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

⁵⁰ Disponível em: <http://pastoraldapessoaidosa.org.br/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

Entendo que cada igreja apresenta uma realidade diferente, mediante o local em que está inserida, seus frequentadores e outros fatores. Então, cada igreja mantém as pastorais que lhe são mais cabíveis. Os dados sobre as Pastorais abaixo foram retirados do próprio site da igreja⁵¹, com suas respectivas descrições. Na Paróquia Nossa Senhora do Desterro, se encontram as seguintes Pastorais ativas:

- a) **Pastoral do Batismo:** a Pastoral do Batismo é formada por cristãos católicos leigos, em apoio aos trabalhos do Vigário da Paróquia. Objetiva informar, instruir e conscientizar os pais e padrinhos para este ato sacramental, visando a condução gradativa dos batizados às atividades cristãs católicas e nas celebrações da igreja.
- b) **Pastoral da 3ª idade:** a Pastoral da Pessoa Idosa é um Organismo de Ação Social da CNBB, de atuação nacional, que tem seu trabalho baseado na solidariedade e na partilha do saber. Tem por objetivo assegurar a dignidade e a valorização integral das pessoas idosas, através da promoção humana e espiritual, respeitando seus direitos, num processo educativo de formação continuada destas, de suas famílias e de suas comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político, para que as famílias e as comunidades possam conviver respeitosamente com as pessoas idosas, protagonistas de sua autorrealização.
- c) **Pastoral Familiar:** a Pastoral Familiar tem como missão ser misericordiosa, acolhedora, integrada, defensora da vida e dos valores cristãos, valorizadora do sacramento do matrimônio e formadora de igrejas domésticas e comunidades de amor. Destina-se a todos os tipos de pessoas e famílias para ajudá-las e servi-las – famílias bem constituídas, desestruturadas, futuras famílias, famílias em situação de miséria, distanciadas da vida da igreja, discriminadas, de migrantes, mães e pais solteiros, pessoas sem família, divorciadas, viúvos e em toda situação familiar que necessite de ajuda e acolhimento. Para melhor atuação, a Pastoral Familiar divide-se em três setores: pré-matrimonial, pós-matrimonial e casos especiais.
- d) **Iniciação Cristã:** a iniciação cristã completa a formação cristã recebida na família. Acolhe crianças, adolescentes, jovens e adultos. Quando necessário e dentro das condições de cada um, ajuda na preparação aos sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma.

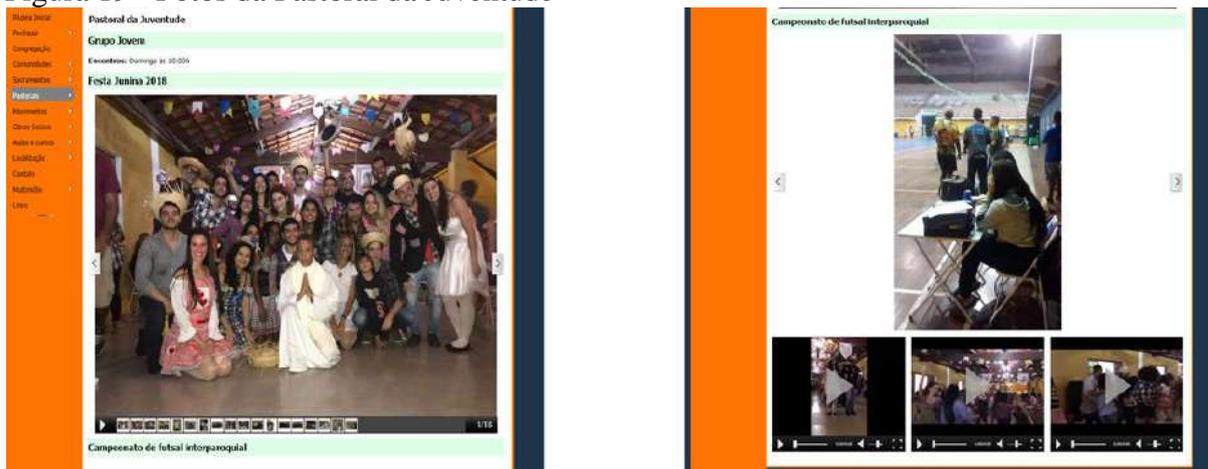
⁵¹ Disponível em: <http://www.paroquiansradodesterro.com.br/pastoral-do-batismo.html>. Acesso em: 23 jun. 2021.

- e) **MESC (Movimento de Expansão Social Católica):** são fiéis leigos cuja missão é facilitar aos celebrantes a distribuição da S. Comunhão em igrejas, capelas, hospitais, aos doentes nas casas e outros lugares, desde que o sacerdote não possa fazer isso.
- f) **Pastoral dos Surdos:** é um movimento de evangelização dos surdos. Conta com o trabalho voluntário de diversas pessoas (surdas e ouvintes). Sua finalidade é a promoção vivencial do surdo em comunidades de fé. A pastoral do surdo está alicerçada na proposta de vida de Jesus Cristo. Os que fazem parte desta Pastoral são testemunhas no meio em que estão inseridos. Evangelizar as pessoas surdas, ajudando-as a superar as dificuldades para que conheçam e vivam a Boa Nova de Jesus em todas as dimensões de suas vidas, formando comunidades e participando da construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.
- g) **Pastoral do Dízimo:** é um serviço realizado na Igreja e tem como papel principal de conscientizar cada participante da comunidade da sua responsabilidade com a sua igreja e com a sua comunidade, levando-a a refletir e organizar as contribuições. Em outras palavras, tornar o cristão responsável comunitariamente.
- h) **Círculo bíblico:** os Círculos Bíblicos nasceram e se desenvolveram da necessidade dos católicos de diversas paróquias, aprofundarem a palavra de Deus, meditando-a em pequenos grupos. Os Círculos não têm compromisso com o estudo bíblico, e nem foram criados com esta finalidade. Qualquer atividade que leve ao estudo bíblico é recomendada e mesmo incentivada por toda a igreja, porém, no caso dos Círculos Bíblicos, sua finalidade volta-se para a reflexão de temas da vida atual, colocados sob a forma de agir na visão de Jesus. Assim, ficou mais fácil ligar a vida atual de cada participante dos Círculos aos ensinamentos bíblicos. Levando-se em consideração que cada participante de um grupo de Círculo Bíblico conhece bem sua própria vida, sua maneira de agir nas diferentes situações que se apresentam em seu dia a dia, torna possível que qualquer pessoa possa participar de um Círculo, ou mesmo coordená-lo, sem ter um grande conhecimento bíblico, grau de instrução, ou classe social. Basta conhecer a Jesus e seu maior ensinamento, o “amor ao Pai e ao próximo”. Os temas semanais apresentados pelos Círculos Bíblicos levam a uma reflexão simples do Evangelho, relacionados aos fatos e atitudes do homem em relação a sua comunidade, a sua família e principalmente ao seu próprio relacionamento pessoal para com Deus hoje. Em resumo a finalidade dos Círculos Bíblicos é fazer com que cada participante reflita sobre as verdades da Bíblia, sempre atual, aplicada na sua vida e nos fatos de hoje.

- i) **Pastoral da Juventude:** ----
- j) **Pastoral Vocacional:** ----

A Pastoral da Juventude, que aparece sem uma descrição, apresenta apenas imagens dos jovens em atividades esportivas e festas, como exemplificado abaixo:

Figura 19 - Fotos da Pastoral da Juventude



Fonte: <https://www.paroquiassradodesterro.com.br/>. Acesso em: 21 jun. 2021

Sobre a Pastoral Vocacional, consta apenas a informação para procurar o pároco, em caso de interesse. Cada pastoral relacionada segue a mesma perspectiva socializadora, agregando, informando e educando seus frequentadores. Tomadas também como experiências educacionais, constituem comportamentos que educam não apenas a mente, mas o corpo e a alma. Como aponta Gabriele dos Anjos, em seu texto *Maternidade, cuidados do corpo e "civilização" na pastoral da criança*:

A ação da Pastoral da Criança permite refletir sobre como são renovadas as formas de difusão e reprodução das ideologias católicas sobre a condição feminina. A oferta identitária dessa Pastoral é fundada no investimento como cuidado e educação do corpo das atendidas, que tem por objetivo que estas se definam como mães e parte de uma família ou como voltadas às atividades “femininas” de cuidado e educação. A apropriação da medicina e as causas da “saúde” e da “vida” tornam essa atuação plenamente legítima, primeiro entre as populações sem acesso a recursos materiais ou escolares ligados ao bem-estar físico; e, de forma mais geral, perante a “sociedade”. É esta legitimidade que repõe e dá força à Igreja Católica no espaço da concorrência pela definição de condição feminina, principalmente em sua oposição e confrontos ideológicos com o feminismo (ANJOS, 2007, p. 40).

Pela ação da Pastoral da Criança, podemos entender como se dá a atuação de uma Pastoral e seu objetivo educacional ligado a cada movimento ou segmento. Aqui, a citação mostra a perspectiva voltada para a mulher, mãe e família, dentro desse bojo, qual ideologia ou modelo se deve seguir. Não é inócuo que haja inúmeras Pastorais de diferentes segmentos e

sujeitos. É uma clara tentativa de abordar o maior número possível de realidades e indivíduos, em que, dentro daquele contexto, pode-se apresentar um viés a ser seguido.

Tendo como função primordial a evangelização e propagação de uma ideologia, as Pastorais, muitas vezes, ocupam espaços que o Estado deveria preencher, abordando assuntos de saúde pública, em uma perspectiva religiosa. Como aponta Seffner e Silva (2008, p. 8):

Seguindo o modelo das demais Pastorais da Igreja Católica, a Pastoral de DST/Aids define então sua missão: “em comunhão com a igreja, evangelizar homens e mulheres. Atenta às necessidades das pessoas que vivem com HIV, trabalhar na prevenção e contribuir com a sociedade na contenção da epidemia, envolvendo todos os cristãos na luta contra a Aids” Num segundo nível, define-se como um serviço, e faz referência ao seu compromisso, assim expresso: “serviço de prevenção ao HIV e assistência aos soropositivos: a igreja assume este serviço e, sem preconceitos, acolhe, acompanha e defende os direitos daqueles e daquelas que foram infectados pela Aids. Faz também o trabalho de prevenção, pela conscientização dos valores evangélicos, sendo presença misericordiosa e promovendo a vida como bem maior.” - Diretrizes Gerais da CNBB 2003–2006, n. 123.

A ideia de “assumir” um serviço demonstra uma intenção clara de se colocar em uma posição de gestão. Sua visão diante da questão da luta contra o HIV é de gerenciamento, monitoramento e contenção. Mais uma vez, as ações pastorais abraçam questões de domínio público, administrando de forma privada e pautada em valores e ideias de um grupo confessional. Suas ações são pensadas para solucionar problemas de cunho social e agregar grupos, para conceder uma formação integral, com cunho evangelizador. Como no caso da Pastoral da Juventude:

O jovem foge da solidão. Por isso construir-se como pessoa e participar na edificação dos outros devem ser desafios da PJ, através da comunicação e do intercâmbio, a partir do grupo de jovens. Ela vai ao encontro dos jovens, encarnando-se na realidade concreta da juventude, valorizando suas experiências, testemunhando e anunciando a Boa Notícia de Jesus Cristo. Ser presença e promover a vida, a dignidade, a solidariedade e a esperança frente às mais diferentes situações de marginalização e exclusão social. Segundo os documentos da pastoral, a pedagogia da PJ é a ferramenta que viabiliza o processo de evangelização junto aos jovens. Para seus integrantes, não é apenas os métodos e conteúdos. É, antes de tudo, uma forma de ser, de viver, de manifestar-se e de comunicar-se (SILVA, 2017, p. 31).

Estudar um seguimento, conhecê-lo e inserir-se nele é um artifício que a Igreja utiliza para perpetuar-se. Entender as demandas de um grupo e criar uma ação voltada para o mesmo, é o que personaliza o movimento, procurando identidade e pertencimento. Como apontado previamente por Silva (2017), a Igreja percebe que o jovem não gosta de ficar só, ele procura grupos e pares para socializar e, nessa procura, ele acha um grupo para se filiar. Podemos observar essa mesma metodologia no *site* da Paróquia Nossa Senhora do Desterro, como mostrado na descrição da Pastoral da Juventude, em que apenas encontramos fotos de jovens juntos festejando e jogando bola. O apelo visual que apresenta os jovens em momentos de

divertimento juntos é fruto dessa técnica, dessa promoção pensada e estudada previamente para gerar o sentimento de união e atração.

3.2 Práticas educativas e experiências sociais

“[...] me parece que para uma parte da população, que entende a igreja como uma instituição religiosa e como um polo cultural e um polo social, me parece que a igreja nossa senhora do desterro desempenha um papel, como se fosse um ponto de encontro e um ponto de realização”

(Trecho da entrevista de Ricardo, 2021).

A Paróquia, sendo matriz do bairro de Campo Grande, se apresenta como uma “mãe” do lugar, como a entidade que cuida e acolhe, que tem a responsabilidade de conduzir. Os entrevistados que eram membros da igreja, assim como o pároco chefe, se referiam à Paróquia e ao seu trabalho como a um abraço a quem precisa.

A perspectiva cuidadora e voltada à maternidade se estendeu a mim em meu encontro com o pároco, que me explicou como funcionava a Igreja Católica como instituição, me recebeu e mostrou como a Igreja se interessa em ajudar, acolher, ensinar, cuidar, e “abraçar os menos favorecidos”, naquele caso, eu, pois, segundo ele, eu era desfavorecida de informações sobre a história da igreja. O pároco maternalmente me instruiu sobre os assuntos da igreja contando sua história e como a paróquia abraça vários projetos e questões sociais.

A educação também é muito prezada, pois a Igreja, como instituição, sempre apresentou uma preocupação com educação e em sua história, continuamente, esteve ligada a assuntos educacionais, como afirma o Pároco chefe:

Pensar em educação e não pensar na Igreja Católica não tem como. Estamos envolvidos desde os primórdios do país... Quando os padres chegavam em uma comunidade, principalmente nas comunidades rurais, umas das primeiras preocupações era a educação, tem escola? Essas crianças estudam? E se não tem, a igreja logo começa a se agilizar para que se tenha, por que isso é educação. E espero que nosso governo entenda e nosso ministro da educação, que educação é a chave para o desenvolvimento de uma nação né. Economizar em educação não dá, é investir, é algo que você não tem como poupar, o futuro está aí, não tem como ter corte, é algo que não se negocia. Porque é na educação que você vai dar condições para a pessoa se desenvolver, então a igreja sempre teve essa preocupação, tanto a formação daqueles que estão na área da educação como a própria educação. E hoje você vê, em vários lugares do Brasil, o que você vê? É a igreja que mantém a escola. É isso que liberta as pessoas, esse é um dos objetivos da igreja, essa participação, essa promoção da educação. E é isso que essa paróquia vem fazendo nesses mais de

250 anos, ela tem contribuído bastante com essa questão de educação e crescimento. Hoje a gente não precisa mais fazer tanto isso, porque antes era um trabalho de suplência, se o Estado não chegava, a gente chegava, hoje não precisa, hoje fazemos um trabalho de parceria, quando é possível estabelecer parceria a gente estabelece. Como esse curso de libras, eles estavam precisando de uma sala, a escola que reformou veio “pra” cá, então a gente continua fazendo essas parcerias que ajudam a continuar a participação da igreja no processo de educação. A igreja sempre está presente ou tentando na educação do bairro. Claro que a gente tem uma intenção né, de oferecer educação de qualidade e uma educação que obedeça a critérios éticos, morais, com certeza há uma intenção, mas nós não temos mais o potencial educativo no país como já tivemos antes, mas continuamos com uma grande participação na educação (Pároco, 2019).

Como o entrevistado comenta, a Igreja Católica apresenta um vasto histórico em educação no Brasil, preenchendo lacunas que o Estado deveria completar, admitindo sua preocupação e intencionalidade em abraçar para si essa questão. Contudo, essa educação não se configura apenas acadêmica, ou escolar, mas sim, mais abrangente e diversa, se utilizando de várias formas e veículos usados de modo pedagógico para propagar sua ideologia e assim educar (PAULA; ORLANDO, 2019).

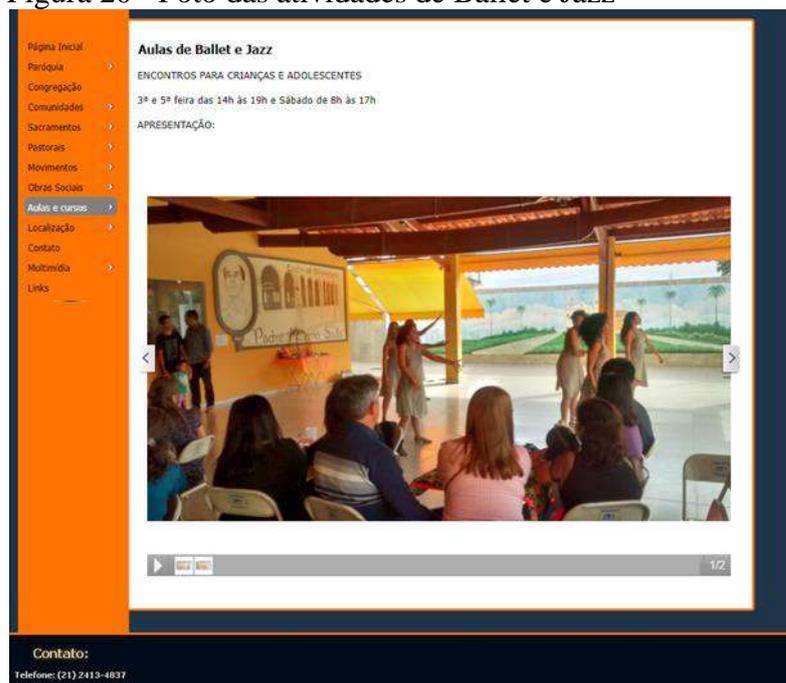
Se dedicando a ancorar em si a memória do bairro, compreendendo e resolvendo seus problemas, a igreja investe em projetos cedendo os espaços e visibilidade. Todas as atividades seguem o princípio do voluntariado⁵², doutrina que incentiva e regulamenta as ações sociais dentro da Instituição Católica. Todas as atividades são abertas e gratuitas a comunidade, como:

- a) Aulas de Ballet e Jazz;
- b) Aulas de Capoeira;
- c) Pré-vestibular comunitário;
- d) Pré-técnico;
- e) Curso livre de Música: canto, teclado, violão, guitarra;
- f) Curso de Teatro;
- g) Curso Mater Ecclesiae.

Todos esses cursos estão listados no *site* da paróquia e no panfleto disponível na entrada. Na plataforma virtual, nas abas de cada atividade oferecida, estão descritos os horários disponíveis. Apenas nas atividades de aulas de Ballet e Jazz, é mencionado para quem são direcionadas, além de uma foto da atividade:

⁵² Disponível em: <https://olharintegral.com/voluntariado-e-terceiro-setor/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

Figura 20 - Foto das atividades de Ballet e Jazz



Fonte: <https://www.paroquiansradodesterro.com.br/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Figura 21 - Panfleto da igreja digitalizado

<p>PASTORAIS</p> <p>01) Pastoral do Batismo Informações: Na secretaria paroquial ou no site</p> <p>02) Pastoral da 3ª Idade Encontros: Toda 6ª feira às 15:00h</p> <p>03) Pastoral Familiar Encontros: 1ª e 3ª terça-feira de cada mês às 20:00h na Paróquia e 2ª e 4ª terça-feira do mês nas casas</p> <p>04) Catequese de Adultos Encontros: 3ª feira às 19h (catequista Tânia) ou domingo às 09:00h (catequista Alexandre)</p> <p>05) Catequese Infantil e Pré-Jovem: Encontros e matrículas: Aos sábados às 08:30h com Juliana</p> <p>06) Crisma jovem (15 anos completos a 23 anos): Encontros: Aos domingos às 10h</p> <p>07) Grupo jovem: Aos domingos às 10h</p> <p>08) MESC: Informações na secretaria</p> <p>09) Círculo Bíblico Todo 3º sábado de cada mês das 09h às 10h</p> <p>10) Pastoral Vocacional Informações com o Pároco</p> <p>10) Pastoral dos Surdos: Domingo às 09:00h</p>	<p>AULAS E CURSOS PARA A COMUNIDADE</p> <p>1) Aulas de Ballet e Jazz para crianças e adolescentes: 3ª e 5ª feira: 14:00h às 19:00h e Sábado: 08h às 17:00h</p> <p>2) Aulas de Capoeira: 3ª e 5ª feira às 19:00h e sábado às 11:30h</p> <p>3) Pré-Vestibular comunitário: Aulas: 3ª a 6ª feira: 18h às 21:15h e Sábado 08:00h às 18:00h E-mail: gabinete@direcao geral@razao1.org Site: www.razao1.org</p> <p>4) Pré-Técnico: Aulas: Sábado: 08:00h às 18:00h</p> <p>5) Curso livre de Música: Canto, teclado, violão, guitarra... Informações: 4ª feira às 18h e sábado às 09:00h OU pelo site www.cursodemusica.com.br email: cursodemusica@gmail.com (Tels.: 987592552 / 33490590)</p> <p>6) Curso de Teatro: Sábado às 15h</p> <p>7) Curso Mater Ecclaise: (Resp: Vitor) Sábados 08:30h às 12:30h</p> <p>ATENÇÃO: (Informações dos cursos com os professores)</p>	<p>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO DESTERRO Rua Amaral Costa, 141 (Praça Dom João Esberard, s/nº) Cpo. Grande-RJ Tels: (021) 2413-4837 Email: paroquiansradodesterro@uol.com.br Página: www.paroquiansradodesterro.com.br</p>
<p>MOVIMENTOS DA PARÓQUIA</p> <p>1) Apostolado da Oração (<i>Missa de Apontados</i>): 1ª sexta-feira de cada mês às 07:00h - Logo após, Adoração ao Santíssimo. Encontros: 2ª sexta-feira de cada mês após a missa</p> <p>2) R.C.C. (Renovação Carismática Católica) Encontros: 4ª feira às 14:30h e 5ª feira às 17:00h. E toda 6ª feira às 15h "Oração do Rosário" na Capela do Santíssimo</p> <p>3) Leção de Maria: Encontros: 3ª feira às 08:30h</p> <p>4) Terço dos Ítemos: Todas às terças-feiras às 20h</p>	<p>SOCIAL</p> <p>1) Auriculoterapia: 3ª feira: 16h às 19:00h com Rose</p> <p>GRUPOS DE AJUDA MÚTUA DA PARÓQUIA</p> <p>1) Nar-Anon (Orientação a familiares e amigos de dependentes de drogas) Encontros: 5ª feira às 18:30h às 21h</p> <p>2) Neuróticos Anônimos Encontros: 3ª e 5ª às 19h</p> <p>3) Amas Exigentes Encontros: 3ª feira às 19:00h</p> <p>4) Vigilantes do Peso: Encontros: 5ª feira às 14:00h</p> <p>5) MADA: Encontros: 4ª feira às 19h</p>	<p>HORÁRIO DE MISSAS Segunda-feira: 07h Terça-feira: 07h e 19h Quarta-feira: 07h e 12h (Missa com bênção para os enfermos) Quinta-feira: 07h e 19h Sexta-feira: Às 07h com Adoração ao Santíssimo e às 12h Sábado: 08h * 1º sábado de cada mês após a missa das 08h, <i>Ofício da Imaculada Conceição</i> Domingo: 07h; 09h; 11h e 18h</p> <p>EXPEDIENTE PAROQUIAL 3ª a 6ª feira: 08h às 18h (fechado das 13h às 14:30h) e Sábado: 08h às 12h</p> <p>CONFISSÕES Quartas e Sextas-feiras: 16h às 18h (CHEGAR ATÉ ÀS 17H)</p> <p>SACERDOTES Pe. Paulo Roberto — Pároco Pe. Rafael Azanza Pe. Alexandre de Campos</p> <p>SEJA DIZIMISTA NA SUA COMUNIDADE! Partilhar não é dar o que sobra. Partilhar é dar o que o outro precisa!</p> <p>INSCRIÇÕES NO ESPAÇO RELIGIOSO OU NAS MISSAS DE DOMINGO</p>

Fonte: A autora, 2019.

O único curso que não está listado no *site*, nem no panfleto, talvez por uma questão de atualização do programa, mas que é mencionado nas entrevistas por fiéis e moradores, é o curso de Libras. Como os líderes da pastoral apresentaram, esse curso é um importante espaço de socialização, pois os surdos vão à paróquia para terem com quem conversar:

Tem um grupo que ensina libras para a comunidade. E toda missa o padre colocou um intérprete de libras e os surdos de todos os lugares vem para Desterro. Mesmo os que não são católicos, porque é um lugar onde podem ter com quem conversar. E acabam assistindo à missa... (Gustavo e Leila, 2021).

Além dessas atividades listadas, ainda podemos apresentar todas as festas e eventos festivos que a Paróquia oferece ao bairro, criando um ambiente agradável e propício a encontros e manutenção de uma memória coletiva. Muitos entrevistados, que não tinham nenhuma relação um com o outro, já se encontraram em “festas da Desterro”, como chamam, uma vez que essas confraternizações se configuram como algo muito atrativo e social:

Eu não frequento, ia mais mesmo as feiras, festas e tal. E eu ia mais mesmo, devido a minha tia-avó, ela estava sempre me chamando para ir e me levando nas festas e também na época que minha avó era católica também (Pedro, 2019).

O fragmento da entrevista de Lucas também expõe a questão das confraternizações:

Então, esse padre tem feito um trabalho muito legal lá, tem festas, de colônias de imigrantes, festa árabe, italiana, então eu acho importante como fator de atração cultural para o bairro e sociabilidade também, das pessoas se encontrarem, e também trabalhos sociais são muito importantes e fazer festas. Eu acho muito importante esse trabalho para manter a socialização no bairro, as pessoas se encontrarem, a igreja tem esse fator, independente de você ser católico, mas as festas são para todos [...] esses eventos culturais, a feira literária, esses projetos de música, e eu conheço pessoas que trabalham com esse negócio do meio ambiente, também lá tem muitos cursos, eles disponibilizam salas para cursos. Na Igreja da minha rua, também tem isso, ajuda a comunidade, quem vê a igreja, não só como local de culto. São vários projetos, e festas, as festas, então, vejo também como um projeto. Pois, a festa de Santa Rita, a igreja na minha rua, eles trouxeram a velha guarda da Portela, e encheu muito e nem é todo mundo católico ali, e foi um domingo que teve show o dia inteiro. E a do Desterro Também tem festas muito boas, e que integra a comunidade. E tem uma moça lá na Igreja do desterro, que faz exposições artísticas e feiras, e já me chamou para vender meus livros lá, e quando tem essas programações o pessoal da CEDAE que é ali perto, traz mudas de plantas para doar. Essas plantas, são plantadas por presidiários, é um trabalho bem legal. E a festa dos Imigrantes como te falei, da colônia que tem aqui dos Árabes e dos italianos, tem todo ano. Eu lembro mesmo da festa árabe, que é a maior e mais legal. E assim, a igreja do Desterro é muito grande, lá atrás tem muito espaço e o padre lá, ele utiliza tudo. Todas as salas e espaços. Ele faz uns projetos legais para a comunidade, tipo libras, ou curso de desenho. E nessas festas também, sempre tem uma oficina ou uma coisa legal acontecendo nesses espaços, ele usa muito bem a igreja. Aí quando tem feira lá, o pessoal sai da missa e vai direto “pra” feira, e como a missa lá lota então sempre tem muitas pessoas na feira. A própria Fricamp mesmo, muita gente já estava lá na missa, saiu de lá e foi direto para a feira. A missa lá é muito cheia, muito mesmo (Lucas, 2019).

Elas evocam memórias. Uma das festas mais tradicionais e famosas da Paróquia era a Festas do Libaneses, citada por alguns entrevistados. Era uma festa tradicional que relembrava a migração dos libaneses para Campo Grande (lembrando que grande parte do comércio de Campo Grande é hoje controlado pelos libaneses e seus descendentes). Eles têm uma história

importante no bairro de Campo Grande⁵³, além de serem famílias antigas e tradicionais do bairro, como conta a senhora Lourdes, filha de libaneses:

Minha mãe é filha de libaneses, sempre foi daqui, filha de libaneses nasceu aqui, meu pai que veio de fora que não nasceu aqui, que é libanês mesmo. E veio para cá em 1920, rodou, rodou quatro anos e se casou com a minha mãe em 1924. Porque o que acontece, ele “tava” lá no Líbano, aí um irmão dele resolveu vir para o Brasil sozinho, sem conhecer nada, sem falar português, sem saber de nada. Entrou em um navio, veio, aí, o pessoal lá no Líbano achava que aqui era igual lá. Porque o Líbano, meu pai dizia que era pequenininho. O Líbano inteiro cabe dentro do Rio de Janeiro, meu tio achava todo mundo se conhecia aqui no Rio, que nem todo mundo se conhecia lá, ele imaginava que o Brasil inteiro era do tamanho do Líbano que podia ficar tudo dentro do Rio de Janeiro. Não sabia que o Brasil era tudo isso de grande, então ele e minha tia pegaram o navio e vieram para cá também para encontrar com meu pai. Porque ele achou que todo mundo se conheceria quando ele chegasse aqui, e ele encontraria o irmão dele. (Risos) eles pegaram navio lá do Líbano na última classe, viajar um mês comendo sei lá o quê, assim que chegaram aqui, viram o Brasil, e nesse mundo eles ficaram perdidos sem saber o que fazer, sem falar uma palavra de português. Rodaram essa mata toda aqui, e nada de achar meu pai., Aí eles rodando o mato aqui procurando o irmão, não sabendo falar nada, aí, minha tia falou que “tava” com fome, e eles viram um pé de goiaba, só que ele não sabia o que era, não tinha goiaba no Líbano. Ele não sabia se podia comer, se era venenoso ou não, aí ele falou pra esperar, pois se um passarinho viesse e pousasse e comesse, então podemos comer... Aí, ficaram esperando e os passarinhos vieram e comeram, então eles comeram muito, tomaram café, almoçaram e jantaram goiaba. Aí você imagina como é que ficou o intestino deles né (risos). Aí, daqui a pouco deu sede, ele não sabia onde beber água, aí eles viram casebre de madeira lá no meio da mata, aí minha tia estava com muita sede e disse vamos pedir água lá. Eles bateram na porta e uma moça abriu, aí pediram em árabe: por favor um pouco de água, mas a mulher não falava árabe e nem eles portugueses... (risos) eles disseram em árabe: “yrja rama alqlyl min alma” e a mulher achou que estava sendo xingada e bateu a porta na cara deles (risos). E eles passaram fome sabe, passaram fome mesmo. Mas, graças a Deus, se estabeleceram e acharam o meu pai. Nunca me disseram como eles acharam, mas acharam. E conseguiram se estabelecer, e tiveram um filho, minha tia teve até vários filhos médicos, e assim, o rapaz que virou médico já morreu, o outro também (Lourdes, 2020).

O empenho que a Paróquia emprega nas festas tradicionais libanesas demonstra seu cuidado em valorizar pessoas e histórias como essa da senhora Lourdes, vinda de uma família muito importante no bairro e na igreja, como mostrado na reportagem feita sobre ela e suas irmãs. Essa dedicação se configura como mais um esforço em manter a memória centralizada em si, por meio de eventos sociais que atraem e rememoram a presença dos Libaneses no bairro de Campo Grande.

A temática da festa configurou uma questão de reflexão, pois o fenômeno festa também pode ser concebido como objeto de manutenção social, segundo Claval (2014, p. 9):

Explosão de espontaneidade, parêntese de liberdade, momento de realização dos sonhos e do impossível, a festa aparece como todo isso; mas ela só aparece como tal

⁵³ Para entender melhor sobre o assunto, recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado em Memória Social de Júlio César Bittencourt Francisco, intitulada *Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: memória coletiva e escolhas individuais*, de 2005.

porque ela foi preparada – muitas vezes longamente –, porque ela unicamente quebra com as regras da vida quotidiana para inscreve-se em outras, tão convencionais: ela faz parte da vida social mais que a subverte. Fenômeno complexo, a festa convida para leituras diversas. Mikhail Bakhtin via na sua dimensão rabelesiana a mais autêntica expressão do gênio popular. A psicanálise crê entender nela a verdade dos indivíduos, porque a repressão desaparece por ocasião das transgressões coletivas. Os analistas da vida política leem nela os jogos do poder: a festa não poderia servir para exaltar os poderosos, para consolidar os regimes? Ela não permite adormecer o povo? Velha história: panem et circenses!

Por seu caráter radiante, tende-se a conceber a festa como um evento transitório, desregrado, cujo propósito é gerar uma excitação coletiva, ou simplesmente agregar pessoas. Porém, observando a festa como um fenômeno social, entende-se que ela pode representar muitas formas.

Essa ruptura do cotidiano que a festa proporciona com todos os ritos e uma atmosfera de novidade, embala seus frequentadores em uma manifestação de fé coletiva (OLIVEIRA, 2007), pois toda festa é uma manifestação de fé. Na verdade, ato de festejar na antiguidade era relacionado as divindades, ao encontro dos humanos com os deuses, ou a veneração destes. (CLAVAL, 2014).

As festas populares em seu cerne, também trazem as propriedades das festas religiosas; a natureza ritualística de ambas as tornam semelhantes:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. [...] Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem a excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras originalmente mais respeitadas (DURKHEIM, 1968, p. 542-544 apud AMARAL, 1998, p. 14).

Concebendo as festas também como manifestações religiosas, sua função socializadora adiciona um caráter a mais a esse evento. Como já mencionado anteriormente neste trabalho, a função socializadora da paróquia é percebida e bem recebida pelo bairro, que relaciona as festas da igreja como eventos do bairro e eventos pessoais, como aponta o entrevistado Ricardo, quando comenta:

Eu passei a frequentar a Igreja Nossa Senhora do Desterro por interesse de frequentar aquela igreja que eu achava tão bonita por seus afrescos e suas pinturas nos tetos, e sua arquitetura. Eu passei a frequentá-la, eu rezava sempre que me sentia aflito para nossa senhora do desterro, que é do dia 17 de fevereiro, eu também faça aniversário em fevereiro. Então eu gostava dessa coincidência, de fazer aniversário junto com a festa da Desterro. Então, foi esse o meu processo de conversão. Eu não frequento mais as missas como eu frequentava, bem esporadicamente eu vou para rezar e ouvir a liturgia de algum padre de que eu tenha afinidade ideológica, política, como o padre atual. Mas eu gosto de ir às festividades ver os amigos, eu gosto muito de acompanhar

e fazer parte das atividades de base da Igreja Católica. Mas não me considero mais um católico não (Ricardo, 2021).

Essa conexão estabelecida pelo entrevistado, entre seu aniversário e o dia da N. S. do Desterro, aponta como a realização dessa festividade não está apenas interligada com o bairro, mas também com ele como indivíduo. Ele afirma que já não frequenta a igreja como antes e não se considera um católico, mas vai à igreja nas festas para socializar com os amigos.

Então função socializadora, nesse caso, já está sendo exercida com sucesso. Por meio da Festa da Igreja, ele mantém uma relação pessoal e social, e, mesmo não frequentando mais na proporção que antes, a igreja ainda consegue agregar todos sob sua “marquise simbólica”, como afirma GOMES (2012, p. 66): “Agregar todos sob a mesma marquise simbólica, sempre foi o desafio da igreja e de quaisquer outras instâncias sociais que tenham planos de ‘evangelizadores’ (família, escola, estado, dentre outros)”.

Essa marquise simbólica representa seu espaço, seu terreno e todo significado potente que tem a realização das festas em seu território. Se as festas são um elemento básico para se compreender uma sociedade, ou mesmo se produzir e reproduzir padrões culturais (FERRETTI, 2007), os locais onde são realizadas apresentam grande valia no processo de identidade social. Então, entendemos que a localidade da paróquia, juntamente com suas atividades religiosas socializadoras, como as pastorais, suas atividades educativas e experiências contribuem para a manutenção de uma memória local.

O sentido de permanência e constância, vinda da localização da paróquia, ligado aos eventos religiosos, ecumênicos, educacionais e públicos, podem criar no imaginário dos moradores uma sensação de familiaridade, conforto, segurança e até uma marcação de tempo cronológico em suas vidas.

Cria-se também um comportamento esperado, tal como afirmou o entrevistado Pedro, visto que ele estudava em um colégio católico próximo à igreja. Se conjecturava uma conduta comportamental, pois, para a escola e população, era esperado um padrão. Ali era uma região onde se tinha um exemplo a ser seguido, uma vez que se tinha um monumento religioso de grande proporção no meio do bairro, além de escolas tradicionais e católicas ali. Ele, na posição de aluno de uma escola de freiras, precisava manter o padrão civilizatório empregado na região, herdado de uma perspectiva eurocêntrica de civilização (BITTENCOURT; LEONARDI, 2019). Esse conceito de civilização importado ainda permeia o imaginário dos moradores da área, assim como o conceito de templo religioso, pois, para alguns entrevistados, como Lucas, para ser igreja, é necessário ter aparência de igreja. E que conceito de se parecer com uma igreja é empregado? Qual imagem mental vem a cabeça quando se pensa em uma igreja? Lucas define

como deve se conceber uma igreja ao comentar sobre a predominância de pentecostais em Campo Grande:

Eu acho que o que predomina aqui são os pentecostais, porque para abrir uma igreja pentecostal, não se precisa de uma infraestrutura, em qualquer galpão pode-se abrir. Agora a católica não, eles precisam de toda aquela obra de igreja que leva anos (Lucas, 2019).

A “obra de Igreja” seria a estrutura monumental importada de templo religioso. Uma visão colonizadora, que passa despercebida, mas se faz presente nas falas e atitudes de alguns moradores. A paróquia, considerada como um momento, uma “igreja de fato”, presente naquele local há tanto tempo, apresentando e oferecendo todas as atividades já citadas, que ajudaram muitos a se formarem e seguirem suas vidas, pode representar, para muitos, mais do que um templo de uma denominação religiosa. Ela pode representar parte de suas existências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se originou no entrecruzamento das discussões no Grupo de Estudos História da Educação e Religião do Rio de Janeiro (GEHERRIO), com o meu envolvimento nos debates sobre as eleições presidenciais de 2018. Naquela época, eu buscava entender melhor como se deu, na cidade do Rio de Janeiro, o resultado das eleições. Encontrei, por meio de pesquisas nas zonas eleitorais, o bairro de Campo Grande. Observei que ali havia um número significativo de igrejas evangélicas de diferentes denominações. Umais mais, outras menos efêmeras. No intuito de entender melhor este bairro, focalizei a Nossa Senhora do Desterro.

Como objetivo geral, propus construir uma história da presença da paróquia no bairro, de forma que abordasse sua memória e experiências socializadoras – incluindo, aqui, a própria produção de memória. Para os objetivos específicos, abordei como e quando a Paróquia Nossa Senhora do Desterro foi criada ou implementada, procurando entender, através das disputas de memórias, qual o lugar da construção no bairro. Investiguei como se desenvolveram (e se desenvolvem) as experiências educativas e práticas sociais da paróquia no bairro de Campo Grande, além de entender de que maneira a igreja e suas práticas educativas são percebidas/rememoradas pela população local.

Essas questões foram abordadas e analisadas, principalmente, por meio de 14 entrevistas, que foram um dos recursos metodológicos usados nesse trabalho. Todo o processo de concepção das entrevistas, recolhimento, transcrição e tratamento contribuiu para a realização das análises feitas a partir de seus registros. Todas as interações feitas com os entrevistados me proporcionaram uma melhor visão e ideia de todo o meu trabalho. Os fragmentos das entrevistas apresentados e suas análises atendem as finalidades, expressando respostas, discutindo os objetivos propostos e ainda levantando mais questões.

As entrevistas foram sendo realizadas e analisadas seguindo uma reflexão guiada pelo meu questionamento inicial e meus objetivos. Porém, à medida que o trabalho foi sendo feito, novas reflexões foram encontradas e a pesquisa foi se concebendo e se entrelaçando pelos capítulos dois, três e quatro.

Saliento que, como todo o trabalho foi realizado durante a pandemia da Covid-19, muitas entrevistas não puderam ser realizadas, prejudicando muito a pesquisa. Algumas só foram possíveis por meios digitais, pois a interação presencial se tornou impraticável. Além das entrevistas, foi realizado um levantamento documental e bibliográfico que percorreu diferentes áreas acadêmicas, recorrendo a autores da antropologia, sociologia e geografia, proporcionando uma visão ampliada do bairro. Contudo, reafirmo a pesquisa na área da educação,

argumentando que a memória coletiva/social exerce também uma função socializadora e educativa, admitindo que experiências socializadoras também possam ser experiências educativas.

No primeiro capítulo, foi apresentada a introdução do trabalho e minha itinerância. De forma pessoal, trouxe minha história de vida e o porquê da escolha do meu objeto, minhas implicações, motivação e os desdobramentos subsequentes. Aqui, também aponte as reflexões metodológicas e os autores que embasam esta pesquisa, introduzindo ao leitor como as análises serão concebidas.

O capítulo dois abordou sobre o processo de implementação da Paróquia e sua relação com o bairro, as histórias e memórias que são imbricadas ao nascimento do bairro. Em uma investigação, busquei sua origem e assinali algumas discrepâncias sobre a idade do bairro e a origem da paróquia.

O terceiro capítulo versou sobre o tema da memória. Abordei como a Paróquia é percebida pela população por meio das entrevistas. Foram analisadas as investidas para uma construção de memória ligada à paróquia, alguns sentimentos ambíguos entre bairro e paróquia na memória dos entrevistados, o argumento do pertencimento e a identidade produzida ou reproduzida.

Já o quarto e último capítulo, apresentou a questão da localização e sua relevância aos entrevistados, seu cotidiano e como a presença da paróquia ali reflete em suas vidas. Expôs as experiências socializadoras/educativas que a Paróquia oferece, apontando como essas experiências socializadoras podem ser agregadoras, educativas e como estas são percebidas pelos moradores.

Foram observadas nesse trabalho, algumas formas como a Paróquia educa pela memória:

- a) Por meio da presença do edifício: segundo os moradores entrevistados, o edifício da Paróquia em si, pela percepção de sua duração e imutabilidade, torna-se um marco na memória dos moradores, ao contrário dos novos templos evangélicos, que segundo aos entrevistados, são efêmeros, não se distinguem do comércio em geral e não mantêm uma constância na paisagem do bairro.
- b) Pelas festas religiosas e não religiosas: a paróquia oferece diversas festas em seu calendário. Elas atraem não apenas fiéis e moradores próximos, mas também outras pessoas que vão à paróquia para encontrar amigos, adorar, vender artigos artesanais ou se conectarem com suas raízes, como no caso das

festas dos imigrantes. As memórias desses momentos se expressam nas entrevistas.

- c) Por meio das ações sociais: todas as ações sociais que envolvem diversas religiões em atos ecumênicos, como distribuição de alimentos, acolhimento a pessoas em situação de rua em eventos para corte de cabelo e higiene etc.
- d) Através dos eventos culturais: a paróquia apresenta um interesse em valorizar determinadas ações culturais do bairro, envolvendo, assim, os fiéis e moradores. Sediando eventos, como a FriCamp, e abrindo suas portas para artistas locais exporem seus trabalhos, a Paróquia se apresenta também como uma sede cultural.
- e) Por meio dos cursos: cursos diversos são ofertados pela paróquia, desde atividades de dança até programas de pré-vestibular. Ela tende a centralizar em si o suporte educacional do bairro.
- f) Através das pastorais: essas ações pastorais que a Paróquia oferece aos membros e não membros, são também ações socializadoras, onde ali há uma educação e evangelização.

Foi também observado que os agentes da paróquia promovem outras formas de educação pela memória, como a idealização e construção de um centro de memória em frente à Paróquia, na intenção de juntar todo o acervo do bairro, que se encontra com vários colecionadores, reforçando uma centralização da memória do bairro naquele local.

Mediante as entrevistas e minhas visitas ao bairro, concomitante ao caminho que o trabalho tomou, muitas outras observações relevantes surgiram no processo, como a questão política, as memórias das famílias tradicionais do bairro, a centralidade do bairro e a disputa territorial das religiões. Destaco o que poderia chamar de “fronteiras religiosas no bairro”, pois como o bairro de Campo Grande se agigantou no trabalho, muito se falou sobre os trajetos dos moradores e toda a complexidade do bairro na questão territorial e social. O lugar já é objeto de diversos estudos de várias linhas de pesquisa, como geografia, urbanismo, sociologia, história. Então, a questão multirreligiosa também se tornou algo relevante e apontado como questões para futuros trabalhos, visto que foi observado um número elevado de templos evangélicos em determinadas partes do bairro. Já em outras áreas, há um acúmulo maior de templos de religiões de matriz africana e espírita. Muitos entrevistados sinalizaram que o bairro apresenta, ou apresentou, um crescimento elevado de templos pentecostais e neopentecostais em pouco tempo. Ainda apontam a dinâmica fluida e caráter sazonal desses templos.

Outra tese discutida nesta pesquisa foi a Paróquia Nossa Senhora do Desterro ser considerada um local de memória, onde se apoia uma memória coletiva. Foi apresentado, com embasamento em diversos autores, as características que fazem dela um local de memória. Dentro desses argumentos, aponto aqui a Paróquia como depositária de identidade, na qual se produz uma memória social do bairro. No entanto, essa concepção não ficou apenas apresentada nesse trabalho, e sim de maneira formal e pública.

Sou professora do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. Por meio de um concurso realizado em 2016, fui empossada no cargo de PEF (Professor de Ensino Fundamental - anos iniciais) no ano de 2020. Em 2021, estou professora da turma do 5º ano do ensino fundamental. A cada novo ano, a prefeitura envia apostilas bimestrais ou semestrais, caso deste ano. Nessa apostila, são apresentados os conteúdos que devem ser transmitidos aos alunos. No 5º ano, os conteúdos envolvem as disciplinas de: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. A última apostila dos conteúdos de 2021 foi entregue à rede com atraso, no final de agosto do mesmo ano. Planejando as minhas aulas, me deparei com o conteúdo que abordava o conceito de local de memória na disciplina de história. Nesse conteúdo, explicado de forma muito superficial, foi apresentada uma atividade para definir locais de memórias coletiva e individual. E, para minha surpresa, a apostila retratava na atividade a Paróquia Nossa Senhora do Desterro como uma das opções de local de memória, como mostram as imagens da apostila dos alunos:

Figura 22 - Páginas digitalizadas da apostila da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Agora, vamos refletir sobre as memórias coletiva e social.

Os acontecimentos considerados importantes para toda a sociedade são guardados como memória oficial. A memória se expressa nos chamados **Lugares de Memória**. Vamos conhecer o Museu Histórico Nacional!

O **Museu Histórico Nacional**, por sua localização estratégica para defesa da Baía de Guanabara e da própria cidade, teve as primeiras construções que remontam o ano de 1567. Torna-se museu em 1922, dedicando-se à história nacional.

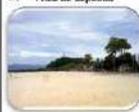
A **Igreja da Penha**, localizada no bairro da Penha, na Zona Norte da cidade, teve o início de sua história com o pagamento de uma promessa, em 1635, pelo capitão Baltazar. A igreja sofreu muitas interferências em sua arquitetura. A última foi em 1900.

1. Você conhece alguns desses lugares de memória coletiva? Converse com sua turma e tente se lembrar de outra memória coletiva. Depois, anote-a aqui.

Rio EDUCAÇÃO

DESAFIO

1. Agora é com você! Escreva quais são os lugares de memória coletiva ou de memória individual, de acordo com as imagens abaixo.

A) Igreja Nossa Senhora do Desterro / Campo Grande	B) Crianças brincando	C) Fábrica Bangul Shopping Bangul
		
D) Uma tarde no parque	E) Praia de Sepetiba	F) Partida de futebol
		

2. No espaço abaixo, faça um cartaz bem caprichado com o registro das memórias coletivas do seu bairro.

Rioeduca

Fonte: A autora (2021).

Para constatar que a apostila realmente estava apontando a Paróquia como um local de memória coletiva, procurei o gabarito de respostas que se encontra nas últimas páginas da apostila e descobri que, de fato, essa era a resposta certa.

Como professora da rede municipal e pesquisadora GEHERRIO, entendo que essa abordagem superficial da temática da memória coletiva e locais de memória para a idealização da paróquia como local de memória coletiva é tendenciosa e contribui para construção de uma memória. Desse modo, para evitar que a paróquia abranja mais esse espaço de propagação de local de memória em minha prática cotidiana, atuei na proposta curricular de “identificar os componentes marcantes da memória coletiva e social do estado do Rio de Janeiro⁵⁴”, de forma a problematizar a atividade proposta pela apostila, realizando um debate em sala de aula sobre a concepção deles de memória e locais de memória, no intuito de trazer à reflexão os riscos que podem advir de idealizar monumentos religiosos como locais de expressão de memória.

Essa atividade na apostila, de alcance municipal, produz e reforça uma ideia de depósito de memória, influência e patrimonialidade do templo católico em oposição a outros, além de oferecer uma manutenção de uma imagem de poder e domínio territorial. Até a imagem da paróquia escolhida para a atividade, aparenta ser pensada e analisada para evocar uma imagem de grandeza.

Figura 23 - Imagem da Paróquia na apostila



Fonte: Material Rioeduca, 5º ano, 2º semestre, p. 69-70, 2021.

⁵⁴ Priorização curricular da secretaria municipal de educação (SME-RJ) para história no 5º ano para o ano de 2021 (p. 10). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12833786/4323364/ApresentacaoPriorizacaoCurricularHistoriarevisado.pdf>.

Seria inócuo conceber que as fotografias não são estudadas para refletir algo, como citam Gonçalves e Head (2009, p. 40):

Seria absurdo ignorar o poder da imagem de nos enganar, de falsificar as experiências às quais apela; em grande parte, é justamente esta capacidade de simular tanto a realidade quanto a vivacidade do mundo que lhes confere tal poder, não só sobre nossas percepções, mas sobre os desejos que animam tais percepções, determinando o que fala e o que se cala frente ao nosso olhar.

Uma fotografia expressiva como esta, “pode seguramente ser identificada como uma imagem de memória, concebida por seu aspecto impressionante, para estimular a memória, destinada a ser representada exclusiva e invisivelmente na memória” (YATES, 2007, p. 130).

Para um aluno que mora em Campo Grande, ou o pai desse aluno que utiliza a apostila para estudar com o filho, ao se deparar com essa imagem, pode lhe transmitir um sentimento de pertencimento e identidade. Levanto essa questão porque meus alunos, ao verem o bairro em que moram, Ramos, referenciado nas minhas atividades, feitas de forma proposital, se enchem de orgulho e sentimento de pertencimento. Um “bairrismo local” é criado quando se veem representados em algo formal, como uma atividade feita por mim. Mas, se sentir representado em uma atividade feita pela Prefeitura do Rio de Janeiro, na apostila da rede, é algo muito marcante, o que mescla ainda mais os sentimentos pelo bairro com a Paróquia, como também apresentado ao longo do trabalho.

A Igreja, como depositária de memória, também apresenta experiências socializadoras, como apontado no trabalho. Essas experiências seguem padrões de alcance e convidam a interação, apresentando ideologias e condutas de vida. Dentro dessa perspectiva socializadora, a paróquia apresentou diversas formas de ser vista e lembrada, como as festas, eventos, cursos e outras atividades sociais disponibilizadas pela mesma. Essas atividades, de cunho ecumênico ou não religiosos, demonstram uma intencionalidade e isso foi apontado em alguns relatos.

Cada trajeto que se decide seguir é uma experiência a ser vivida, com suas errâncias e acertos. Viver uma itinerância é se permitir trilhar vários caminhos, seguir ou retroceder, ir à contramão ou apenas mudar o rumo. Construir esta pesquisa foi uma das experiências mais marcantes de minha vida. Assim como entrar na UERJ, no curso de Pedagogia, me casar, parir um filho. Há quem possa me julgar na comparação, nem um pouco equivalente, entre parir um filho e realizar um mestrado. Entendo perfeitamente como isso pode soar incomum, afinal, o que tem a ver dar à luz a um ser humano no mundo com realizar um trabalho acadêmico? Nos dois casos, milhões de outras mulheres já são pioneiras, não fiz nada extraordinário. Elas gestam desde os primórdios, mulheres defendem trabalhos a todo momento...

Porém, para mim, a construção desse trabalho foi minha segunda gestação. Na qual o fim é o que mais me assusta, me apavora! Minha primeira gestação foi inesperada, conflituosa,

intensa, dramática, cheia de surpresas e superações. Me via presa a um mundo que não era meu, a um corpo que não era o meu, mas dando o meu melhor para transformar aquela situação na melhor possível. Minha segunda, este trabalho, muito esperada, mas pouco preparada. Novamente me via imersa em um mundo que não era meu, um corpo que não me pertencia. Mas queria pertencer, queria ser um igual, trabalhar meu corpo e mente de forma que pudesse me encaixar perfeitamente. Ao final da primeira, toda angústia e ansiedade tomaram conta de mim, e a ideia de ser mãe, de ser fragmentada, era demais e o desespero tomou conta. Na segunda, novamente a angústia e ansiedade tomaram conta e, dessa vez, a ideia de falhar, de não entender e não ser entendida foi novamente demais para mim. Mas assim como na primeira gestação, a segunda também me pareceu uma situação sem volta. A única solução era encarar e viver a experiência da melhor forma que eu conseguisse, com ajuda, com suporte, com tudo que eu conseguisse juntar, para me juntar inteira de novo, eu faria e fiz.

Trouxe ao mundo um lindo menino, saudável e feliz, e, naquele exato momento, trouxe também uma mãe. Uma nova Fernanda, sofrida e fragmentada, mas confiante de que poderia ser a melhor mãe que se propusesse a ser. Aquele momento em nada excluiu todo o processo difícil que foi gestar uma vida, e o luto da perda de uma representação de mim mesma, de uma identidade. Mas se tornou um momento de aprendizado e autoconhecimento incrível que me ajudou a superar minha segunda gestação. Nesse momento em que estou parindo essa pesquisa, trago ao mundo um trabalho acadêmico para todos, porém, para mim, trago ao mundo uma nova Fernanda. Aqui nasce uma nova versão, confiante de que pode melhorar, acreditando que pode voar junto as águias no céu. Que não há lugar que eu não me encaixe, que mesmo com todas as lutas e errâncias na itinerância, posso almejar estar em qualquer lugar. E, mais uma vez, terminar esse trabalho não apaga todas as dificuldades que passei ao longo desse curso. Foram muitas lutas, individuais e coletivas, que não cabe citá-las aqui. Mas, construir este trabalho também foi me construir como pessoa.

Me envolvi completamente e mergulhei totalmente em todos os aspectos que consegui dessa pesquisa, pois investigo meu tempo, atuo com os entrevistados nesse estudo, como comenta Henry Rousso, em sua entrevista com Arend e Macedo:

Uma história [...] na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua. A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos (2009, p. 202).

Me envolvi com o bairro de Campo Grande, que foi se engrandecendo no trabalho. Procurei os autores historiadores locais, os conheci e comprei seus livros. Compus também a memória do bairro. Em uma ocasião de trabalho de campo, a foto tirada junto a senhora Odaléia

Ranauro Enseñat Gelabert, quando a encontrei no momento em que comprei seu livro *Rumo ao Campo Grande: por Trilhas e Caminhos*, foi parar no jornal *O Amarelinho*, periódico de notícias da Zona Oeste⁵⁵.

Figura 24 - Fotos no Jornal *O Amarelinho*



Fonte: https://www.facebook.com/oamarelinhonoticias/about/?ref=page_internal. Acesso em: 25 ago. 2021.

As entrevistas são o cerne desse trabalho. Por meio delas, pude observar as semelhanças nos discursos, os distanciamentos, relacionar textos e, junto com os relatos, entender melhor a dinâmica da Paróquia e como ela compõe a memória dos moradores. Outras questões também foram analisadas, por exemplo, como sua localização geográfica se torna um ponto relevante no cotidiano dos moradores e transeuntes e como suas memórias são atravessadas pela construção, além de quais serem os caminhos que se utiliza para permanecer viva.

Ao longo da presente pesquisa, verifiquei como a paróquia vem se adaptando para sobreviver, realizando uma manutenção dessa memória e criando parcerias para continuar sua educação. Na percepção dos entrevistados sobre esse trabalho da paróquia, ela é tida como ponto turístico, marco fundador, ponto de referência, museu do bairro, local abençoado, local santo, formadora de identidade, monumento e depositário de memória...

A Paróquia Nossa Senhora do Desterro, em sua monumentalidade, se torna uma imagem agente. Uma estrutura constante, “eterna” e familiar para muitos. Patrimonializada na memória dos moradores, suas experiências educativas ajudam a reforçar e perpetuar seu *status* de detentora de memória do bairro de Campo Grande.

⁵⁵ *O Amarelinho Notícias* é um jornal de Campo Grande, que atua como portal virtual de notícias da Zona Oeste. Disponível em: https://www.facebook.com/oamarelinhonoticias/about/?ref=page_internal. Acesso em: 25 ago. 2021.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Schwarcz S.A., 2009, 47 p.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes históricas*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005, 304 p.
- ALMELDA, M. J. A educação visual da memória: imagens agentes do cinema e da televisão. *Pro-Posições*, Campinas, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 9-25, 2016. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644074>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- _____. O triunfo da escolástica, a glória da educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, São Paulo, v. 26, n. 90, p. 17-39, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NPPg3gHfyRhKj4ysFJfC9KR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- AMARAL, R. As mediações culturais da festa. *Rev. Mediações*, Londrina, v. 3, n. 1, jan./jun. 1998, p. 13-22. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9314/0>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- ANJOS, G. Maternidade, cuidados do corpo e “civilização” na Pastoral da Criança. *Estudos Feministas*, Florianópolis v. 15, n. 1, jan./abr. 2007, p. 27-44. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WZBQWZJ6JVH9kXrTr4jB3Xp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- AREND, S. M. F.; MACEDO, F. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009. p. 201-216. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- ARIÈS, P. *O homem diante a morte*. Tradução de Ana Rahaça. França: Editions du Seuil. 1977. 340 p.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Editora Unicamp. 2011, 456 p.
- BARATA, P. H. A. A produção e (re)construção do bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro: uma análise das transformações socioespaciais de 1946 a 2011. *Khóra – Revista Transdisciplinar*, Campo Grande, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. 2014, 23 p. Disponível em: <http://www.site.feuc.br/khóra/index.php/vol/article/view/26>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002. 158 p.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.
- BITTENCOURT, A; LEONARDI, P. L’educationnationale au Brésil et les immigrants religieux européens. *Psihologia Socială*, Editura Polirom, n. 43, v. 1, 2019, p. 11-28.

BLOCH, M. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 160 p.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 ago. 2019.

BOURDIEU, P. (org.). Compreender. In: _____. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 693-736

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. *Respuestas: por una antropología reflexiva*. México: Grijalbo, 1995, 229 p.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016, 142 p.

CANETTI, E. Catolicismo e Massa. In: _____. *Massa e Poder*. Portugal: Cavalo de Ferro Ltda., 2014, p. 195-199.

CASTILHO, M. A. História, identidade e memória local: aspectos da igreja católica em Campo Grande-MS. *Albuquerque: revista de História*, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009, p. 77-104. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3906/3114>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CLAVAL, P. A festa religiosa. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, Goiás, v. 8, n. 1, abr./2014, p. 6-29. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Paul-Claval/publication/272645363_A_FESTA_RELIGIOSA/links/5709c7a908aed09e916f9987/A-FESTA-RELIGIOSA.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

CRUZ, J. A. D. Terra de pardos: entre forros, reinóis e lavouras de cana (Campo Grande, Rio de Janeiro, 1715-1800). *Afro-Ásia*, n. 61, 2020, p. 37-77.

DILLMANN, M. A morte esconde-se sob a beleza dos túmulos: fotografias do arquivo da irmandade São Miguel e Almas de Porto Alegre. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 3, n. 9, jul./dez. 2013, 8 p. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9459>. Acesso em: 22 set. 2019.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Palloti, 2013, 257 p.

FARIA FILHO, L. M. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: _____. (org.). *Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89-125.

FERRETTI, S. *Religião e festas populares*. Comunicação apresentada na Mesa Redonda 06 Religiões / Culturas Populares, na XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina, Buenos Aires de 25 a 28 de setembro de 2007, 12 p. Disponível em: <https://repositorio>

.ufma.br/jspui/bitstream/1/189/1/Religiao%2520e%2520Festas%2520Populares.pdf. Acesso em: 23 out. 2019.

FONSECA, M. V. Educação e escravidão: um desafio para a análise historiográfica. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 2, n. 4, jul./dez. 2002, p. 123-144. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38725>. Acesso em: 05 nov. 2019.

FONSECA, P. R. As contradições entre centralidade e mobilidade na periferia do Rio de Janeiro: o caso do bairro de Campo Grande. *Revista Online Pesquisa Urbana – Chão Urbano*, v. 1, 2013, 20 p. Disponível em: <http://www.chaourbano.com.br/visualizarArtigo.php?id=63>. Acesso em: 07 nov. 2019.

FRANCISCO, J. C. B. *Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: memória coletiva e escolhas individuais*. 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2005.

FRÓES, J. N. S.; GELABERT, O. R. E. *Rumo ao Campo Grande: por trilhas e caminhos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Grafica Brunner, 2017, 247 p.

FRÓES, J. N. S. *Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande: a história de uma freguesia do arcebispado do Rio de Janeiro revista e documentada*. Rio de Janeiro [s.n.], 2006, 154 p.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblema, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

GOMES, E. E. Festa e pós-festa: a socialização de jovens evangélicos na metrópole. In: MELLO, L. et al. *Questões de sociologia: debates contemporâneos*. Goiânia: Cãnone, 2012, p. 51-73.

GONÇALVES, M. A., HEAD, S. *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda, 2009. 306 p.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990, 190 p.

LÉGER, D. H. Catolicismo: a configuração da memória. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, 2005, p. 87-107. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_leger.pdf. Acesso em: 02 fev. 2020.

LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, 504 p.

LEONARDI, P. Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, 9 jun. 2013, p. 295-312. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/22910>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LEONARDI, P. Uma análise das tensões e disputas em torno das práticas educativas da Igreja Católica. *Quaestio – Revista de Estudos em Educação*, [S.l.], v. 14, n. 2, 2012, p. 317-336. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs3/index.php/quaestio/article/view/1015>. Acesso em: 02 mar. 2020.

LOURO, G. L. O cinema como pedagogia. In: VEIGA, C. G.; LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002, p. 423-446.

LUCENA, F. História da Fazenda de Santa Cruz. *Diário do Rio*, 2 fev. 2020, Cidade. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-da-fazenda-santa-cruz/>. Acesso em: 04 maio 2020.

MANSUR, A. L.; MORAIS, R. *Fragmentos do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edital. 2014, 167 p.

MANSUR, A. L. *O velho oeste carioca: história da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) do século XVI ao XXI*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2008, 80 p.

MENDES, G. F. *Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais*. 2009. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe. 2009.

MILHOMENS, C, A. S. Processo de verticalização habitacional no bairro de Campo Grande: um estudo de caso. *Khóra - Revista Transdisciplinar*, Campo Grande, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, 2017, 23 p. Disponível em: <http://www.site.feuc.br/khóra/index.php/vol/article/view/115>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MORENO, A.; SEGANTINI, V. C. Educação do corpo na e pela linguagem da lei: potencialidades da legislação como fonte. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 11, n. 1, 2008, p. 71–80. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v11i1.1822>. Acesso em: 10 maio 2020.

MOTA, M. S. C. *Nas terras de Guaratiba: uma aproximação histórico-jurídica às definições de posse e propriedade da terra no Brasil entre os séculos XVI- XIX*. 2009. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez. 1993, p.7-28. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&assdt=0%2C5&q=Entre+Mem%C3%B3ria+E+Hist%C3%B3ria.+A+problem%C3%A1tica+dos+lugares&btnG=>. Acesso em: 20 ago. 2019.

OLIVEIRA, M. A. S. A. Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: entre o rural e o urbano. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 45, ago./dez., 2017, p. 325-349. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/79137>. Acesso em: 06 ago. 2019.

OLIVEIRA, M.; DENNY, C. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, v. 6, n. 11, 2007, p. 23-32. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4748>. Acesso em: 28 ago. 2021.

OLIVEIRA, N. S.; LIMA, C. F. *A centralidade da periferia: o bairro de Campo Grande*. XVI Congresso Internacional FoMerco, UFBA, Salvador, set. 2017, 16 p.

OLIVEIRA, R. L. *Centralidade na periferia: a centralidade de Campo Grande na Zona Oeste da metrópole carioca*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Escola Politécnica Programa de Engenharia Urbana, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, V. L. A. A Zona Oeste colonial e os mapas de população de 1797: algumas considerações sobre lavradores partidistas e produção agrária de Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba no século XVIII. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 10, 2016, p. 233-258. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e10_a13.pdf. Acesso em: 11 mar. 2019.

PACHECO, R. A. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 60, 2010, p. 143-154. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kzjDrTkL3qCWxkpX7bnwYdd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2020.

PAULA, K. A.; ORLANDO, E. A. A revista Família Cristã e o potencial educativo pela imprensa. *Métis: História e Cultura*, v.18, n. 36, jul./dez., 2019, p. 91-112. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/8952>. Acesso em: 23 set. 2021.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Pollak-memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

PROST, A. As questões do historiador: os tempos da história. In: _____. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1990, p. 75-114.

RIBEIRO, I. Igreja Católica e Estado: matrizes referenciais de valores dirigidos à família. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, nov. 1994, p. 86-93. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/880/886>. Acesso em: 25 out. 2019.

ROVERE, R. L. *et al.* *Desenvolvimento econômico local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu entorno: diagnóstico sócio econômico do local*. Projeto FAPERJ: Instituto de Economia - UFRJ, 2009, 118 p. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/planodiretor/pd2009/ufrrjpd/textos/diagnosticozonaoste.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

SALGADO, I. PEREIRA, R. B. A formação de núcleos urbanos no Brasil colônia: procedimentos para elevar freguesias a vilas na capitania de São Paulo na segunda metade do século XVIII. *Dossiê Brasil-África do Sul*, Paranoá, n. 18, 2017, 21 p. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n18>. Acesso em: 10 maio 2019.

SANTOS, E. S. *et al.* A centralidade urbana do bairro de Campo Grande – Rio de Janeiro. *Revista da Gama e Souza*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, jan./jun. 2020, p. 45-57.

SANTOS, L. S.; RIBEIRO, J. L. F. O que querer vender quer dizer: urbanização e conflitos de terra através dos classificados imobiliários do Sertão Carioca (1927-1964). *Revista IDEAS*, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007, p. 78-94. Disponível em: <https://revistaideas.ufrrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/41/41>. Acesso em: 25 set. 2019.

SANTOS, M. S. *Memória coletiva e identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2013.

SEFFNER, F. *et al.* Respostas religiosas à AIDS no Brasil: impressões de pesquisa acerca da pastoral de DST/AIDS da Igreja Católica. *Ciências Sociais e Religião*, Campinas, São Paulo, v. 10, n. 10, 2008. p. 159–180. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13220>. Acesso em: 02 jul. 2021.

SETTON, M. G. J. As religiões como agentes da socialização. *Cadernos CERU*, [S.l.], v. 19, n. 2, dez. 2008, p. 15-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11855/13632>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SILVA, A. L.; ORLANDO, E. A. Memória e patrimônio na história da educação: possibilidades e desafios. *Cadernos de História da Educação*, v. 18, n. 2, mai./ago., 2019, p. 425-444. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n2-2019-9>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, M. A. *Juventude e religiosidade: processos de socialização de jovens em grupos pastorais*. 2017. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Bacabal, Maranhão, 2017. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4014/1/Marcones%20A.da%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SILVA, P. V. B.; NETO, B. R. *Fazenda Bangu: a joia do sertão carioca*. Rio de Janeiro: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020, 306 p.

SOUZA, C. E. *A evolução econômica e populacional de Campo Grande: século XX*. Rio de Janeiro: Edital, 2017, 69 p.

_____. A criação de um subcentro em Campo Grande. Rio de Janeiro: Pequena Tiragem, 2018, 95 p.

SOUZA, L. A. G. As várias faces da Igreja Católica. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004, p. 77-95. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/znyXdN4QDWCbzNJjQFThKKM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TOSTES, A. P. C. *O lugar social dos homens “pardos” no cenário rural da cidade do Rio de Janeiro (Recôncavo da Guanabara, freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, século XVIII)*. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2012.

VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: _____. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 23-44.

VIEIRA, W. S. *NÚCLEO SOCIALISTA DE CAMPO GRANDE: interações entre memórias e história em contexto local*. 2015. 138 f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11558/Tese-William_Defesa_10_08-com-fc.pdf?sequence=1. Acesso em: 19 maio 2021.

YATES, F. A. *A arte da memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007, 504 p.

APÊNDICE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado para pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada “**IGREJA NOSSA SENHORA DO DESTERRO E CAMPO GRANDE: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS**”, desenvolvida por Fernanda de Oliveira Felix de Almeida, sob a orientação da Professora Doutora Paula Leonardi.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e de que minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.

Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Autorizo a citação do meu nome e de trechos – totais ou parciais – da entrevista na dissertação e artigos resultantes das análises a partir desta pesquisa.

() SIM () NÃO

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Assinatura da participante:

Assinatura da pesquisadora:
